

Guilherme Fernando Soares Moreira

## **Bullying na Formação Profissional: Um Estudo de Caso no Sistema de Aprendizagem**

Projeto submetido como requisito parcial para  
obtenção do grau de MESTRE

Orientação

Prof. Doutor José Alberto Lencastre

— MESTRADO EM EDUCAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO EM  
ADMINISTRAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES EDUCATIVAS



## **Agradecimentos**

Ao Professor Doutor José Alberto Lencastre, pela excelente orientação, apoio e disponibilidade que evidenciou ao longo do tempo. Não posso deixar de agradecer também o seu profissionalismo na transmissão de conhecimentos, muito uteis na superação das dificuldades decorrentes do trabalho realizado.

À minha companheira, família e amigos que me apoiaram e incentivaram para a realização deste trabalho.

À Entidade que me acolheu, nas pessoas do seu Diretor, psicóloga, formadores e formandos cuja disponibilidade e participação tornaram possível este trabalho.

A todos, o meu muito obrigado.



## RESUMO

O *bullying* é um fenómeno social que afeta crianças e jovens em contexto escolar. Partindo deste pressuposto, este estudo teve como principal objetivo aferir a expressão do *bullying* nos cursos de formação profissional, nomeadamente nos cursos de dupla certificação do Sistema de Aprendizagem, para compreender em que medida uma coordenação de proximidade poderá impedir ou minimizar situações de *bullying* entre os formandos. A opção metodológica é qualitativa e interpretativa, com um design de estudo de caso, já que se pretendeu compreender os significados que os intervenientes no estudo atribuem ao fenómeno e seus efeitos. O estudo consumou-se através de inquéritos por entrevista do tipo focus group a dois grupos de formandos e entrevista individuais a elementos chave do processo formativo. Os resultados permitem concluir que se verifica desconforto na abordagem do tema. Conclui-se que os formandos percecionam o fenómeno como muito negativo e com efeitos perversos na vida das vítimas, perpetradores e intervenientes indiretos. Numa rutura com as perceções dos profissionais de formação, os formandos consideram os agressores como jovens que não estão integrados e que também sofrem, pelo que precisam de ajuda. Não sendo possível, no âmbito deste estudo, encontrar umnexo de causalidade entre atos de *bullying* e absentismo ou abandono precoce da formação, identificou-se a necessidade de intervenção constante e próxima da coordenação para gerir potenciais conflitos e dinamizar ações de sensibilização e procedimentos de boas práticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bullying, Ensino Profissional, Vítimas, Bullies



## **ABSTRACT**

This essay's main objective is to assess the Bullying manifestation on the vocational training courses, namely on the double certification courses of the Learning System, to understand in what measure a proximity coordination can stop or minimize the Bullying situations among trainees.

The investigating methodological option focused on the qualitative and interpretative analysis, with a study case design, since its intention is to understand the meaning that the intervenient on the study give to the phenomenon and its effects.

This study aimed to appreciate the prevalence of the phenomenon on the vocational training compared with the regular teaching, identify the profiles of the intervenient (victims and assaulters), understand the acting patterns and the effects of Bullying on the learning process, namely on the absenteeism and dropout from the vocational training.

Considering the participants' subjectivity, we concluded that there's a discomfort when approaching this topic. We concluded that the trainees' perception regarding the phenomenon is very negative and has negative effects on the victim, perpetrator and indirect intervenient.

Against the vocational training professional's perception, the trainees consider the assaulters as young people who are not integrated and that also suffer, and thus need help.

Not being possible, under the scope of this study, to find causal link between the bullying acts and the absenteeism or early dropout from training, we identified the need for close and constant intervention to manage potential conflicts and develop awareness campaigns and procedures of good practices.

**Keywords:** Bullying, Vocational Courses, Victims, Bullies



# Índice

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
1.1. Contextualização do estudo .....	2
1.2. Identificação do Problema .....	7
1.3. Questão de investigação .....	7
1.4. Objetivos específicos do estudo.....	8
1.5. Relevância do estudo .....	8
1.6. Estrutura da dissertação .....	9
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>10</b>
2.1. Breve resenha histórica sobre o estudo do Bullying.....	10
2.2. Tipologia do bullying .....	12
2.3. As causas do bullying – teorias explicativas.....	13
2.4. Padrões de atuação dos agentes de bullying.....	14
2.5. Alguns estudos sobre os efeitos do bullying nos estabelecimentos de ensino e formação .....	19
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>24</b>
3.1. Opção metodológica .....	24
3.2. Descrição do estudo .....	24
3.3. Participantes.....	27
3.4. Método e técnicas de recolha de dados .....	30
3.4.1.Observação participante .....	30
3.4.2.Inquérito por entrevista coletiva do tipo Focus group com formandos do Sistema de Aprendizagem.....	32
3.4.3.Inquérito por entrevista a intervenientes significativos do processo formativo..	35
3.5. Método e técnicas de análise dos dados .....	37
3.6. Calendarização das atividades .....	40
3.7. Confiabilidade.....	41

<b>4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS</b> .....	43
4.1. A conceitualização do <i>Bullying</i> na voz dos atores do processo formativo no Sistema de Aprendizagem .....	43
4.1.1. Formandos – Vítimas e agressores .....	46
4.1.2. Formadores e Técnicos intervenientes no processo formativo .....	51
4.2. Síntese da Análise de conteúdo .....	55
<b>5. CONCLUSÕES</b> .....	57
5.1. Considerações finais .....	57
5.2. Limitações do estudo .....	61
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	63
6.1. Legislação .....	67
<b>7. ANEXOS</b> .....	68

## **ABREVIATURAS UTILIZADAS**

CET- Cursos de Educação Tecnológica

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

EFA – Educação e Formação de Adultos

CFIEFP – Centro de Formação do Instituto de Emprego e Formação Profissional

HBSC – Health Behavior of School-aged Children

IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgéneros

MMS – Multimédia Massaje Servisse

OMS – Organização Mundial de Saúde

PSP – Polícia de Segurança Pública

RGPD – Regulamento Geral de Proteção de Dados

RVCC – Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências

TEIP – Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

SA – Sistema de Aprendizagem

SMS – Short Message Service

UFCD – Unidade de Formação de Curta Duração



## **ÍNDICE DE TABELAS**

Tabela 1: Organização do Sistema Educativo Português .....	3
Tabela 2: Tipo de ocorrências .....	18

## ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro 1 - Sistematização das Aptidões adquiridas por níveis de qualificação .....	4
Quadro 2 - Variação de Formandos no curso de Técnico de Química Industrial.....	27
Quadro 3 - Formandos a frequentar o curso de Técnico de Química Industrial – 1º Focus Group .....	28
Quadro 4 - Formandos a frequentar cursos do Sistema de Aprendizagem e que participaram no 2º Focus Group .....	29
Quadro 5: Sistematização das entrevistas efetuadas.....	30
Quadro 6: Síntese dos Instrumentos utilizados na recolha de dados .....	40
Quadro 7: Objetivo 1. Identificar a perspetiva dos intervenientes no processo formativo sobre o bullying.....	44
Quadro 8: - Bullying: Conceitos e Preconceitos .....	45
Quadro 9: Objetivo 2. Aferir a existência de relações intrínsecas entre o bullying e o absentismo e abandono da formação .....	46
Quadro 10 - Efeitos do fenómeno de bullying no processo formativo.....	46
Quadro 11: Objetivo 3. Estabelecer estratégias de identificação, acompanhamento e empoderamento das potenciais vítimas .....	48
Quadro 12- Estratégias de identificação, acompanhamento e empoderamento dos formandos.....	49
Quadro 13: Objetivo 4. Propor procedimentos de boas práticas .....	50
Quadro 14: - Ações e Procedimentos preventivos .....	50
Quadro 15: - Aferir a existência de relações intrínsecas entre o bullying e o absentismo e abandono da formação .....	51
Quadro 16 - Efeitos do fenómeno de bullying no processo formativo.....	52
Quadro 17: Objetivo 3. Estabelecer estratégias de identificação, acompanhamento e empoderamento das potenciais vítimas .....	53
Quadro 18: - Estratégias de identificação, acompanhamento e empoderamento dos formandos.....	53
Quadro 19: Objetivo 4. Propor procedimentos de boas práticas, na perspetiva dos formadores .....	54
Quadro 20: - Ações e Procedimentos preventivos .....	54

## ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 1- Ciclo de Bullying .....	17
-----------------------------------	----



## 1. INTRODUÇÃO

*“Muitas vezes era discriminada pelo meu aspeto e pela minha nacionalidade.  
Todos os dias faziam pouco de mim, tratavam-me como se eu fosse lixo.”*

Relato de uma aluna no focus group

O bullying, sendo um fenómeno social que afeta crianças e jovens em contexto escolar, afirma-se como transversal, afetando todos os graus de ensino e uma diversidade de vítimas que urge conhecer para intervir.

É considerado o mais comum dos conflitos infantojuvenis em contexto educativo e dos que mais preocupa pais e profissionais de educação, pois, além de ser condicionante da relação dos alunos com a Escola, com fortes impactos no aproveitamento, absentismo e abandono, pode deixar marcas permanentes e, em situações mais extremas, poderá conduzir a tentativas de suicídio ou mesmo à morte.

Segundo Olweus (1993, p.10 ) *“Um aluno é vítima de bullying quando ele ou ela são expostos, repetidamente e ao longo de um determinado período de tempo, a atos negativos por parte de um ou mais estudantes”*, podendo estes comportamentos disruptivos serem repetidos e praticados a nível físico, verbal, psicológico ou mesmo sexual, tendo a jovem vítima muita dificuldade em se defender e em exteriorizar os seus receios, traumas e frustrações.

A maioria dos estudos nacionais relacionados com o fenómeno de *bullying* revelam que aproximadamente 1 em cada 5 estudantes estão diretamente envolvidos neste tipo de comportamentos seja como vítima seja como agressor (Carvalhosa, Lima, & Matos, 2001). Este número, só por si, já é deveras preocupante. Se pensarmos que este estudo apenas reflete investigações relativas ao Sistema Educativo regular, a preocupação cresce.

Todos os anos saem do Sistema Educativo um elevado número de jovens que, por razões várias, acumulam experiências de insucesso. Estes jovens procuram no Ensino Profissional, ministrado fora das escolas públicas, uma oportunidade para concluírem o ensino obrigatório. Uma dessas oportunidades é assegurada pelos cursos profissionais do Sistema de Aprendizagem, destinados a jovens de idades compreendidas entre os 16 e os 25 anos de idade.

Neste contexto educativo, as relações estabelecidas entre os jovens são marcadas pelas experiências passadas e tendem a reproduzir alguns dos comportamentos estabelecidos em etapas anteriores.

Os gestores, coordenadores e formadores dos cursos do Sistema de Aprendizagem deparam-se com todas as dificuldades, desafios e problemas do Sistema Educativo regular, nomeadamente o relacionamento interpessoal dos formandos, a agressividade juvenil, os conflitos, o abandono e o absentismo, acrescidas das revoltas e frustrações pessoais daqueles que se consideram marginalizados pelo sistema. Nesta perspetiva, e porque não existem significativos estudos do fenómeno *bullying* na formação profissional, considero pertinente conhecer, compreender esta realidade com o objetivo de contribuir para melhorar a coordenação e gestão destes mesmos cursos.

### 1.1.Contextualização do estudo

Os Cursos do Sistema de Aprendizagem são cursos de formação profissional inicial que privilegiam a inserção no mercado de trabalho e permitem a prossecução dos estudos, concedendo dupla certificação – escolar e profissional (12º ano, Nível IV).

Esta formação é transversal e está organizada em diferentes componentes de formação, com conteúdos programáticos específicos e distintos:

- **Componente sociocultural** (inclui as UFCD's Viver em Português, Comunicar em Língua Inglesa, Mundo Atual, Desenvolvimento Pessoal e Social, Tecnologias de informação e comunicação);
- **Componente científica e componente tecnológica** (inclui UFCD's diversas de acordo com o referencial de qualificações de um determinado percurso);
- **Prática em contexto de trabalho** (formação em empresas ou entidades, de acordo com a área de formação).

São cursos em **regime de alternância**, que garante a interação entre a formação teórica, em sala de formação, e os contextos em que as mesmas decorrem, sendo a formação prática, realizada em contexto de trabalho, distribuída de forma progressiva ao longo do curso.

Os cursos têm, geralmente, uma duração que pode ir **dos 2 anos e meio aos 3 anos**, o que equivale a cerca de 3.700 horas de formação e podem ser ministrados nos centros

de formação do IEF e em escolas profissionais e outras entidades formadoras externas, devidamente acreditadas.

Para melhor enquadrar a importância da formação profissional de dupla certificação, designadamente o Sistema de Aprendizagem, apresenta-se uma pequena reflexão sobre a organização do Sistema Educativo português, de acordo com o modelo apresentado na tabela 1, uma vez que os estudos de investigação que alicerçam este trabalho são, essencialmente, efetuados no sistema educativo inicial.

**Tabela 1: Organização do Sistema Educativo Português**

3-6 anos	6-10 anos	10-12 anos	12-15 anos	15-17 anos			A partir dos 17 anos					
Pré-escolar	Ensino Básico			Ensino Secundário			Ensino Pós-Secundário	Ensino Superior				
Jardim-de-infância	1.º ciclo	2.º ciclo	3.º ciclo	Científico-Humanísticos	Tecnológicos	Profissionais	Artísticos	CET	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento	Pós graduações

**Educação e Formação de Jovens e Adultos**

Fonte: Agência Nacional de Qualificações

De uma forma sucinta, e apenas para se compreender a dinâmica organizativa da formação profissional, apresenta-se um resumo dos diferentes níveis de ensino.

A EDUCAÇÃO PRÉ ESCOLAR, sendo de frequência facultativa, inaugura a entrada da criança no sistema educativo e destina-se a crianças entre os 3 anos e a idade em que entram no ensino obrigatório.

A EDUCAÇÃO BÁSICA divide-se em 3 ciclos, sendo o 1.º ciclo destinado à aquisição de competências básicas; o 2º ciclo permite a organização em várias áreas do saber, em regime de pluridocência e o 3º ciclo visa a preparação para prosseguimento de estudos ou entrada na vida ativa.

O ENSINO SECUNDÁRIO, continuando a apostar na preparação para prosseguimento de estudos ou entrada na vida ativa, obriga a uma escolha de área de estudos. Os jovens

têm de fazer uma seleção das diferentes modalidades dependendo do objetivo. No caso dos cursos científico-humanísticos, para prosseguir estudos no ensino superior, a oferta formativa divide-se em Ciências e Tecnologias, Línguas e Humanidades, Ciências Socioeconómicas e Artes Visuais. Esta obrigatoriedade de opção leva a que muitos jovens façam uma escolha que se vem a revelar frustrante, conduzindo ao abandono e à procura de outras oportunidades.

Os cursos profissionais, os tecnológicos e os artísticos especializados, não impedindo a prossecução dos estudos, são organizados e vocacionados para a entrada no mercado de trabalho. Assim, os níveis de qualificação e as aptidões adquiridas também diferem, conforme se pode ver no quadro 1.

**Quadro 1 - Sistematização das Aptidões adquiridas por níveis de qualificação**

<b>Nível de Qualificação</b>	<b>Qualificação obtida</b>	<b>Aptidões adquiridas</b>
<b>Nível 1</b>	2.º ciclo do ensino básico	Aptidões básicas necessárias à realização de tarefas simples.
<b>Nível 2</b>	3.º ciclo do ensino básico ou por percursos de dupla certificação	Aptidões cognitivas e práticas básicas necessárias para a aplicação da informação adequada à realização de tarefas e à resolução de problemas correntes.
<b>Nível 3</b>	Ensino secundário vocacionado para o prosseguimento dos estudos a nível superior	Aptidões cognitivas e práticas necessárias, capazes de selecionar e aplicar métodos, instrumentos, materiais e informações básicas para a realização de tarefas e a resolução de problemas.
<b>Nível 4</b>	Ensino secundário obtido por percursos de dupla certificação ou ensino secundário vocacionado para prosseguimento de estudos de nível superior acrescido de estágio profissional – mínimo de 6 meses	Múltiplas aptidões cognitivas e práticas necessárias para conceber soluções para problemas específicos numa área de estudo ou de trabalho.
<b>Nível 5</b>	Qualificação de nível pós-secundária não superior com créditos para prosseguimento de estudos de nível superior	
<b>Nível 6</b>	Licenciatura	
<b>Nível 7</b>	Mestrado	
<b>Nível 8</b>	Doutoramento	

**Fonte: Agência Nacional de Qualificações**

Na verdade, na maioria dos casos, os candidatos ao Sistema de Aprendizagem evidenciam possuir um percurso escolar de insucesso, pelo que o SA funciona como uma

alternativa para conclusão do ensino secundário e conseqüentemente obtenção de emprego. Porém, a adaptação a este modelo nem sempre é fácil, devido a vários fatores, nomeadamente:

- Grandes diferenças de idades e de vivências pessoais e sociais;
- Existência de regras diferentes do ensino regular;
- Organização da formação (cronograma, período de férias, avaliação, duração) é diferente do ensino regular;

Esta diversidade de perfis e de expectativas, faz surgir interações ambíguas, com relações de liderança e de dominância, de conflito e cumplicidade, de agressividade e passividade, de motivação e desinteresse que urge compreender para intervir.

Partindo deste pressuposto, a escolha do Sistema de Aprendizagem para contexto do estudo surgiu com naturalidade e evidência, pelo interesse e responsabilidade profissional.

Numa primeira fase, a minha escolha centrou-se num curso de SA a funcionar numa unidade orgânica do IEFP, mas devido a condicionantes de validação e autorização foi necessário alterar o campo empírico e optou-se por efetuar o estudo numa entidade externa devidamente certificada e acreditada para ministrar formação financiada, nomeadamente cursos do SA.

A Entidade, fundada em 29/04/2003, define como perfil estratégico a valorização do capital humano e o desenvolvimento socioeconómico da região onde exerce a sua atividade, desenvolvendo projetos de formação técnico-profissional, de intervenção social e de apoio empresarial.

É uma entidade que participou no II e III Quadros Comunitários de Apoio (QCA), no Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN) e no Quadro de Apoio Financeiro Comunitário “Portugal 2020”. É certificada pela SGS<sup>1</sup> para as atividades de prestação de serviços de formação profissional, cumprindo os requisitos da NP EN ISO 9001:2008 – SISTEMAS DE GESTÃO DA QUALIDADE.

Acreditada desde a sua fundação como entidade formadora pelo IQF – Instituto para a Qualidade na Formação, é atualmente uma entidade formadora certificada pela DGERT - Direção Geral do Emprego e das Relações de Trabalho e faz parte da Bolsa de

---

<sup>1</sup> [www.sgs.com/en/Our-Company/Certified-Client-Directories](http://www.sgs.com/en/Our-Company/Certified-Client-Directories)

Entidades Formadoras Externas do IEF, IP - Instituto do Emprego e Formação Profissional, para o desenvolvimento de ações de formação.

Assumem como missão “contribuir para o desenvolvimento sustentado das pessoas e das entidades empregadoras, através da formação estratégica potenciada por tecnologias de informação e metodologias inovadoras”.<sup>2</sup>

É, desde 2017, considerada Centro Qualifica, com uma oferta vocacionada para adultos (com mais de 18 anos) que pretendem ver reconhecidos os conhecimentos e competências que adquiriram ao longo da vida e a jovens (com mais de 15 anos) que não se encontrem a frequentar modalidades de educação ou de formação e que não estejam inseridos no mercado de trabalho.

A este público-alvo, a Entidade oferece a possibilidade de reconhecer, validar e certificar competências profissionais e/ou escolares, através de processos de RVCC. Oferece ainda a possibilidade de frequentar outras ofertas de educação e formação (Formação Modular, Cursos de Aprendizagem, Cursos EFA, CET’S ou outras formações) mais adequadas ao perfil dos candidatos.

Relativamente aos cursos de Aprendizagem tem, atualmente seis ações a decorrer, num total de 100 formandos. Tem, ainda, três cursos previstos para o ano letivo 2018/2019, a iniciar em breve (com inscrições abertas).

A oferta formativa está muito vocacionada para as necessidades do tecido empresarial da região, designadamente:

- Técnico(a) de Química Industrial;
- Técnico Instalador de Sistemas solares fotovoltaicos;
- Técnico de Manutenção Industrial de Metalurgia e Metalomecânica;

Contam, atualmente, com uma equipa formativa constituída por 17 formadores, divididos pelas três componentes constitutivas dos cursos de aprendizagem (formação base, formação científica e formação tecnológica), uma psicóloga e uma coordenadora técnico pedagógica. Esta equipa é apoiada por uma técnica administrativa, um diretor geral, um economista, um auxiliar de serviços gerais e duas técnicas de apoio.

Com base neste contexto formativo, consideramos que a Entidade reúne as condições pretendidas para o desenvolvimento do estudo empírico.

---

<sup>2</sup> Site da Entidade

O foco deste estudo foi o curso de Técnico(a) de Química Industrial que tem atualmente 11 formandos, dos 20 que iniciaram o percurso formativo, e que frequentam o 2.º período do referido curso.

## **1.2. Identificação do Problema**

Todos os anos, se verifica a necessidade de incrementar a oferta de cursos no Sistema de Aprendizagem para responder ao número crescente de jovens que abandonam o Sistema Educativo regular e, na maioria dos cursos, verifica-se um crescente abandono e absentismo, com os jovens a alegarem que não se integraram, acusando, sobretudo, os colegas e o ambiente por eles criado.

Os discursos dos formandos sobre as suas vivências relacionais e significados sociais e culturais, permitiram especificar alguns dos papéis assumidos por eles e perceber qual a importância atribuída às relações entre pares e a influência destas no sucesso educativo enquanto formandos do SA ou, pelo contrário, no abandono e absentismo, tendo como referenciais teóricos o conceito de *bullying*.

Tendo presente o decurso da prática profissional diária e as experiências vividas no contexto, alavancadas pelas leituras efetuadas, várias foram as inquietações e as questões colocadas à investigação, nomeadamente: Como se caracterizam as relações entre os formandos dos cursos do Sistema de Aprendizagem? Qual a incidência da violência entre pares e do *bullying*, em particular, no centro de formação? Como se organiza o tempo de descanso (pausas) no Sistema de Aprendizagem? Como se relaciona o uso dos espaços de lazer com o problema do *bullying*? Como é que o desenvolvimento de processos de coordenação e administração humanista poderá melhorar a convivência entre formandos?

Definiu-se, assim, como objetivo deste estudo aferir a expressão do “*Bullying*” nos cursos de aprendizagem para criar estratégias de controlo do fenómeno na formação profissional.

## **1.3. Questão de investigação**

Em que medida uma coordenação de proximidade na formação profissional poderá impedir ou minimizar situações de *bullying* entre os formandos?

#### **1.4. Objetivos específicos do estudo**

Definimos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar a perspetiva dos intervenientes no processo formativo sobre o *bullying*.
- Aferir a existência de relações intrínsecas entre o bullying e o absentismo e abandono da formação.
- Estabelecer estratégias de identificação, acompanhamento e empoderamento das potenciais vítimas.
- Propor procedimentos de boas práticas a nível de toda a equipa formativa.

#### **1.5. Relevância do estudo**

O presente estudo emergiu do interesse e da vontade de compreender as realidades socio-relacionais e trajetórias educativas e foi induzida pela minha prática profissional no Instituto de Emprego e Formação Profissional, onde, para além de outras modalidades formativas, acompanho os cursos do Sistema de Aprendizagem.

Este estudo insere-se numa preocupação mais lata com as questões do absentismo e abandono dos percursos formativos de jovens formandos, sendo que muitos deles já esgotaram as possibilidades de voltar a integrar outros cursos do SA.

Questionados sobre as motivações da desistência, depara-se com uma barreira de silêncio ou com a alusão ao ambiente formativo agressivo. Estes factos vão ao encontro ao senso comum que considera que o ambiente dos cursos profissionais em geral, e o SA em particular, é violento. Esta é também a opinião de muitos formadores, mesmo daqueles que nunca ministraram formação no SA.

Há sempre alguém que refere a existência de um (ou vários) elemento(s) que dominam o ambiente formativo, impedindo formandos e formadores de desenvolver a ação formativa, conforme estava prevista. No entanto, estes factos são apresentados de forma avulsa e sem sustentação de estudos concretos.

Assim, considero ser relevante uma abordagem desta problemática de modo a compreender o fenómeno para se intervir, com vista a dinamizar boas práticas que possam beneficiar todos os intervenientes do processo formativo.

## 1.6. Estrutura da dissertação

Por uma questão de organização formal, a presente dissertação está dividida em capítulos sequenciais que expressam o desenrolar do trabalho efetuado.

Inicia-se com a apresentação do contexto da pesquisa, a problemática e os objetivos que se pretendem atingir, assim como a justificação da escolha do tema, pela relevância que um estudo do *bullying* na formação profissional pode trazer para a prática diária.

O capítulo 2 apresenta a revisão de literatura, onde se apresenta uma breve resenha histórica sobre o estudo do *bullying*, referindo os contributos dos estudos efetuados não só a nível nacional como a nível internacional. Através dos dados colhidos pelos diversos investigadores citados, foi possível identificar tipologias do *bullying*, padrões de atuação dos agentes e teorias explicativas das causas do fenómeno. Para fundamentar esta pesquisa, apresenta-se também alguns estudos sobre os efeitos do *bullying* nos estabelecimentos de ensino e formação.

O capítulo 3 apresenta a metodologia utilizada no estudo empírico, justificando as opções metodológicas e traçando a trajetória da pesquisa e a apresentação dos participantes, bem como os métodos de análise, não deixando de evidenciar a fidelização e validade.

O capítulo 4 destina-se à discussão dos resultados, tendo em conta a fundamentação teórica e os objetivos formulados.

Encerra-se a dissertação com as considerações finais e as necessárias referências bibliográficas que sustentaram este estudo.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

Considerando que a “*definição de um conceito em investigação científica não deve ser dissociado do corpo teórico no qual se inscreve para manter o estatuto de utilidade operacional (...)*” (Pereira, 2002), inicia-se este trabalho procurando enquadrar a problemática através da revisão da literatura, com o objetivo de contribuir para o esclarecimento do conceito de *bullying*.

Na realidade, a palavra *bullying* não tem uma tradução fiel para a língua portuguesa, estando muitas vezes associada a agressividade. Trata-se de um comportamento pautado por uma agressividade gratuita dirigida aos pares. É importante referir que este fenómeno deve ser entendido como anómalo e não confundido com agressividade normal das brincadeiras praticadas por crianças ou adolescentes.

O desejo de se afirmar, de assumir um papel preponderante dentro do grupo de pares é inerente à socialização infantojuvenil, tomando maior ou menor visibilidade e/ou irreverência de acordo com a personalidade dos indivíduos. É, por isso, necessário identificar claramente as motivações e os padrões de atuação dos agentes de *bullying*.

Na demanda da compreensão do fenómeno, surgiu uma questão subjacente – como enquadrar o *bullying* na conceptualização social da adolescência e juventude – que orientou a revisão da literatura, uma vez que é essencial distinguir a irreverência da juventude do *bullying*.

Assim, foram efetuadas leituras de vários autores e investigadores responsáveis pelos mais pertinentes estudos levados a cabo, de modo a podermos cruzar dados e orientar a investigação deste trabalho, com a salvaguarda de que os estudos efetuados nesta matéria são centrados, sobretudo, nas práticas das crianças e jovens nas escolas, sendo praticamente inexpressivas as investigações deste fenómeno na formação profissional.

### 2.1. Breve resenha histórica sobre o estudo do Bullying

A conceptualização do *bullying* surge com o investigador Dan Olweus, na sequência do suicídio de três crianças entre os 10 e os 14 anos que frequentavam a mesma escola na Noruega. Este trágico acontecimento levou a sociedade civil a interrogar-se e a detetar outros casos alarmantes.

O governo norueguês associou-se à Universidade de Bergen de modo a compreender o fenómeno, para o prevenir, nomeadamente através de campanhas anti-bullying capazes de reduzir os índices (1993).

Dan Olweus definiu o *bullying* como sendo uma provocação constante a que um(a) aluno(a) está exposto (a), sendo alvo de ações negativas de uma ou mais pessoas.

Para Olweus (1993), uma ação negativa ocorre quando alguém causa danos ou mau estar a terceiros, de forma intencional. São atos marcados pela intencionalidade de dominar, pelo sentimento de poder dos agressores sobre as vítimas. Como são atos frequentes e duradouros geram efeitos negativos e danos com consequências imprevisíveis.

Um número crescente de autores debruçam-se sob este fenómeno pela urgência de compreender para intervir. Todos parecem concordar que o bullying é uma forma de vitimização entre pares, definida como um tipo de abuso, mau trato e/ou agressão em relação a uma criança ou jovem que elegem como alvo.

Das leituras efetuadas, emergem três critérios que definem o bullying (Bonds, 2000; Fante, 2005; Olweus, 1993; Smith e Sharp (1994); Pereira, Almeida, Valente e Mendonça, D. (1996); Pereira, 2002; Rigby, K. & Slee, (1991); Rodríguez, N. (2004); Smith e Brain, 2000; Smith, 2000)

- Conduta agressiva e dominante é intencional;
- Repetição sistemática do comportamento ofensivo;
- Desigualdade e desequilíbrio na relação interpessoal, tendo o agressor uma posição de dominância sobre a vítima;

Fante (2005) considera que o *bullying* é uma das formas de violência que mais cresce no mundo. Para esta autora, este pode ocorrer em qualquer contexto social, desde escolas, universidades, famílias, clubes desportivos, vizinhança...

Por vezes, surge como sendo uma brincadeira, sob forma de alcunha, a partir de uma característica física ou psicológica da vítima, causando-lhe desconforto e semeando o riso nos pares. Por repetição e escárnio, o(a) agressor(a) cria desgaste emocional ao alvo escolhido podendo determinar isolamento social, baixa do rendimento escolar, depressão e, em casos extremos, suicídio. Crianças e jovens que passam por humilhações racistas, difamação ou segregação podem desenvolver doenças psicossomáticas que irão marcar a sua personalidade para sempre.

Uma das características do bullying é “o desejo de magoar ou amedrontar alguém física, verbal ou psicologicamente” (Pereira, 2002). É a intenção de causar dano de forma persistente, que distingue o bullying de outro tipo de contextos de agressividade.

De acordo com Sani (2002) pode-se identificar três fatores de diferenciação do bullying:

- Inexistência de um fator desencadeante no ato de causar dano a outrem;
- Regularidade e persistência na intimidação e vitimização do alvo escolhido;
- Perfil público dos agressores revela força física e psicológica sustentado por ataques violentos e ameaçadores;

## 2.2. Tipologia do bullying

Se nos debruçarmos no sentido etimológico da palavra “*bullying*” constatamos que a mesma deriva do termo inglês “bully” que significa “brutamontes, assediador, agressor”. Nesta perspectiva, “*bullying*” poderá ser entendido como o ato de dominar, ameaçar, intimidar e assediar. Sendo assim, pode assumir várias formas e tipos e pode ocorrer em qualquer ambiente onde haja relacionamentos.

De acordo com Silva (2010) e Chalita (2008), os agressores do sexo masculino recorrem maioritariamente a formas diretas de *bullying*, usando força física e atitudes injuriosas, como por exemplo alcunhas ofensivas e comentários depreciativos e humilhantes.

As agressoras utilizam preferencialmente formas indiretas de *bullying*, recorrendo a ataques à integridade moral, através da disseminação de boatos e falsos testemunhos que visam conduzir a vítima ao ostracismo e isolamento social.

Fante (2011) refere que a diferenciação de género no que se refere a práticas agressivas começa a esbater-se, verificando-se que as raparigas agressoras tendem a copiar os comportamentos masculinos, no que se refere às formas diretas, nomeadamente ao recurso da agressão física.

O *bullying social* e o *cyberbullying* tendem a aumentar com o crescente impacto das redes sociais na vida dos jovens.

O *bullying social* consiste em isolar a vítima das atividades sociais (seja jogos, desportos, festas, convívios dos pares), disseminando boatos negativos no grupo de amigos e/ou coagindo o afastamento dos amigos ou das pessoas próximas. Pode ou não estar associado a formas racistas e/ou homofóbicas de bullying, cujas motivações têm a ver

com forma discriminatória como o(a) agressor(a) reage à cor de pele, raça ou origem e orientação sexual da vítima.

Nos casos de *cyberbullying*, a prática agressora é concretizada através da difusão de notícias falsas, assediando, perseguindo, injuriando e/ou importunando a vítima através do recurso das novas tecnologias (SMS, MMS, e-mail, website, chat e redes sociais).

### **2.3.As causas do bullying – teorias explicativas**

Uma das grandes questões que se colocam aos investigadores é a identificação das causas subjacentes ao fenómeno do *bullying*, sendo que um dos fatores estudados pelos diversos autores se prende com o contexto sociofamiliar.

Bowers, Smith e Binney (1994) afirmam que se verifica a ocorrência de características familiares comuns, quer se trata de crianças vítimas quer se trate de crianças agressoras, nomeadamente a ausência da figura paterna. Porém, sobressaem características individualizantes das vítimas e agressores.

De acordo com o mesmo estudo, no ambiente familiar dos agressores, impera a falta de coesão familiar e uma relação de poder distorcida. Os resultados obtidos por estes investigadores demonstram significativa ambivalência no envolvimento destas crianças com os outros, estabelecendo relações assimétricas, marcadas pelas tentativas de dominância.

No que se refere às crianças vítimas, os mesmos autores consideram que estas vivenciam com sofrimento a carência afetiva parental e demonstram baixa autoestima, fragilidade emocional, instabilidade nas práticas educativas e comportamentos disruptivos.

A corrente que associa as causas do *bullying* aos modelos educativos a que as crianças estão expostas parece ganhar terreno no senso comum. Tenta-se explicar o que aparentemente é inexplicável, com a ausência de valores familiares, falta de limites parentais, inexistência de regras e maus exemplos de socialização primária. Porém, a investigação, talvez por ainda ser escassa nesta matéria, não comprova estas teorias que alicerçam a agressividade dos perpetradores de *bullying* no modelo familiar que adquiriram.

Alguns autores estabelecem uma relação entre os estilos de liderança educativa e os desequilíbrios das crianças e jovens. Os estilos autocrático ou permissivo comprometem

a relação que a criança tem com os familiares responsáveis pela sua educação, consigo próprio e com os outros., pois torna-os demasiado dependentes, agressivos e/ou revoltados.

Brazelton (2002) refere que o facto dos pais não imporem limites à criança e passarem frequentemente de um modelo autoritário para um modelo permissivo de educação tem efeitos sobre a resiliência da criança, tornando-a inapta para fazer face às dificuldades que vão surgindo ao longo do percurso de vida.

A falta de coerência educativa influencia a capacidade de concentração e socialização que a escola exige, dando origem a formas de fuga e a comportamentos disruptivos.

O estilo de educação democrático revela interesse das figuras paternas (pais ou seus substitutos) pelas crianças. A definição clara de limites proporciona maior sentimento de capacidade e de maturidade social (Linares, Peligra e Lendinez, cit. In Brazelton, 2002).

Ainda na demanda das causas explicativas do fenómeno de *bullying*, alguns estudos sugerem uma predisposição biológica de certos indivíduos para a adoção de comportamentos disruptivos e inadaptação. No entanto, esta questão levar-nos-ia à infrutífera discussão do que é que é inato e do que é adquirido.

Como afirma Brazelton (2002), o comportamento agressivo não pode ser explicado por uma predisposição biológica quando se verifica uma “infância repleta de acontecimentos marcantes para a sua maturação”. É impossível separar a influência do meio de uma predisposição biológica para a agressividade.

No seguimento das causas do *bullying*, é pertinente equacionar a questão da motivação dos agressores. Será que a motivação para a agressão é apenas a necessidade de se afirmar como o mais popular, o mais poderoso num grupo de aparente homogeneidade? Nesse caso, explicar-se-ia a predileção pela vitimização e intimidação daqueles que divergem do grupo, por alguma particularidade: são os alunos novos, os tímidos, os estudiosos, os economicamente mais desfavorecidos, os gordos...

#### **2.4. Padrões de atuação dos agentes de bullying**

Estudos significativos sobre a agressividade escolar debruçam-se basicamente nos maus tratos, na intimidação psicológica e no isolamento social das vítimas, mas, em cada ano que passa, as lesões causadas nas vítimas crescem em número e em consequências e o

facto de serem causadoras da morte de várias vítimas justifica a conceptualização do fenómeno enquanto um problema social grave. (Machado, 2002)

“A multiplicidade de contextos sociais e interpessoais em que o adolescente se move representa desafios adicionais e possibilidades acrescidas de estes virem a desenvolver problemas de ajustamento, com consequências negativas de saúde...” (Matos et al., 2001, cit. In Relvas e Alarcão, 2002).

Assim, o processo de crescimento envolve modificação de relações interpessoais nos diversos contextos que fazem parte da vida dos jovens, implicando uma diversidade de experiências que podem potenciar a aproximação aos fatores protetores ou, contrariamente, fatores de risco.

É consensual que para se entender o *bullying* temos de considerar o binómio agressor/vítimas, mesmo se tratando de um grupo de agressores/provocadores e de uma ou mais vítimas (Barros et al., 2012; Carvalhosa, 2012; Magalhães, 2010; Matos, 2009).

Na maioria dos processos de *bullying* existe uma organização social onde cada um desempenha um papel e estatuto que consolida o fenómeno.

Os **agressores** são sujeitos que obtém prazer e sensação de poder na provocação intencional a terceiros. A humilhação de outrem é o garante da satisfação e sensação de recompensa para si próprios. Vivenciam a necessidade de coagir e dominar as vítimas que geralmente, são mais fracas fisicamente e mais novas.

De acordo com Carvalhosa (2012), demonstram grande à vontade com os comportamentos violentos, não sentindo qualquer empatia pelas vítimas nem sentimento de culpa pelos seus atos. São crianças e jovens impulsivos, com grandes probabilidades de manifestar sintomas depressivos e de assumirem comportamentos delinquentes e/ou comportamentos de risco para a saúde, como fumar, beber álcool em excesso e usar drogas.

Junto com os agressores, surgem os **seguidores** que não sendo quem inicia o processo de bullying tomam parte ativa na agressão. Fazendo parte desta teia relacional, há também os apoiantes, ou agressores passivos, que não participam na agressão propriamente dita, mas estão sempre ao lado dos agressores, defendendo-os das acusações (Carvalhosa, 2012)

Sendo a relação dos agressores com os pares melhor do que a verificada no grupo das vítimas, alguns autores referem que neste grupo é difícil travar amizades. São evidentes os relacionamentos gasosos, assentes em forças de poder e ambiguidade.

As **vítimas**, sendo os indivíduos que são agredidos física ou verbalmente com carácter de regularidade e persistência, também variam no perfil. Consideramos uma vítima **passiva** quando esta nunca reage aos ataques; pode ser pela ineficácia dos seus mecanismos de defesa ou pela falta de integração no grupo de pares, deixando-a sem suporte. É evidente a dificuldade em fazer amigos, uma vez que sofrem de rejeição por parte dos pares e para além disso, consideram a escola um local desagradável.

Ainda de acordo com Carvalhosa (2012) as vítimas passivas são de todos os intervenientes em processos de *bullying* os que apresentam mais sintomas de depressão e queixas psicossomáticas, como cefaleias ou dores abdominais, e substâncias ilícitas menos observado.

Mas existe um outro tipo de vítima, cujo padrão de atuação diverge da vítima passiva. Trata-se da **vítima provocativa** que tende a retaliar os ataques, mas, como possui fracas competências de controlo dos impulsos, não tem forças suficientes para se defender, tornando-se alvo de chacota e de provocações futuras (Matos, 2009).

São ainda de referir os **defensores potenciais**, que condenando o *bullying*, não são capazes de ajudar a vítima, por receio de se tornarem também alvo dos agressores ou porque simplesmente também simpatizam com os agressores e os **defensores da vítima** que condenam o *bullying* e ajudam a vítima.

O bullying tem ainda personagens cujo papel dúbio ajuda a cimentar o fenómeno. São os **espectadores**, que assistem a este tipo de atitudes sem tomar qualquer partido (Matos, 2010)



**Figura 1- Ciclo de Bullying**

**Fig.1 Ciclo da Agressão (Neto, 2006)<sup>3</sup>**

Os padrões de atuação mais frequentes nos jovens envolvidos em comportamentos de bullying são o insulto e a troça, os comentários ou gestos ordinários, e/ou piadas sexuais, a exclusão intencional social ou de atividades.

Os **relatórios públicos do Programa Escola Segura** são elucidativos da evolução do fenómeno. Os dados de 2001 a 2006 descrevem as ações ocorridas nas escolas que foram alvo de queixa formal e que incluem ataques sobre os bens (roubo, vandalismo, fogo) e sobre as pessoas (ofensa corporal e sexual, assédio, violação, injúrias/ameaças, tráfico/consumo de drogas, ameaças de bomba, armas, acidentes de trânsito, outras ações).

Em 2006, foram registadas 15 ocorrências de assédio e 14 de injúrias/ameaças (Programa Escola Segura, 2006).

De acordo com o relatório da Escola Segura de 2007 a 2009, o número de ocorrências no interior das escolas diminuiu de 9,1% (2007/2008) para 7,3% (2008/2009), variando de acordo com a tabela que se segue.

<sup>3</sup> Extraído de BARROS, P. C., CARVALHO, J. E., PEREIRA, M. B. UM ESTUDO SOBRE O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR, in III Congresso Nacional de Educação-EDUCERE, 2009, PUCPR

**Tabela 2: Tipo de ocorrências**

<b>Atos contra a liberdade e integridade física</b>	<b>44,7%</b>
<b>Atos contra bens e equipamentos escolares</b>	<b>20,6%</b>
<b>Atos contra bens e equipamentos pessoais</b>	<b>14,2%</b>
<b>Controlo e proibição de entradas e saídas</b>	<b>4,4%</b>
<b>Consumo de estupefacientes e substâncias psicotrópicas</b>	<b>2,2%</b>
<b>Posse de arma</b>	<b>2,2%</b>
<b>Liberdade e autodeterminação sexual</b>	<b>1,2%</b>

**Fonte: Programa Escola Segura, 2009**

Segundo Crick e Grotpeter (1995), as crianças assumem um comportamento danoso para os seus pares de modo a prejudicar os objetivos que são valorizados pelo seu respetivo género. No caso dos rapazes, a tendência é comprometer a dominância física, por isso, optam pela agressão verbal e física direta.

Rivers e Smith (1994) afirmam que os rapazes tendem a ter redes sociais mais amplas do que as raparigas, enquanto estas estabelecem redes sociais mais pequenas mas mais intensas. Isso explicaria, segundo os autores citados, a predileção das raparigas pelo bullying indireto. Outros autores em estudos com amostras exclusivamente de raparigas perfilham esta mesma ideia (Leckie, 1997; Owens, Shute & Slee, 2000)

Noutros estudos (Crick, 1995; Crick, Bigbee & Howes, 1996) verificou-se que a agressão relacional e os insultos verbais eram os comportamentos de bullying que raparigas mais temiam, por serem um meio eficaz de obter controlo ou retaliar contra outra rapariga, provocado assim danos ao nível dos seus objetivos de natureza social. As raparigas valorizam muito as questões relacionais com os pares. Assim, é frequente o recurso a estratégias de agressividade relacional.

Estas premissas têm sido partilhadas por outros autores que utilizaram amostras exclusivamente de raparigas de forma a conhecer os comportamentos manifestados de bullying indireto, avaliar os efeitos da agressão indireta pelos pares e as razões apontadas para essa ocorrência (Leckie, 1997; Owen et al., 2000)

Um outro padrão verificado nos estudos efetuados é que o fenómeno do bullying tende a diminuir com o avançar da idade, sendo que os estudantes mais novos e de anos letivos menos avançados os que mais frequentemente estão envolvidos em comportamentos de vitimização e em comportamentos de duplo envolvimento, ou seja que estão envolvidos tanto como agressores, como vítimas (Lopez R. et al., 2011).

As formas de abuso emocional parecem aumentar com a idade, pois os adolescentes mais velhos são os que mais entendem e se deixam afetar por este tipo de violência e são mais capazes de a pôr em prática ou reportá-la (Sousa et al., 2010).

Os jovens de grupos minoritários, como minorias étnicas e imigrantes, a comunidade LGBT e portadores de deficiências, são especialmente vulneráveis, sendo muito tênue a fronteira entre bullying e atos de racismo e xenofobia (Carvalhosa, 2009).

O recreio é o local mais propenso para a ocorrência deste tipo de comportamentos, no entanto, estes também ocorrem nos corredores, salas de aula, casas-de-banho, refeitório e no percurso para a escola (Magalhães, 2010).

## **2.5. Alguns estudos sobre os efeitos do bullying nos estabelecimentos de ensino e formação**

Para melhor compreendermos as motivações, tipologias e padrões de atuação dos agentes de *bullying* e na procura de um cruzamento de dados que fundamentem o estudo que se pretende levar a efeito, analisou-se alguns estudos sobre a problemática de *bullying*, quer a nível nacional quer a nível internacional, com vista a melhor contextualizar alguns fatores e características inerentes ao fenómeno.

Os vários estudos demonstrarem que este é um fenómeno comum, mas com grandes variações dos comportamentos, condicionados pelo contexto sociocultural e demográfico (Sousa et al., 2010).

A nível internacional, um estudo, que incluiu 29 países, com dados de 1997-1998, concluiu que a percentagem de vítimas variava entre 6% na Suécia e 40% na Lituânia. A percentagem de agressores varia entre 3% na Inglaterra e 34% na Lituânia.

Adicionalmente, uma investigação que compila dados de 40 países, relativos a alunos dos 11 aos 15 anos, entre 2005 e 2006, revela que 10,7% são identificados como agressores, 12,6% como vítimas e 3,6% apresentam duplo envolvimento.

Estes estudos revelam também que são grandes variações percentuais entre os diversos países (HBSC, 2009).

O estudo Health Behaviour of School-aged Children (HBSC) iniciou-se em 1982, incluindo apenas investigadores da Finlândia, Noruega e Inglaterra. Atualmente, conta com 44

países da Europa e América do Norte, entre os quais Portugal, integrado desde 1996, sendo o primeiro estudo nacional realizado em 1998.

Trata-se de um estudo realizado de 4 em 4 anos, em parceria com a OMS e o principal objetivo é a compreensão dos comportamentos de saúde dos adolescentes, pelo que inclui uma análise aos seus estilos de vida e contextos sociais.

Como envolve vários países e se pretende que haja coerência no tratamento da informação, todos os países membros do HBSC respeitam um protocolo de pesquisa internacional. Os dados recolhidos pelas várias investigações seguem o mesmo modelo de questionário e recolhe os dados demográficos dos participantes (idade, género e estatuto socioeconómico...), questões relacionadas com perspetivas futuras dos jovens, antecedentes de consumo de álcool, tabaco e drogas, prática de exercício físico, atividades nos tempos livres e utilização de novas tecnologias, hábitos alimentares e de higiene, bem-estar e apoio familiar, violência, ambiente escolar, imagem pessoal, presença de sintomatologia psicológica e somática e comportamentos sexuais.

Não sendo um estudo vocacionado para as questões do *bullying*, contribui para a conceptualização social da adolescência e juventude e deste modo, permite uma melhor compreensão dos comportamentos dos adolescentes, onde se inclui a problemática da violência e também do *bullying*.

Permite ainda, perceber a forma como se comporta e evolui o fenómeno no tempo e no espaço, acrescentando informação quanto à influência de fatores culturais, económico e sociais nos comportamentos dos jovens (Matos et al, 2015; Currie, Aleman-Diaz, 2015).

Por uma questão de orientação teórica e fundamentação para a investigação, centraremos a nossa análise nos estudos nacionais relacionados com o *bullying*. Existem diversos estudos sobre *bullying* nas escolas, embora ainda não sejam suficientemente amplos para se poder retirar conclusões a nível nacional. A maioria dos estudos referenciados foram efetuados com questionários de self-report ou tendo como base o questionário (original e/ou adaptado) de Olweus (1989), uma vez que este se mantém como referência deste tipo de estudos.

O facto de este ser um fenómeno multifacetado e de os instrumentos utilizados na sua avaliação serem diversos, torna ambígua a análise comparativa da extensão do mesmo (Formosinho & Simões, 2001).

Constatou-se que um dos primeiros estudos em contexto nacional referindo comportamentos antissociais é o de Fonseca (1992, cit. In Fonseca, 1995). Baseou-se

numa amostra de 911 alunos de escolas de Coimbra, onde identificou 19 alunos com comportamentos desviantes, sendo estas crianças e jovens utentes de um centro de observação do Tribunal de Menores.

O autor utilizou um questionário de self-report adaptado de Loeber (1989) e pode verificar que o grupo de alunos com medidas tutelares apresentava um índice mais elevado de comportamentos antissociais do que o grupo de crianças não sinalizadas. Verificou ainda que os comportamentos antissociais eram mais frequentes nos rapazes do que nas raparigas.

Não sendo este estudo claramente direcionado para a análise do *bullying*, contribui para compreender a tipologia destes comportamentos desviantes, que assumiam formas diretas de agressividade (bater nos colegas, copiar nos testes, efetuar pequenos furtos, faltar à escola, consumir bebidas alcoólicas, causar danos materiais à escola).

Em 1994, Pereira, Almeida e Valente (cit. In Pereira, 2002) dirigiram um estudo piloto com uma amostra de 160 crianças, verificando que o *bullying* era um problema real no país e que se justificava o estudo aprofundado deste fenómeno.

No ano seguinte, surgiu um outro estudo (Fonseca et al., 1995) que se debruçou sobre o ensino básico de Coimbra. A amostra constituída por 1586 alunos do 1.º e 2.º ciclos. O instrumento de avaliação utilizado foi o questionário de self-report de Loeber (Fonseca, 1995) e o objetivo foi analisar a prevalência e as características do comportamento antissocial.

Os resultados demonstraram uma taxa mais elevada no género masculino no que se refere a comportamentos antissociais, sendo sobretudo os mais velhos e de anos de escolaridade mais avançados a revelar comportamentos mais agressivos. Este aspeto confirma tendências apontadas pelos estudos internacionais.

Tendo ainda como base o ensino básico (1.º e 2.º ciclos), Pereira e outros (1996) alargaram o estudo a 6200 alunos de 18 escolas públicas dos conselhos de Braga e Guimarães. Os resultados obtidos revelaram que em cada ciclo do ensino básico havia 22% de crianças vítimas da agressividade de colegas, sendo o número de agressores ligeiramente superior no 1.º ciclo (20%, contra 15% do 2.º ciclo).

A maioria das vítimas inquiridas (78%) referiram que o recreio é o local escolhido para ser perpetradas as agressões, o que confirma os estudos internacionais sobre os padrões de atuação dos agentes de *bullying*.

A crença fundamentada no senso comum que o *bullying* é mais expressivo em Lisboa do que na Norte não obteve fundamento científico comprovado pelos investigadores. Pires (2001) realizou um estudo com 440 alunos de duas escolas do 2.º ciclo de duas escolas públicas de Lisboa. Recorrendo ao questionário de self-report de Pereira (1994) adaptado de Olweus (1989), entrevistou 238 rapazes e 202 raparigas, com idades compreendidas entre os 9 e os 16 anos, situando-se a maioria entre os 10 e os 12 anos.

Os resultados obtidos contribuíram para um maior esclarecimento do fenómeno do *bullying*, concluindo que a maioria das vítimas não denuncia os agressores aos professores. Os agressores são maioritariamente do sexo masculino. As justificações para o comportamento agressivo dos próprios são fúteis e os atos são validados pelo nível de irritabilidade que a vítima causa ao agressor. Também neste estudo o local preferencial para as agressões é o recreio e o turno onde sucedem a maioria destes comportamentos é o período da tarde.

A Universidade do Minho tem levado a cabo alguns estudos sobre o fenómeno do *bullying*. Num dos estudos efetuados com 191 alunos do 2.º ciclo, com idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos, Silva (1995) concluiu que, tal como já havia sido demonstrado noutros estudos, os rapazes agredem mais fisicamente do que as raparigas. Também concluiu que as vítimas do género feminino são as que mais se queixam aos professores e aos pais.

O tipo de agressão infligida também está muito relacionado com o género, sendo que os rapazes sofrem muito mais fisicamente e as raparigas psicologicamente, apesar de ambos os géneros referirem as agressões verbais continuadas.

Num outro estudo, também levado a efeito por Silva (1995), com 467 alunos do 3.º ciclo do ensino básico, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, procurou-se compreender a influência da origem sociogeográfica na assunção de papel de vítima e/ou agressor. Selecionou 250 alunos de meio urbano e 217 alunos de meio rural.

Os resultados apurados denotam uma maior expressão do *bullying* em meio rural, com uma percentagem mais elevada de vítimas e agressores no meio rural comparativamente ao meio urbano, mantendo-se a variável de género os padrões dos outros estudos, ou seja, os agressores são maioritariamente do género masculino.

Neste estudo, manteve-se também a tendência da idade apresentada noutros estudos, ou seja, os alunos mais novos são mais agredidos e os mais velhos são os que infligem mais agressões.

Comparando a taxa de feminização do fenómeno, verificou-se que no meio urbano as raparigas foram mais vítimas de insultos, ameaças e provocações e conseqüentemente maior isolamento social do que as raparigas de meio urbano. Em ambos os casos, o local da maioria dos atos de bullying é o recreio.

Pereira (2006) estabelece uma relação intrínseca entre o número de retenções dos alunos e os níveis de agressão, concluindo que os jovens agressores têm um número de retenções mais elevado do que as vítimas.

Apesar da diversidade e qualidade de estudos, Carvalhosa (2009) alerta para a dificuldade de conhecer o número real de casos, o que compromete as políticas nacionais de combate e prevenção do fenómeno. A identificação dos casos de bullying é feita por quatro vias:

- Estatísticas oficiais fornecidas pelo Programa Escola Segura. Os dados recolhidos são baseados nas queixas formais apresentadas na PSP ou nos relatórios de chamada às escolas efetuados pelos efetivos do programa. Facilmente se conclui que o fenómeno é subavaliado e, por este motivo, os dados obtidos não deveriam ser utilizados para medir a verdadeira extensão do problema. Porém, são estes os dados utilizados na orientação de políticas relacionadas.
- Casos que são conhecidos pelos profissionais das escolas, dos serviços de saúde ou dos serviços sociais, podendo-se observar um maior número de ocorrências quando comparados com as estatísticas oficiais.
- Casos de violência escolar entre pares conhecidas pelos membros da comunidade onde os jovens estão inseridos, sendo que o número de casos ultrapassa largamente os conhecidos pelos profissionais de educação e/ou saúde, bem como os das estatísticas oficiais.
- Casos que permanecem por identificar e que são conhecidos apenas pelos intervenientes do comportamento violento.

Como se conclui, pelos estudos apresentados, a identificação dos casos de bullying tem ainda um longo caminho a percorrer e conta com uma luta contra os silêncios instituídos por vítimas e agressores.

### **3. METODOLOGIA**

Neste capítulo descrevem-se e justificam-se as opções metodológicas do presente estudo.

#### **3.1. Opção metodológica**

A metodologia de investigação utilizada neste estudo é de cariz qualitativo, por se considerar que é a abordagem que melhor responde aos objetivos propostos, que são compreender a realidade estudada. Os métodos de investigação qualitativa estimulam a compreensão, descrição e, por vezes, explicação de fenómenos sociais a partir do seu “interior”, analisando experiências individuais relacionadas com a práxis dos sujeitos.

Subjacentes a esta opção metodológica, estão presentes os argumentos apresentados por Bogdon e Bikle (1994) que consideram que a investigação qualitativa permite dar voz aos verdadeiros intervenientes no processo de investigação no seu próprio contexto. Assim, optou-se por entrevistas, com o objetivo de obter a maior informação possível daqueles que fazem parte ativa do processo formativo.

Para este estudo, em função do contexto e dos objetivos definidos, optamos pelo estudo de caso (Yin, 2001). Yin considera que o estudo de caso contribui para a compreensão que de fenómenos individuais, organizacionais, sociais e políticos e defende a relevância do estudo de caso pelas possibilidades de “lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos, artefactos, entrevistas e observações” (Yin, idem). Este autor realça o facto do estudo de caso poder servir três estratégias da pesquisa: exploratória, descritiva, explanatória. No presente caso, trata-se de um estudo de carácter exploratório para, tal como afirmou Yin, contribuir para aprofundar a compreensão de um fenómeno pouco investigado de modo a poder identificar categorias de observação.

#### **3.2. Descrição do estudo**

Este estudo iniciou-se com a construção de um referencial teórico que sustentasse a investigação empírica. Assim sendo, começou-se por fazer um levantamento bibliográfico sobre a temática do *bullying*, designadamente no âmbito da formação profissional.

Como já foi referido nesta dissertação, a Entidade foi uma segunda escolha em sequência do impedimento do estudo ser feito com um curso do SA do CFIEFP e foi selecionada não só pela disponibilidade de acesso por parte da Direção, mas também por corresponder ao perfil pretendido, uma vez que tem uma tradição de cursos do SA e tem um número de formandos significativo o que promove uma teia relacional relevante para este estudo.

Numa primeira fase de diagnóstico e para melhor conhecer os participantes, foi necessário proceder a uma rutura com o saber feito da experiência diária e reeducar o olhar, fazendo uma aproximação ao contexto para a observação.

Houve alguns constrangimentos inerentes à alteração do local do estudo empírico que teve implicações diretas na observação e registos nas notas de campo, com os condicionantes do horário, para evitar ser um elemento intromissor e procurando não interferir nem perturbar o normal funcionamento das sessões formativas.

Após esta observação inicial para aproximação ao contexto, optou-se pelo estudo de caso, nomeadamente o curso de Técnico de Química Industrial.

Estabelecidos os contactos necessários e formalizados os pedidos por escrito, procedeu-se a uma análise documental facultada pela entidade, nomeadamente consulta dos regulamentos, estatutos, pautas, listagens de cursos e lista de formandos bem como consulta do site oficial.

Seguidamente, o foco foi trabalhar no desenvolvimento de instrumentos de recolha de dados adequados à temática, mas também ao contexto aferido na fase anterior do estudo. Assim, construiu-se um guião de entrevistas individuais e um guião semelhante, mas focalizado no focus group.

As entrevistas individuais a formadores, psicóloga e gestor alicerçaram-se no guião, mas foi permitido um elevado nível de liberdade aos entrevistados de modo a emergirem das suas respostas novas perguntas.

A entrevista coletiva do tipo focus group aos formandos do 2.º ano do curso de Técnico de Química Industrial teve como principal objetivo compreender o *bullying* visto pelos olhos destes jovens, a partir das suas vivências como formandos do SA. Num primeiro momento, fez-se a validação do guião do *focus group* (Morgan, 1996).

Nesta fase do estudo, foi necessário assumir o papel de moderador do debate, dando, porém, liberdade aos entrevistados para expressarem os seus pontos de vista sobre a temática.

A entrevista de grupo suscitou algumas dúvidas, não tanto pelo que os formandos disseram, mas, essencialmente, pelo que não sendo dito, foi observado. O investigador deve escutar atentamente, mas também observar. Neste caso específico, foram observados silêncios constrangidos, olhares de desafio e respostas lacónicas. Assim, optou-se por convidar 9 jovens que não se conheciam entre si e estão na escola há poucos dias, em cursos que só iniciaram no presente ano letivo. O objetivo da criação deste segundo grupo de discussão foi verificar se as relações interpessoais estabelecidas entre os formandos estariam a condicionar e comprometer as respostas dos mesmos.

Os procedimentos, relativamente a este focus group, foram em tudo semelhantes aos utilizados no grupo inicial. Foi utilizado o mesmo guião e foram registadas em áudio as participações dos formandos. O investigador assumiu o papel de moderador, abrindo espaço à expressão individual sobre o tema.

Estes grupos de discussão ocorreram respetivamente em 16/10/2018 e a 05/11/2018, tendo duração aproximada de 1 hora e 20 minutos e tiveram lugar nas instalações da Entidade, numa sala cedida para o efeito.

Entre a sessão do dia 16/10/2018, primeiro grupo de debate do curso de Técnico de Química Industrial, e a sessão do dia 05/11/2018, segundo grupo de debate, foram realizadas as transcrições da primeira sessão. Observou-se, na leitura das respetivas transcrições que as questões foram bem entendidas, mas as respostas não saíram fluídas, conforme já foi referido.

Este tempo de permeio entre as duas sessões permitiu refletir sobre a objetividade das questões, mas também sobre o tipo de moderação exercida no primeiro grupo, de modo a melhorarmos a eficácia da mesma.

Após a recolha de dados, procedeu-se a um exaustivo tratamento, recorrendo aos contributos da análise de conteúdo; fez-se uma leitura aprofundada dos mesmos, estabeleceu-se uma categorização da informação recolhida na voz dos atores e, sem perder de vista, as referências teóricas emanadas das leituras efetuadas, elaborou-se algumas considerações finais que poderão ser orientadoras de pesquisas ulteriores e têm como principal finalidade criar instrumentos que visem melhorar as práticas.

### 3.3.Participantes

Esta investigação contou com a colaboração de dois grupos de formandos de dois cursos diferentes, sendo o primeiro grupo constituído por formandos do curso Técnico de Química Industrial, e o segundo constituído de forma aleatória por formandos de outros cursos do SA.

O primeiro grupo de participantes foi constituído por 9 formandos dos 11 que frequentam o curso Técnico de Química Industrial (dois formandos faltaram à sessão). Para garantir o anonimato dos formandos, estes foram codificados na fase da pesquisa documental da Entidade e na fase de transcrição das entrevistas, sendo referenciados por F1, F2, F3... F9.

Este curso foi o alvo do nosso estudo de caso e iniciou em 24/10/2017, com 24 formandos. Atualmente, está a decorrer o 2.º período do curso (2.º ano) e mais de metade dos formandos (54,2%) desistiram, conforme se pode verificar no quadro 2.

**Quadro 2 - Variação de Formandos no curso de Técnico de Química Industrial**

Designação	Género	Entrada	Saída	Motivos da saída
F1	Feminino	24/10/2017	28/12/2017	Emigração
F2	Feminino	24/10/2017		
F3	Feminino	24/10/2017	09/05/2018	Trabalho
F4	Masculino	24/10/2017	29/01/2018	Serviço militar
F5	Feminino	24/10/2017	21/03/2018	Trabalho
F6	Feminino	24/10/2017		
F7	Feminino	24/10/2017		
F8	Masculino	24/10/2017	25/02/2018	Abandono – Excesso de Faltas
F9	Masculino	24/10/2017		
F10	Feminino	24/10/2017		
F11	Feminino	24/10/2017		
F12	Masculino	24/10/2017	24/11/2017	Trabalho
F13	Feminino	24/10/2017	15/03/2018	Trabalho
F14	Feminino	24/10/2017	15/12/2017	Assistência a familiar
F15	Feminino	24/10/2017		

Designação	Género	Entrada	Saída	Motivos da saída
F16	Feminino	24/10/2017	13/12/2017	Abandono – Excesso de Faltas
F17	Masculino	24/10/2017	17/11/2017	Abandono – Excesso de Faltas
F18	Feminino	24/10/2017	30/11/2017	Trabalho
F19	Feminino	24/10/2017		
F20	Masculino	24/10/2017	31/01/2018	Mudança de residência
F21	Masculino	24/10/2017		
F22	Masculino	24/10/2017		
F23	Feminino	24/10/2017		
F24	Feminino	24/10/2017	24/11/2017	Mudança de residência

Fonte: Registos Institucionais

O curso abriu com 21 formandos, sendo 14 do género feminino e 7 do género masculino, com idades compreendidas entre os 16 anos e os 23, residentes em concelhos limítrofes da área de influência da entidade formativa. Considerando as desistências, entretanto ocorridas e formalizadas no mês de novembro de 2017, a Entidade integrou mais 3 formandos. Apesar dessa iniciativa, ocorreram mais desistências e o 2.º período iniciou com 12 formandos, tendo atualmente apenas 11 (Quadro 3).

**Quadro 3 - Formandos a frequentar o curso de Técnico de Química Industrial – 1º Focus Group**

Designação	Género	Data de Nascimento	Idade
F2	Feminino	07/03/2002	16
F6	Feminino	31/12/1995	22
F7	Feminino	08/12/2001	16
F9	Masculino	22/05/2002	16
F10	Feminino	12/11/2001	16
F11	Feminino	14/07/1997	21
F15	Feminino	16/05/1995	23

Designação	Género	Data de Nascimento	Idade
F19	Feminino	19/12/2002	16
F21	Masculino	21/12/2000	17
F22	Masculino	04/07/2001	17
F23	Feminino	14/10/2002	16

Fonte: Registos Institucionais da Entidade

**Quadro 4 - Formandos a frequentar cursos do Sistema de Aprendizagem e que participaram no 2º Focus Group**

Designação	Género	Idade
A1	Feminino	24
A2	Feminino	16
A3	Feminino	21
A4	Feminino	18
A5	Masculino	17
A6	Feminino	18
A7	Feminino	16
A8	Feminino	20
A9	Masculino	25

Quanto aos **dois formadores entrevistados**, os critérios de escolha assemelham-se aos da escolha dos alunos, pela acessibilidade e confiança que se foi estabelecendo, sendo o principal critério o tipo de formação ministrada. Pretendia-se que os formadores fossem da área tecnológica e da formação básica, para compreender se o comportamento dos formandos varia, no que ao bullying diz respeito, de acordo com a área de formação e também aferir as construções dos formadores de áreas diferentes sobre o mesmo fenómeno.

Pelo respeito ao anonimato dos participantes, também os formadores foram codificados na fase de transcrição das entrevistas e identificados com a letra A e B. Quanto aos outros dois participantes, serão referenciados pelos cargos que ocupam na entidade: a Psicóloga e o Diretor, respetivamente.

A formadora A tem 39 anos. É licenciada em Biologia e Geologia, ministrando, por isso, a componente tecnológica do curso. É formadora nesta Entidade desde 2013.

A formadora B é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas. Tem 47 anos e colabora com esta Entidade desde 2014. Assegura UFCD's da componente sociocultural, nomeadamente Viver em Português.

Como se pretende compreender o papel desempenhado pela coordenação e gestão dos cursos de SA, nas relações interpessoais entre pares, não podíamos deixar de entrevistar o Diretor e a psicóloga responsável pelo acompanhamento psicossocial dos formandos.

O Diretor exerce funções de gestão desde 2003, data da fundação da Entidade. É licenciado em Gestão de Recursos Humanos e doutorado em Psicologia.

A Psicóloga tem 27 anos e colabora com a entidade desde 2016, sendo detentora do mestrado integrado em Psicologia.

**Quadro 5: Sistematização das entrevistas efetuadas**

<b>Categoria</b>	<b>Participantes</b>	<b>N.º de participantes</b>	<b>Data</b>	<b>Duração</b>
1.º Focus group	Formandos do 2º ano do curso de TQI	9	16/10/2018	1h 18 m
Entrevista Individual	Diretor/Gestor	1	16/10/2018	1h 15 m
Entrevista Individual	Psicóloga	1	16/10/2018	1h 08 m
Entrevista Individual	Formadora A	1	22/10/2018	58 m
Entrevista Individual	Formadora B	1	22/10/2018	45 m
2.º Focus group	Formandos de cursos do SA	9	05/11/2018	1h 23 m

### **3.4.Método e técnicas de recolha de dados**

Para a recolha de dados privilegamos a observação participante e o método do inquérito por entrevista individual e por entrevista coletiva do tipo *focus group*.

#### **3.4.1. Observação participante**

Neste estudo concreto, valorizou-se a observação participada, numa perspetiva etnometodológica na linha da investigação-ação, como forma de complementar as outras técnicas, com vista ao cruzamento da informação.

Com base no pressuposto de Eisner (1998) que aponta para a necessidade de perceber a escola “fazendo parte”, e uma vez que não existem ainda muitas investigações na área do *bullying*, optámos por basear a pesquisa num estudo de caso. O estudo de caso, como sugere Mialaret, permite uma visão em profundidade nos processos educacionais.

Considerando que um estudo de caso consiste “na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico” (Bogdan & Biklen, 1994) e que “permite uma investigação que preserva as características holísticas e significativas dos eventos da vida real” (Yin, 2002), afigura-se como uma abordagem de investigação adequada quando, como é o caso, procuramos compreender, explorar e descrever os acontecimentos e os contextos, observados no seu ambiente natural. O objetivo é “explorar, descrever, explicar, avaliar e/ou transformar” (Gomez, Flores & Jimenez, 1996).

Uma vez que este trabalho se enquadra no paradigma qualitativo ou interpretativo, procura encontrar quadros de referência que permitam compreender o aluno enquanto entidade individual, suas relações com os outros, Entidade e com o ambiente de aprendizagem, a observação participada é uma ferramenta essencial.

De acordo com Maykut (1994), estes quadros de referência surgem depois de uma observação minuciosa, do recurso a uma documentação cuidada e de uma reflexão sobre o tópico de investigação. Como tal, o investigador “tem de mergulhar na realidade do outro, de forma a compreender como o outro constrói a realidade, mas depois tem de fazer o movimento contrário, isto é retirar-se da situação para repensar o significado da experiência” (Freire, 2006, p.109). Para Maykut (1994), o investigador tem de vivenciar as experiências do outro, para poder ganhar conhecimento, compreender e interpretar as perspetivas dos diferentes intervenientes.

Um trabalho desta índole é sempre minucioso pois, segundo Erickson (1986), requer capacidade em descrever acontecimentos do dia-a-dia e em refletir sobre os mesmos, numa procura incessante em identificar os significados das ações dos intervenientes.

Para transmitir a experiência dos intervenientes, o investigador deve, dentro deste paradigma, recorrer à linguagem expressiva e à voz do outro (Maykut & Morehouse, 1994). Nesta perspetiva, privilegiou-se as percepções dos formandos. O objetivo foi dar voz aos alunos, no sentido de serem sujeitos do seu discurso narrativo e serem atores na ação.

Assim sendo, procurou-se valorizar as relações intrasubjetivas e intersubjetivas em contexto formativo, enquanto geradoras de comportamentos e mobilizadoras da mudança.

Tendo em conta os requisitos acima descritos, levou-se a cabo um trabalho de investigação que recorreu a uma variedade de instrumentos de recolha de dados, para relatar da melhor forma que consigamos, o que vimos, o que fizemos e o que erramos.

Segundo Eisner (1998), para perceber como são as escolas, as suas forças e as suas fraquezas, nós precisamos ver o que ocorre no seu seio e precisamos ser capazes de dizer aos outros, de uma forma vivida e reveladora, aquilo que vimos.

### **3.4.2. Inquérito por entrevista coletiva do tipo Focus group com formandos do Sistema de Aprendizagem**

Relativamente aos formandos, optou-se por fazer a triangulação dos dados obtidos pelas entrevistas, através da criação de um grupo de discussão, utilizando um guião muito idêntico ao das entrevistas de questões semiabertas.

Esta técnica de pesquisa utiliza as sessões grupais como facilitadores da expressão, de perceções, experiências, atitudes dos participantes em relação a um ou mais tópicos (Newman & Ribeiro, 2002).

De acordo com Gatti (2005), a pesquisa com recurso a focus group permite conhecer diferentes pontos de vista sobre uma mesma questão, assim como as ideias partilhadas por pessoas do grupo diário, sendo possível também perceber como alguns dentro do grupo são influenciados por outros. O objetivo do moderador do grupo é captar conceitos, opiniões, atitudes, crenças, experiências, reações e sentimentos, emergindo uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais enriquecedores da pesquisa.

Um dos pontos principais do focus group, que justificou esta opção metodológica foi o facto de permitir a 'não-diretividade', ou seja, as discussões são realizadas pela interação dentro do grupo, não seguindo o formato de entrevista entre investigador e participantes (Gatti, 2005).

Obviamente, não se trata de uma postura não-diretiva absoluta, pois é necessário reencaminhar as intervenções, incentivar trocas comunicacionais e manter os objetivos do trabalho em grupo.

De acordo com Gatti (2005), os participantes devem ser selecionados a partir de alguns critérios em relação à problemática do estudo, mas devem possuir características em comum que os qualifiquem para as discussões no trabalho interativo. Esta técnica de pesquisa utiliza as sessões grupais como facilitadores da expressão, de percepções, experiências, atitudes dos participantes em relação a um ou mais tópicos (Newman & Ribeiro, 2002).

Partindo desse pressuposto, os formandos convidados a participar no focus group, apesar de terem em comum a frequência do mesmo curso do SA, possuíam diferentes características sociais, demográficas e culturais.

De acordo com Gatti (2005), a pesquisa com recurso a focus group permite conhecer diferentes pontos de vista sobre uma mesma questão, assim como as ideias partilhadas por pessoas do grupo diário, sendo possível também perceber como alguns dentro do grupo são influenciados por outros. O objetivo do moderador do grupo é captar conceitos, opiniões, atitudes, crenças, experiências, reações e sentimentos, emergindo uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais enriquecedores da pesquisa.

Um dos pontos principais do focus group, que justificou esta opção metodológica, é a não-diretividade, ou seja, as discussões são realizadas pela interação dentro do grupo, não seguindo o formato de entrevista entre investigador e participantes (Gatti, 2005).

Obviamente, não se trata de uma postura não-diretiva absoluta, pois é necessário reencaminhar as intervenções, incentivar trocas comunicacionais e manter os objetivos do trabalho em grupo.

O focus group incluiu todos os formandos do curso de Técnico de Química Industrial do SA presentes (9 formandos; 2 estavam ausentes), e obedeceu a procedimentos de planeamento e realização, nomeadamente:

1. Definição dos objetivos desta técnica e da pesquisa em si;
2. Definição um plano de ação;
3. Criação de um guião de acordo com os objetivos da pesquisa;
4. Identificação das características dos participantes;
5. Entrevistas, assegurando as condições das mesmas;

A exemplo das entrevistas semiabertas efetuadas com os elementos representativos do processo formativo, seguiu-se a transcrição dos aspetos chave de acordo com o guião e a sua análise (Newman & Ribeiro, 2002).

A principal vantagem da entrevista de grupo focalizada consiste na oportunidade de observar uma maior interação entre os participantes em relação a um tema, abrindo oportunidades de acesso a uma grande variedade de tópicos, selecionados de acordo com o interesse da pesquisa.

A interação que surge entre os participantes possibilita aos mesmos insights sobre temas e comportamentos complexos das pessoas. Pareceu, por isso, ser a técnica ideal para os objetivos deste trabalho que era dar voz aos protagonistas, sobre um tema onde ainda impera o silêncio.

Porém, esta escolha implicou grande atenção do entrevistador para não perder o controlo sobre o rumo do debate.

Assim, com vista a aprofundar e clarificar as questões relacionadas com o bullying e associadas a estas, foi colocado um conjunto de questões para a melhor compreensão deste fenómeno.

O guião construído aborda questões semiabertas, necessárias para este grupo de discussão e estão relacionadas com as perceções do fenómeno na formação e no geral, a importância dada à origem socioeconómica, à aparência física dos pares, a diferença de comportamentos provocativos entre raparigas e rapazes, o papel de formadores e coordenadores e ainda propostas de soluções de modo a minorar este tipo de comportamentos.

Para a realização do grupo de discussão, foram convidados a participar todos os formandos do curso. Foi utilizado um gravador, de forma a poder guardar toda a informação discutida durante a sessão. Foi previamente explicado o objetivo da realização deste grupo de debate, nomeadamente que seria para compreender melhor o fenómeno do bullying e a prevalência de comportamentos antissociais na formação profissional, sendo o objetivo agir para prevenir e minorar esse tipo de práticas.

Para clarificar a participação dos formandos, enquadrou-se a pesquisa no âmbito do mestrado e abordou-se as questões da confidencialidade e anonimato (APA, 2002), como havia sido feito nas entrevistas.

As questões elaboradas no guião foram elaboradas de modo a promover uma discussão aberta e motivar a participação de todos os intervenientes.

Para termos a possibilidade de triangular os dados obtidos, foram convidados outros jovens que frequentam cursos de aprendizagem do SA na Entidade Formativa de forma aleatória, sendo condição não pertencerem aos mesmos cursos. Foi aplicado o mesmo tipo de guião.

### **3.4.3. Inquérito por entrevista a intervenientes significativos do processo formativo**

Kandel (1981) considera que a entrevista, em pesquisa, "não é simplesmente um trabalho de coleta de informações, mas, sempre, uma situação de interação, ou mesmo de influência entre dois indivíduos e que as informações dadas pelo sujeito (o material que ele fornece) podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas relações com o entrevistador".

As entrevistas têm por objetivo constituir resposta às próprias reflexões do investigador, avançar com uma estruturação consistente do trabalho e prosseguir com a análise, sendo que para esta será necessário separar por partes os discursos dos entrevistados e examinar a sua natureza, funções e relações de cada uma, a que Berger(1998) chama de desafio porque "pode ser muito difícil lidar com a enorme quantidade de material que as entrevistas em profundidade geram".

A entrevista assume-se como uma forma específica de conversação onde o conhecimento é produzido através da interação entre o entrevistador e os entrevistados, emergente de uma estrutura e de um propósito previamente definido pelo entrevistador (Kyale,2008).

Ao afirmar que a entrevista é uma conversa, estamos a salientar a dimensão relacional e social que se gera quando se recolhe a informação, pois, como dizem Fontana e Frey (1994), a entrevista é "uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana".

Uma das principais qualidades desta abordagem é a flexibilidade de permitir ao entrevistado definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. A entrevista procura a intensidade das respostas, não a quantificação ou representação estatística. Com este recurso metodológico, procurou-se obter respostas a

partir da experiência subjetiva e, obviamente, da interpretação e reconstrução subjetiva do investigador.

A entrevista revelou-se uma ferramenta bastante útil ao permitir uma construção baseada nos relatos das interpretações e experiências dos intervenientes. Através de uma abordagem compreensiva da mesma, criou-se a oportunidade para redefinir os objetivos da investigação e mais facilmente aferir a relevância dos temas e conteúdos da entrevista.

Para a realização das entrevistas, foi fundamental a preparação de cada entrevista. Estas foram agendadas com a antecedência, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Foram facultadas as informações sobre o estudo e respeitadas as condições de confidencialidade. As entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise.

As entrevistas têm uma finalidade elucidativa e constituem-se como técnica que permite uma recolha de dados e possibilitam interpretar e qualificar o contexto, as pessoas e os procedimentos e também aceder “a aspetos em que o investigador não pensava” (Quivy & Campenhout, 1992).

As entrevistas foram realizadas a partir de um guião que permitiu a obtenção dos dados pretendidos, no sentido de saber um pouco mais das trajetórias dos formandos, compreender as interações entre grupos heterogéneos no Centro de Formação, e por outro lado, perceber também quais as estratégias educativas que os formadores utilizam para evitar conflitos e situações de bullying assim como compreender que perceção têm dos seus formandos.

No momento da entrevista, procedeu-se a um agradecimento aos intervenientes que se mostraram disponíveis para colaborar com este estudo e legitimar a entrevista, facultando-lhes a informação sobre os objetivos e metodologia da investigação, da pertinência da participação do entrevistado para o estudo em causa e do garante de confidencialidade do tratamento dos dados. Foi também solicitado a cada elemento autorização para se proceder ao registo áudio das entrevistas.

Não podemos deixar de referir, que por questões de ética procedeu-se à ocultação dos verdadeiros nomes dos entrevistados que com os seus contributos sustentaram esta dissertação, referindo-nos aos mesmos pela conjugação de uma letra e número.

Optou-se por um guião de entrevista semiestruturada com questões abertas, realizadas face-a-face, procurando operacionalizar-se alguns parâmetros na sua construção, de

acordo com os objetivos específicos que se pretendia investigar, designadamente quanto à existência ou não de comportamentos de bullying na formação, à vivência interna e externa de momentos de pressão e ameaça, à conceptualização do constructo social “bullying” e à forma como os intervenientes perspetivam o papel da administração e gestão da formação no controlo dos fenómenos de bullying.

### **3.5.Método e técnicas de análise dos dados**

Para análise de dados privilegiaremos a análise de conteúdo (Bardin, 2002). Considerando que a análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção / receção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 2002), a análise de conteúdo das entrevistas aos formadores e formandos baseou-se em três polos cronológicos, sistematizados por Bardin (idem) e que incluem a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados e interpretação.

No caso concreto, tivemos presente o contributo da autora que alerta para o facto de um discurso poder ser polissémico e existir um significado simbólico para além do que é afirmado. Este é a grande dificuldade da análise de conteúdo. Tendo esta técnica uma base empírica, não se pode esperar que se aplique um modelo exato, mas deve-se respeitar preceitos básicos, nomeadamente na procura de conteúdo para lá do que aparentemente é dado, sem extrapolar ou deturpar o sentido.

O processo de análise consistiu numa leitura flutuante do texto transcrito e na codificação do material. O desafio é precisamente transformar dados brutos (por recorte, classificação, agregação e categorização) em dados classificados. (Bardin, 2002)

Na fase da pré-análise, transcreveram-se as entrevistas, fazendo uma leitura dos dados e discursos quer das entrevistas quer dos grupos focais, de modo a organizar e sistematizar a informação recolhida, de acordo com as referências teóricas emanadas das leituras efetuadas na fase da preparação da dissertação.

Basicamente, esta primeira etapa implicou a captação do material em bruto, através da transcrição. Seguidamente procedeu-se à leitura de onde emergiram categorias e objetivos que fundamentaram e justificaram a análise.

Posteriormente, os dados foram compilados, partindo das unidades de registo. Nesta fase, foram selecionados excertos das afirmações dos intervenientes, de acordo com o grau de relevância das mesmas.

Na fase da exploração do material, codificou-se os dados recolhidos em categorias. Parafraseando Bardin (2002), as categorias são classes que agrupam elementos (unidades de registo, no caso da análise qualitativa) sob um título genérico que tem em consideração as características comuns desses elementos, ou seja, classificamos os elementos de acordo com as suas similitudes e por diferenciação, com a criação de categorias e subcategorias, mais tarde reagrupadas, de acordo com denominadores comuns.

Das entrevistas transcritas, foram extraídas algumas categorias que sobrevieram de um conjunto de informações obtidas pela mobilização da leitura efetuadas; em seguida procedeu-se à sua classificação por temas.

Em relação aos formadores A e B, Psicóloga e Diretor, em cada categoria, foi-se compilando um determinado conjunto de respostas dos entrevistados. Após a análise, recorreu-se à citação de frases recolhidas durante as entrevistas.

O critério principal na construção de cada categoria foi permitir a inclusão de todos os elementos de determinado tema, ser objetivo e fiel nos excertos transcritos. Para a ajuda na compreensão de cada categoria, fez-se uma introdução, definindo e explicando o que é tratado e, no final, optou-se por fazer uma breve descrição e reflexão sobre os resultados obtidos.

Relativamente aos formandos, optou-se por fazer entrevistas grupais, utilizando um guião muito idêntico ao das entrevistas de questões semiabertas. Considerando potenciais constrangimentos dos formandos capazes de comprometer a intervenção dos mesmos, nomeadamente por pertencerem todos ao mesmo curso e poderem recear a reação dos colegas, optou-se por criar outro grupo de discussão de discussão, com vista a verificar se as respostas dos jovens se alteram pelo facto de estabelecerem entre si relações interpessoais de proximidade.

Assim, com vista a aprofundar e clarificar as questões relacionadas com o bullying e associadas a estas, foi colocado um conjunto de questões para a melhor compreensão deste fenómeno.

O guião construído aborda questões semiabertas, necessárias para este grupo de discussão e estão relacionadas com as perceções do fenómeno na formação e no geral,

a importância dada à origem socioeconómica, à aparência física dos pares, a diferença de comportamentos provocativos entre raparigas e rapazes, o papel de formadores e coordenadores e ainda propostas de soluções de modo a minorar este tipo de comportamentos.

Foi utilizado um gravador, de forma a poder guardar toda a informação discutida durante a sessão. Foi previamente explicado o objetivo da realização deste grupo de debate, nomeadamente que seria para compreender melhor o fenómeno do *bullying* e a prevalência de comportamentos antissociais na formação profissional, sendo o objetivo agir para prevenir e minorar esse tipo de práticas. Foram também validadas as questões colocadas pelo guião e obtidas as devidas autorizações dos participantes.

Para clarificar a participação dos formandos, enquadrou-se a pesquisa no âmbito do mestrado e abordou-se as questões da confidencialidade e anonimato (APA, 2002), como havia sido feito nas entrevistas.

O guião foi elaborado de modo a promover uma discussão aberta e motivar a participação de todos os intervenientes.

Tendo como referência os contributos de Bardin (2002), é de salientar que a categorização dos resultados pode recorrer a dois processos aparentemente inversos:

- O sistema de categorias está definido à priori e, na análise, enquadra-se os elementos recolhidos nessas categorias;
- O sistema de categorias não é definido à partida, surgindo da classificação analógica e progressiva dos dados recolhidos. A designação conceptual surge no final do tratamento dos dados;

No caso concreto do presente estudo, recorreu-se aos guiões de entrevista e do focus grupo para definir unidades de categorização, sendo que se manteve a mente aberta para a possibilidade de emergirem outras unidades de categorização no processo de leitura dos elementos recolhidos.

**Quadro 6: Síntese dos Instrumentos utilizados na recolha de dados**

Instrumentos utilizados	Tipologia dos instrumentos	Intervenientes no processo	Aplicabilidade
Registos institucionais	Lista de inscrições dos formandos; Listagem de formandos a frequentar (1.º e 2º anos); Regulamentos e estatutos; Registos de assiduidade e abandono;		Consulta e registo dos dados mais relevantes, respeitando o RGPD, para compreender o contexto de pesquisa;
Observação	Participante		Acompanhamento do ambiente formativo da Entidade, nomeadamente do curso de Química Industrial, com registo dos momentos mais relevantes;
Entrevista	Semiestruturada (questões semiabertas)	2 Formadoras 1 Psicóloga 1 Gestor;	Entrevista individual a elementos significativos do processo formativo
Discussão temática	Grupos focais	9 Formandos em cada grupo;	Entrevista coletiva; Confiabilidade e validade.

### 3.6. Calendarização das atividades

ETAPAS	AÇÕES	DATAS RELEVANTES											
		Out. 16	Jan. 17	Jun. 17	Set. 17	Abril 17	Abril 18	Jun. 18	Jul. 18	Set. 18	Out. 18	Nov. 18	Dez. 18
Preparação	Pesquisa bibliográfica												
	Revisão da literatura												
Desenvolvimento	Seleção do Contexto de pesquisa												
	Preparação instrumentos de recolha de dados												
	Alteração do local do estudo												

ETAPAS	AÇÕES	DATAS RELEVANTES											
		Out. 16	Jan. 17	Jun. 17	Set. 17	Abril 17	Abril 18	Jun. 18	Jul. 18	Set. 18	Out. 18	Nov. 18	Dez. 18
Desenvolvimento	Observação												
	Aplicação dos instrumentos de pesquisa												
Análise	Pré-análise Transcrição												
	Exploração dos materiais												
	Tratamento dos dados												
Conclusão	Mobilização dos resultados												
	Considerações finais												
	Apresentação da Dissertação												

### 3.7. Confiabilidade

O maior objetivo de uma pesquisa qualitativa é garantir a confiabilidade dos resultados obtidos. Ainda se associa muito a confiabilidade à quantificação de dados. Porém, o objetivo de uma investigação de cariz qualitativo é compreender os fenómenos sociais e não propriamente explicá-los ou prever a evolução dos mesmos.

Neste estudo, procurou-se salvaguardar a confiabilidade dos dados, definindo alguns critérios orientadores, nomeadamente **credibilidade** e **autenticidade**, evidenciados nas preocupações em reproduzir as vozes dos diferentes atores do processo formativo.

Sem descurar a ligação socio-afetiva e profissional do autor ao contexto de pesquisa, houve um permanente esforço para respeitar critérios de **integridade**, **clareza** e **congruência**, numa constante reflexão sobre a validade do estudo, evitando excessos interpretativos e vieses da pesquisa por parte do autor, de modo a que os resultados se ajustem ao contexto.

A confiabilidade dos dados qualitativos implica uma consistência dos mesmos. Para isso, tal como afirmou Yin (2003), é necessário documentar todos os procedimentos, tendo

especiais cuidados com as transcrições para assegurar que são mantidos os significantes e ulteriores significados, respeitando as ideias dos entrevistados.

Para assegurar confiabilidade, recorreu-se a notas de terreno e a meios técnicos de registo, nomeadamente gravações áudio. Todas as gravações foram transcritas na íntegra e remetidas, via e-mail, aos participantes para que confirmassem se as mesmas reflectiam o seu pensamento e posicionamento face ao tema. Foram recepcionados e-mails de validação das entrevistas, pelo que se pode afirmar que as mesmas são confiáveis na reprodução das ideias e pontos de vista dos entrevistados.

A preocupação com a validade dos dados recolhidos nesta pesquisa levou a que nos socorrêssemos das estratégias propostas por Creswell (2010), designadamente a triangulação de dados, combinando diferentes técnicas qualitativas (observação participada, grupo focal, entrevistas individuais), com o intuito de efetivar o cruzamento das perspectivas e visões dos diferentes intervenientes no ambiente formativo relatado no estudo de caso.

#### **4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS**

Aplicados os instrumentos de pesquisa, procedeu-se a uma combinação dos objetivos específicos que se pretendiam atingir com este trabalho (Capítulo 1. Pt. 1.4.) com as questões colocadas nos guiões das entrevistas e dos focus group, de modo a proceder a um tratamento exaustivo dos dados recolhidos. Cada objetivo foi dividido em objetivos parcelares evitando perdas de informação preciosa.

Foram construídas tabelas, que auxiliaram na criação de categorias de análise. Procurou-se construir tabelas de análise que servissem não só os objetivos, mas que respeitassem o referencial teórico adotado. Identificadas as categorias de análise e tendo em conta o registo fiel do discurso de cada um dos intervenientes.

Respeitou-se as categorias previamente definidas emanadas dos guiões, mas permitiu-se a emergência de uma categorização proveniente da análise das entrevistas.

Basicamente, o critério adotado para analisar o conteúdo das diversas entrevistas foi a identificação de evidências nos discursos dos agentes, que foram tomadas como unidades de registo em cada categoria apresentada.

Considerando que a análise qualitativa também pode ter outputs quantitativos, por ser “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 2002, p. 37), procurou-se quantificar evidências, respeitando as regras de enumeração, propostas por Bradin (2002), nomeadamente presença/ausência de determinados elementos e verificando a frequência (simples ou ponderada) de ocorrência.

##### **4.1.A concetualização do *Bullying* na voz dos atores do processo formativo no Sistema de Aprendizagem**

Partindo das observações participantes, verificou-se que o conceito de bullying ainda não está clarificado para os intervenientes do processo formativo.

Independentemente do papel desempenhado, os intervenientes parecem estar muito influenciados por conceitos do senso comum. As entrevistas efetuadas a formadores,

técnica especializada (psicóloga) e dirigente (gestor) e as entrevistas coletivas a formandos permitiram comparar a perceção dos agentes do processo formativo sobre o fenómeno do bullying e verificar se existe ou não visões muito díspares do mesmo fenómeno. Em última análise, pretende-se chegar a uma conceptualização do bullying no caso específico de um curso do SA.

Assim sendo, os dados obtidos sobre este item serão abordados de forma conjunta, mesmo que adotando um critério comparativo (ver anexo 4)

**Quadro 7: Objetivo 1. Identificar a perspetiva dos intervenientes no processo formativo sobre o bullying**

Objetivos	Questões formuladas
Recolher dados de opinião sobre o que é o bullying (tipologias e tendências) na perspetiva dos formandos.	Qual significado para os formandos de: bullying / provocação / cyberbullying?
Recolher dados de opinião sobre o que é o bullying (tipologias e tendências) na perspetiva dos profissionais.	Enquanto profissional, como encara o fenómeno do bullying?
Compreender os conceitos e preconceitos dos intervenientes quanto ao perfil dos agressores.	Qual o perfil dos “bullies”? Quem são os perpetradores?
Compreender os conceitos e preconceitos dos intervenientes quanto ao perfil das vítimas	Porque é que as vítimas se submetem?

Tendo em conta o primeiro objetivo específico esmiuçado conforme consta na tabela 5, analisou-se os elementos recolhidos, a partir das transcrições dos dois focus group a formandos, apresentando a síntese no quadro 8.

**Quadro 8: - Bullying: Conceitos e Preconceitos**

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (UNIDADES DE REGISTO)	FREQUÊNCIA
<b>Conceptualização do fenómeno</b>	<p>“São situações em que uma pessoa ou várias gozam com outra pessoa que discriminam devido à cor, raça, devido a várias outras coisas (...) (F1)</p> <p>“Uma ou várias pessoas intimidam outras.” (F3)</p> <p>“O bullying é um tipo de violência, a que, poderá ser violência física ou psicológica em que temos intervenientes, Quem faz o bullying e quem sofre do bullying” (Formadora B)</p> <p>“Provocação física e psicológica constante” (A6)</p> <p>“(…) Para que a pessoa se sinta humilhada, inferiorizada, levando-a ao isolamento” (Formadora A)</p>	19
<b>Perfil dos “bullies”</b>	<p>“Sem interesse por si e pelos outros” (F1)</p> <p>“Gostam de dominar e mostrar que são melhores e mais fortes do que os outros”. (Formadora B)</p> <p>“Alguém que já sofreu problemas em casa ou é vítima de outro tipo de problemas” (F3)</p>	11
<b>Perfil das vítimas</b>	<p>“são frágeis; porque se sentem intimidados” (F4)</p> <p>“Têm medo e vergonha de serem tratados assim.” (A7)</p> <p>“(…) são um bocadinho mais diferentes” (Formadora B)</p>	21

De acordo com a maioria dos entrevistados, conclui-se que o Bullying é um ato de violência física e psicológica constante, onde coexistem dois tipos de intervenientes: os agressores e as vítimas, no qual o (s) primeiros intimidam as vítimas, humilhando-as, inferiorizando-as e levando-as ao isolamento, discriminando-as pela sua cor, raça ou outros fatores que a tornem diferentes.

A análise permitiu ainda concluir que a maioria dos intervenientes no processo formativo consideram os “bullies” como alguém que não tem objetivos próprios, gosta de dominar e tem a “mania” da superioridade.

Neste objetivo, foi possível verificar um significativo desvio, com 11 entrevistados a referirem a fragilidade emocional do agressor como motivação para a sua prática dominadora.

É de salientar a justificação dos atos de bullying com a origem sociofamiliar dos formandos agressores (“...são efetivamente jovens vindo de famílias disfuncionais, sem bases educacionais”, nas palavras do Diretor, e “são crianças ou jovens que vêm também de contextos socio familiares baixos ou que evidenciam de certa forma violência em casa”, na perspetiva da psicóloga).

### 3.4.4. Formandos – Vítimas e agressores

Neste tópico, pretende-se aferir a compreensão dos intervenientes sobre os padrões de atuação, causas e motivações dos agressores e das vítimas, bem como compreender as consequências e efeitos desses comportamentos nos processos e ambientes formativos.

#### **Quadro 9: Objetivo 2. Aferir a existência de relações intrínsecas entre o bullying e o absentismo e abandono da formação**

Objetivos	Questões formuladas
Percecionar a opinião dos formandos quanto à existência ou não de bullying nos cursos de Aprendizagem	Conhece casos de bullying na Formação Profissional? Quais são sentimentos /emoções nas situações de bullying?
Recolher a opinião sobre os padrões de atuação	Que tipo de comportamentos assumem os “agressores”?
Aferir a perceção dos formandos sobre as causas e motivações dos agressores	Qual ou quais as razões para alguns formandos (agressor) escolherem os outros (vítimas)?
Compreender os efeitos do bullying no ambiente formativo	Em que situações? Em que espaços/momentos se deve intervir?

Partindo das unidades de registo, obtidas nas respostas de todos os formandos participantes nos dois focus group, relativas às categorias de análise do 2.º objetivo específico (anexo 5), elaborou-se o seguinte quadro.

#### **Quadro 10 - Efeitos do fenómeno de bullying no processo formativo**

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)	Frequência
<b>Verificação de ocorrências</b>	<p>“Eu conheço, porque eu vi... aquela amiga que falei há pouco... das redes sociais” (F3)</p> <p>“Sim... vários.”(F6)</p> <p>“Sim, praticamente toda a gente já praticou bullying... pode ser por coisas mínimas, mas já praticaram...” (F5)</p> <p>“Eu conheço casos, porque eu vejo vários... aqui e lá fora.” (F1)</p> <p>Conheço. Tive uma amiga que foi vítima de cyberbullying. (A7)</p>	13
<b>Padrões de atuação dos “bullies”</b>	<p>“(...) escolher uma vítima e massacrá-la constantemente” (F3)</p> <p>“Podem mesmo tornar-se psicopatas... porque começam a não ver outra coisa se não perseguir</p>	

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)	Frequência
<b>Padrões de atuação dos “bullies”</b>	<i>aquela pessoa. (A2) “Aparentemente fazem-se amigos, tudo começa com uma brincadeira; apalpam o pulso à vítima e aproveitam-se dos problemas dos colegas.” (F8)</i>	18
<b>Perfil das vítimas</b>	<i>“Eu acho que talvez por a vítima ser diferente, não se integrar em grupos e isso faz com que eles a discriminem.” (A2)</i>	15
<b>Causas e motivações</b>	<i>Pode ser por querer ser igual à vítima ou por elas serem emocionalmente frágeis. (A1) “O agressor sente necessidade de ser dominador, por isso mostra-se controlador...” (F6)</i>	18
<b>Consequências/efeitos</b>	<i>“A vítima sente medo de passar pelo agressor e por isso foge dele. Isso faz com que o agressor se sinta o maior... sente-se superior.” (F2) A pessoa desiste... fica refém da perseguição e não tem vontade para nada. (A3) Começa a faltar, muda as rotinas, isola-se e acaba por mudar de escola e o agressor fica-se a rir e arranja outras vítimas. (A4)</i>	18

Os formandos entrevistados referiram conhecer casos de *bullying* e de *cyberbullying* na formação profissional, fazendo questão de enfatizar que os mesmos não tinham ocorrido na Entidade que agora frequentam. De realçar que apenas 4 formandos, 2 em cada focus group, afirmaram desconhecer ocorrências de *bullying* na formação.

De referir ainda a confusão evidente entre casos de *bullying* e irreverência juvenil; ilação a retirar das afirmações: “... só o facto de a pessoa brincar, não gostam e já acham que é *bullying*” (F2); “ E o facto de nos picarmos uns com os outros, pode ser considerado *bullying*, mas para nós não é” (F6) corroborado pela afirmação de F5 que refere que “Praticamente, já todas as pessoas já praticaram ações de *bullying* na formação”

Na verdade, e porque a investigação-ação tem esta capacidade de alargar saberes se o pesquisador estiver aberto ao surgimento de novos contributos, no decurso do 2.º focus group, nesta fase da entrevista coletiva, e sem que nada o fizesse prever, uma jovem formanda assumiu ter sido vítima de *bullying*. Deu-se a conhecer na primeira pessoa, traçando um perfil genuíno de si própria enquanto vítima e dos agressores.

Pela profundidade das suas afirmações e considerando que ilustram as respostas da maioria dos entrevistados, reproduzem-se na íntegra os aspetos relacionados com o objetivo 2.

*No que se refere à tipologia de perseguição, a formanda referiu que a mesma “era psicológica e não chegou a física porque eu não deixei... Fugi...”*

O facto de referir que “(...) *foi noutra escola*” leva-nos a concluir que a formanda mudou de escola, até porque, segundo a mesma, a provocação era “*em qualquer sítio... no intervalo, na sala, em contexto de trabalho... na saída, através de mensagem, por exemplo. No meu caso, era dentro da escola e fora da escola.... Era nos intervalos. Nas aulas, também acontecia, mas não era tão frequente.*”

Relativamente às causas e motivações quer de agressores quer das vítimas, a formanda considera que os agressores “(...) *são violentos, mal-educados, malformados... muita coisa. E a vítima, com medo, sente-se dominada e sente-se inferior.*”

Apesar da fragilidade das vítimas “ (...) *ou podem estar num momento frágil e ainda assim geram a inveja dos agressores.*”

No que se refere aos motivos porque se tornou alvo dos agressores, a vítima não soube especificar, afirmando “(...) *não sei... não demonstrava ser fraca... eu era alegre, dava-me bem com toda a gente. Foi de repente... Acho que foi pelas notas... Talvez inveja.*”

Quanto às consequências e efeitos destes atos nos intervenientes, no caso concreto, sentia “(...) *raiva, sentia medo.... Ficava triste*”. Quanto ao agressor, a formanda não acha que “(...) *o agressor se sinta o maior. Pelo contrário, acho que se sente inferior e por isso faz bullying para se sentir o maior. Como sente precisamente o oposto, faz essa pressão psicológica para se sentir melhor consigo próprio.*”

De referir que todos os formandos entrevistados consideraram que os efeitos na vítima são muito danosos e podem ir desde alterações nas rotinas, sentimento de exclusão a depressão e até suicídio (“*Em certos casos, a vítima pode até matar-se (F3)*”). Referiram também o absentismo e abandono da escola (3 formandos).

**Quadro 11: Objetivo 3. Estabelecer estratégias de identificação, acompanhamento e empoderamento das potenciais vítimas**

<b>Objetivos</b>	<b>Questões formuladas</b>
Recolher dados de opinião sobre os apoios existentes percecionados pelos formandos	Em situações problemáticas a quem podem os formandos recorrer? Que tipo de ajuda procuram?
Compreender que significado atribuem os formandos aos canais de ajuda/apoio existentes	Que tipo de apoio é facultado? É suficiente o apoio existente face às situações problemáticas?
Aferir as perceções sobre o papel da coordenação e gestão do curso no controlo e prevenção	Quem é que deveria apoiar os formandos, independentemente de verbalizarem ou não o pedido de ajuda? O que é que a Direção podia fazer para prevenir e minimizar os casos?

Da compilação de registos das entrevistas dos formandos de ambos os grupos (anexo 7), apresenta-se a seguinte síntese.

**Quadro 12- Estratégias de identificação, acompanhamento e empoderamento dos formandos**

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)	Frequência
<b>Apoios significantes existentes e identificados</b>	<p><i>“ Eu acho que eles guardam para si, mas, por vezes, se não aguentarem a pressão, eles, se calhar, preferem contar a um amigo próximo.” (F4)</i></p> <p><i>“Então, podia ser os professores e o Diretor (A3)</i></p>	14
<b>Atuação e gestão</b>	<p><i>Na minha opinião, os superiores só chegam a saber quando é algo mesmo grave. (F1)</i></p> <p><i>E a psicóloga... Também devia de se impor (A4)</i></p> <p><i>O Diretor da escola, professores e funcionários deviam de se impor e os pais também. (A1)</i></p>	18

Na análise das respostas a esta questão, verifica-se que os jovens acreditam que o primeiro apoio está nos pares, como se pode verificar na afirmação da formanda A5: *“Eu tentei recorrer aos meus amigos, mas eles não podiam fazer mais do que o que já faziam.”* Só perante a incapacidade destes ou no caso de inexistência deste apoio é que os jovens recorrem à família (*“Por isso, tive de recorrer à minha mãe”*; A5).

Verifica-se na maioria dos jovens entrevistados a crença de que é ao diretor que cabe controlar o fenómeno, sendo que, paradoxalmente, consideram que *“os superiores só chegam a saber quando é algo mesmo grave”* (F1), verificando-se um descrédito na comunicação de professores e formadores com os profissionais de ajuda e com os superiores hierárquicos: *“Muitas das vítimas que passam por isso têm medo de recorrer a superiores porque também já houve histórias de professores a fazerem bullying aos alunos e por isso eles sentem-se incapacitados de pedir ajuda e guardam para eles mesmos... preferem ficar assim do que contarem a alguém.”* (F1)

Com o intuito de compreender a forma como os formandos percecionam o tipo de apoio que lhes deve ser facultado ao nível da atuação dos formadores, da coordenação e gestão, bem como aferir e incentivar os formandos na construção de instrumentos preventivos, elaborou-se a seguinte tabela, para espelhar o objetivo 4 deste estudo. E o respetivo quadro síntese das respostas.

**Quadro 13: Objetivo 4. Propor procedimentos de boas práticas**

Recolher elementos de opinião que fundamentem a tomada de medidas de controlo e prevenção ao nível do ambiente (espaço formativo)	O que é que pode/deve ser feito para controlar/minorar/prevenir casos de bullying na FP?
Identificar qual o papel esperado da coordenação e gestão	Quem deve assumir a responsabilidade de tomar medidas? Que tipo de medidas?
Identificar sugestões de medidas de controlo do fenómeno na Formação Profissional	Que propostas poderiam ser feitas para ajudar a controlar casos de bullying?

**Quadro 14: - Ações e Procedimentos preventivos**

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)	Frequência
<b>Ações preventivas</b>	<i>“Deve haver mais educação para os valores e não exporem tantas coisas nas redes sociais o que acontece muito na geração de hoje em dia” (F5)</i>	14
<b>Intervenção da gestão e coordenação</b>	<i>“Nos centros de formação, devia haver mais aulas teóricas e práticas sobre o bullying assim como outros assuntos e alertar” (A4)</i> <i>“Eu acho que devia haver um acompanhamento dos formandos para ajudá-los a parar com isso...” (F7)</i> <i>“Os diretores deviam impor mais regras dentro da escola...” (F6)</i> <i>“Devia haver mais comunicação entre formadores e alunos para que os possam ajudar e eles também possam procurar ajuda.” (F3)</i>	15
<b>Sugestões de melhoria contínua</b>	<i>“Fazer algo, tipo uma Caixa Anónima, onde tanto vítimas como agressores, porque eles muitas vezes também têm problemas, colocar lá... e depois o diretor da escola juntamente com os professores, funcionários e assim saber resolver...saber por onde pegar para acabar com isso” (F3)</i> <i>“Eu acho que cartazes distribuídos pelas instalações também ajudava.” (F8)</i> <i>“Eu acho que os professores que identificam ou sabem de casos deviam ter conversas com os amigos da vítima para não o deixarem sozinho e o apoiarem” (F2)</i> <i>“(...) palestras, sessões de esclarecimento sobre este tema...” (A5)</i> <i>“Antes da vítima ser vítima, os agressores devem de ser acompanhados para se manter estável e para que não haja vítimas. (A3)</i> <i>Promover debates (A8)</i> <i>Usar os media e as redes sociais para ajudar a controlar o bullying (A6)</i>	18

Os formandos de ambos os grupos consideram que é fundamental falar sobre o bullying em ambiente formativo, num clima de comunidade educativa, proporcionando um clima de acompanhamento às vítimas, mas também a agressores.

Todas as sugestões passam por atividades de divulgação e debate de modo a tornar visível um fenómeno que não pode continuar a ser ignorado.

### 3.4.5. Formadores e Técnicos intervenientes no processo formativo

Mantendo os meus critérios utilizados para os formandos, elaborou-se tabelas com vista ao cruzamento dos objetivos com as questões formuladas no guião de entrevista (**anexo 2**)

**Quadro 15: - Aferir a existência de relações intrínsecas entre o bullying e o absentismo e abandono da formação**

Objetivos	Questões formuladas
Percecionar a opinião dos formadores e técnica especializada (psicóloga) quanto à existência ou não de bullying nos cursos de Aprendizagem.	Conhece casos de bullying na Formação Profissional? Qual a modalidade formativa que considera ser mais propícia ao surgimento de casos?
Recolher a opinião sobre os padrões de atuação dos “bullies”	Que tipo de comportamentos assumem os agressores?
Compreender os efeitos do bullying no ambiente formativo.	Em que situações? Em que espaços/momentos ocorrem mais casos? Como compararia o comportamento deste fenómeno na FP, comparativamente às Escolas Públicas?

**Quadro 16 - Efeitos do fenômeno de bullying no processo formativo**

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registro)	Frequência
<b>Verificação de ocorrências</b>	<i>Trabalho há 30 anos com este tipo de situação. Não são assim muitos, mas já aconteceram alguns casos. (Diretor)</i> <i>No meio profissional é, em formação profissional, aqui por exemplo neste centro, nunca me apercebi assim de nada (Formadora A)</i>	4
<b>Padrões de atuação dos “bullies”</b>	<i>“Podem chamar nomes de acordo com algumas características físicas que as vítimas têm, por exemplo quando são miúdos mais gordinhos não é? (...) alguns adjetivos, quando são de cor também” (Formadora A)</i> <i>São jovens... estão numa fase de se afirmarem... o grupo para eles é sobrevalorizado e depois acontecem esses exibicionismos (...) em termos de tipo de comportamentos, pode a ser então a tal violência física, a violência psicológica, depois há também comportamentos que estão muito relacionados também com cyberbullying (Psicóloga)</i>	4
<b>Consequências/efeitos</b>	<i>Mudança de rotinas... uma vida com medo para um ou uma jovem é terrível; pode conduzi-los a desistência de viver... ao nível da escola tem influência no aproveitamento e muitas vezes leva ao abandono... por medo. (Psicóloga)</i>	1

Verifica-se por parte dos técnicos entrevistados alguma subtileza em falar sobre a existência de casos de *bullying* na formação profissional, nomeadamente no caso da Entidade para a qual trabalham, como se pode verificar nas respostas da Formadora A: “*É assim, evidentes não, que eu tenha conhecimento e evidentes não... mas há sempre suspeitas...*” e redundadas pela psicóloga que afirma “*Que tenha conhecimento, não, portanto tenho conhecimento de casos de jovens que sofreram bullying antes de virem para cá...*”

**Todos os entrevistados são unânimes a afirmarem que** a haver casos, esses ocorrem “*(...) na aprendizagem, sem dúvida.*” (Psicóloga) porque “*eles são jovens... e alguns deles, já desistiram de muita coisa... já passaram também por muita coisa...*” (Formadora B).

**Quadro 17: Objetivo 3. Estabelecer estratégias de identificação, acompanhamento e empoderamento das potenciais vítimas**

<b>Objetivos</b>	<b>Questões formuladas</b>
Recolher dados de opinião sobre os apoios disponíveis para os formandos	Em casos de bullying ou episódios de agressividade, que medidas foram tomadas? As medidas tomadas foram eficazes?
Recolher elementos de opinião sobre as medidas de atuação, coordenação e gestão para controlo e prevenção	O que poderia/deveria ser feito para prevenir casos de bullying e/ou comportamentos agressivos no ambiente formativo?

**Quadro 18: - Estratégias de identificação, acompanhamento e empoderamento dos formandos**

<b>CATEGORIA</b>	<b>EVIDÊNCIAS (unidades de registo)</b>	<b>Frequência</b>
Apoios existentes e disponíveis	<i>Houve, houve medidas tomadas, mas normalmente medidas que não são tomadas no imediato, ou seja, só passado algum tempo do jovem estar a ser vítima do bullying é que conseguiu expor o caso, então, depois aí é que foram acionados os meios, ...chamar a família, intervir com o agressor, intervir com a vítima.</i> (Psicóloga) <i>“Quando surgem estas situações é chamado agressor; é chamada a vítima em separado, é posteriormente chamado os pais, os encarregados de educação ...”</i> (Diretor)	2
Atuação, coordenação e gestão	<i>“Tomaram-se diversas atuações, nomeadamente algumas medidas disciplinares. Quando a situação se consegue resolver e não é um assunto muito grave poderá passar por uma repreensão. Se a medida for mais gravosa passa por medidas disciplinares que culminam, na expulsão do agressor.”</i> (Diretor) <i>No caso específico de um que eu acompanhei mais de perto envolveu-se os pais e também algumas pessoas da comunidade escolar terem prosseguido o problema houve ali uma envolvimento maior e um dialogo também entre os pais do agressor e o próprio agressor e a comunidade escolar, sendo a comunidade escolar neste caso o aluno, a vítima, pais da vítima, os professores e até mesmo os funcionários, toda a comunidade escolar numa tentativa de ajudar a vítima mas também ajudar o agressor, fazê-lo entender que a sua atitude não estava correta e mudá-lo.</i> (Formadora A).	2

De salientar duas formas diferentes de atuação; por um lado uma atuação mais punitiva, por outro lado uma mais integrativa, mas como diz a formadora B “*não há estratégias milagrosas isoladas*”.

**Quadro 19: Objetivo 4. Propor procedimentos de boas práticas, na perspetiva dos formadores**

<b>Objetivos</b>	<b>Questões formuladas</b>
Recolher elementos de opinião que fundamentem a tomada de medidas de controlo e prevenção ao nível do ambiente (espaço formativo)	O que é que pode/deve ser feito para controlar/minorar/prevenir casos de bullying e os comportamentos agressivos no geral, na FP?

**Quadro 20: - Ações e Procedimentos preventivos**

<b>CATEGORIA</b>	<b>EVIDÊNCIAS (unidades de registo)</b>	<b>Frequência</b>
<b>Ações preventivas</b>	<p>“Penso que é o maior passo que a vítima esteja alertada sempre, que haja, claro, conversa com eles sobre este assunto... que os alertemos para este tipo de problema para que quem é agressor não o seja, ou seja, não chegue a sê-lo(...)Mas principalmente a vítima poder logo à primeira experiência denunciar, não é... Denunciar o comportamento do agressor.” (Formadora A)</p> <p>“Eu acho que falar sobre o assunto, dar alguma informação e formação aos jovens, penso que passa por aí, fazer campanhas, fazer trabalhos, dar exemplos reais, penso que passa por aí, tentar...” (Formadora B)</p>	4
<b>Sugestões de melhoria contínua</b>	<p>“(...) Campanhas de sensibilização...” (Formadora A e Formadora B)</p> <p>“(...) ações de formação quer dirigidas aos próprios jovens em contexto de sala de aula, portanto dinâmicas de grupo sobre agressividade, sobre autoestima, sobre assertividade e mesmo palestras sobre sensibilização de que é isto do bullying. Para além disto também as sessões individuais que são feitas no serviço de psicologia para acompanhar os jovens.” (Psicóloga)</p>	4

Tal como os formandos, os profissionais e dirigente consideram essencial falar sobre o bullying na comunidade formativa, fazendo formação informal dos formandos a par de um acompanhamento permanente de formadores e técnicos. Nas palavras do Diretor, é necessário “(...) o apoio e acompanhamento que é prestado aos formandos em

*formação, para eles, nomeadamente estes predadores, sentirem uma aproximação dos técnicos de formação aos formandos”.*

#### **4.2.Síntese de Análise de conteúdo**

No que se refere à conceitualização do bullying, ao perfil das vítimas e dos agressores, verificou-se nas respostas obtidas algum consenso com a contextualização teórica que afirma que o *bullying* é uma provocação constante de um ou mais alunos ao seu ou seus pares, o que confirma, neste caso, o conceito apresentado por Dan Olweus (1983).

As respostas obtidas permitiram concluir que, ainda de acordo com Olweus (idem) e consubstanciado por outros autores referidos, nomeadamente Pereira, 2002, Rodríguez, N. (2004), Smith (2000), a conduta agressiva é intencional e repetida sistematicamente.

*É provocação física e psicologicamente constante e intencional” (A6), havendo um desequilíbrio na relação interpessoal, tendo o agressor uma posição de dominância sobre a vítima. Ressalta essa ideia de dominância na análise das entrevistas dos formandos, como afirma o formando F4 “(...) acho que eles têm poder neles próprios” e a formanda A5 vai mais longe quando afirma que (...) a vítima, com medo, sente-se dominada e sente-se inferior”, corroborada pelo responsável pela Entidade, que afirma que os agressores (...) se julgam os dominadores comuns de todas as situações sobre os jovens indefesos.*

Para um melhor entendimento do fenómeno, o quadro teórico alerta-nos para a necessidade de entender o binómio agressor/vítima. De acordo com Carvalhosa (2012), os agressores demonstram grande à vontade com os comportamentos violentos, não sentindo qualquer empatia pelas vítimas nem sentimento de culpa pelos seus atos. A análise das entrevistas confirmaram esse perfil tendencialmente agressivo e violento, mas permitiu-nos verificar que, para os jovens, os “bullies” são também “vítimas”.

No que se refere ao perfil dos agressores, é de salientar as grandes discrepâncias na conceitualização dos formadores, técnicos e diretor comparativamente aos formandos. Enquanto os primeiros se centram numa descrição genérica do senso comum relativamente aos agressores, referindo-se a eles como “os colegas, os pares” (Formadora A), “adolescentes mais velhos” (Formadora B), “jovens vindos de famílias disfuncionais, sem bases educacionais” (Diretor), ideia contrariada pela formadora A que afirma que “os agressores são aqueles de quem nós não esperaríamos que fizesse esse tipo de... tivesse esse tipo de comportamentos”(Formadora A).

Os jovens focalizaram as suas respostas no perfil psicológico dos “bullies”, sem que a pergunta os induzisse a tal análise. De forma espontânea, enfatizaram as características psicológicas, considerando que os agressores são jovens sem motivação na vida que não sabem “o significado das coisas” (F1) , sentindo-se mal consigo próprios, procuram encontrar na inferiorização dos outros a catarse para si próprios.

Verificou-se nas respostas dos formandos uma grande preocupação quer com o bullying social “ (...) a vítima sente-se muito sozinha.” (F9), quer com o cyberbullying. (“Cyberbullying é gozar com pessoas que se conhece ou mesmo que não se conhece, através das redes sociais.” (A6). “O Bullying ocorre em qualquer lado, pois basta estar nas redes sociais (A8)”). Neste aspeto, o estudo de caso comprova a bibliografia que afirma que o *bullying social* e o *cyberbullying* tendem a aumentar com o crescente impacto das redes sociais na vida dos jovens (Fante, 2005). O facto do bullying isolar socialmente a vítima das atividades sociais e dos seus amigos causa-lhe “medo, raiva e aflição”(A6).

Verifica-se que os formandos participantes também referem a associação do *bullying* a formas racistas e/ou homofóbicas, cujas motivações têm a ver com a forma discriminatória como o(a) agressor(a) reage à cor de pele, raça ou origem e orientação sexual da vítima (*Pode ser pela cor, peso, orientação sexual... qualquer coisa diferente pode tornar a pessoa um alvo mais fácil.* (A2)”, ideia esta redundada pela formadora A.

Foi possível constatar que todos os intervenientes consideram necessário falar sobre o tema e as formas de prevenção passam claramente por uma rede de apoio articulada e onde participam todos os elementos da comunidade educativa: “ O Diretor da escola, professores e funcionários deviam de se impor e os pais também. (A1)

## 5. CONCLUSÕES

Quando iniciamos este estudo, tínhamos como principal objetivo compreender em que medida uma coordenação de proximidade na formação profissional poderá impedir ou minimizar situações de bullying entre os formandos. Nesta fase final do trabalho, pretendemos encontrar uma resposta, através do cruzamento e mobilização das respostas obtidas aos objetivos específicos e o referencial teórico inicialmente construído e apresentar algumas sugestões e recomendações para o futuro que emanaram do estudo empírico.

### 5.1. Considerações finais

Chegados à fase final desta dissertação, retomaremos os objetivos específicos deste trabalho para nos ajudar a encontrar a resposta para a questão de partida, transformada em objetivo geral deste estudo.

No que se refere ao objetivo “**Identificar a perspetiva dos intervenientes no processo formativo sobre o bullying**”, pode-se concluir que, no essencial, todos os intervenientes consideram o *bullying* um ataque provocatório e agressivo de cariz físico e psicológico, constante e persistente, sem que haja necessariamente um motivo detonador.

As vítimas são consideradas física e psicologicamente mais frágeis e, por isso mesmo, alvos fáceis dos *bullies* que não hesitam em se aproveitar dessa fragilidade para perseguir e aniquilar as vítimas, que vêem assim agudizados os seus problemas de autoestima. Isolada, deprimida e silenciosa, a vítima desiste de se impor e submete-se a um sofrimento permanente.

As motivações dos agressores são assentes na necessidade de se afirmar e de se mostrar poderosos e dominadores, pelo que tendem a impor-se pela agressão verbal, evoluindo para agressão física.

É de referir que este estudo permitiu aferir alguns aspetos importantes na concetualização do *bullying* e dos perfis das vítimas e dos agressores. De salientar que a jovem formanda que se assumiu como vítima no decurso da entrevista colectiva contribuiu não só para traçar o perfil dos agressores como também para explicar as suas causas e motivações. Afirmando que a vítima se torna um alvo fácil quando o agressor nutre sentimentos de “inveja” por ela, concretamente no que se refere aos resultados escolares obtidos. É interessante verificar que esta jovem vítima enfatiza o modo de vida dos agressores como motivo principal para a prática do *bullying*, no que é secundarizada pela maioria dos jovens participantes que consideraram que os agressores precisam de

ajuda pois também eles são sofrendores e vítimas de vivências pessoais complexas geradoras de sentimentos de frustração e de inferioridade.

Em contraposição a esta formulação sobre os *bullies*, verifica-se que o responsável da Entidade conota os perpetradores com a origem socioeconómica dos mesmos e as vítimas como “jovens bem formados que não alinham neste tipo de comportamentos”. Ora, esta divisão entre ‘bons’ e ‘maus’ pode ser condicionadora da forma como encara potenciais casos de *bullying*, pois, como afirma a Formadora A, o *bullying* é transversal e por vezes praticado “por quem menos se espera”.

Ainda relativamente ao esclarecimento cabal do que é o *bullying* é muito importante enquadrar o *bullying* na concetualização social da adolescência e juventude, uma vez que é essencial distinguir a irreverência da juventude do *bullying*. O *bullying* não pode ser confundido com brincadeiras mais ou menos musculadas, mais ou menos vernáculas próprias da adolescência e juventude.

Verificou-se que os jovens tendem a confundir as picardias ocasionais com atos de *bullying*. Isto pode implicar uma desvalorização do comportamento dos agressores e do sofrimento das vítimas. Esta questão é também levantada pela formadora A ao referir. “(...)apercebi-me de uma ou outra situação que pensei que poderia haver *bullying*, mas depois analisando um bocadinho mais de perto achei que não seriam casos de *bullying*.”.

Isto leva-nos a concluir que a clara diferenciação de *bullying* de outro tipo de comportamentos juvenis necessita de ser trabalhada quer com formandos quer com formadores.

Relativamente ao objetivo 2 deste estudo - **Aferir a existência de relações intrínsecas entre o bullying e o absentismo e abandono da formação**, não podemos concluir que existe uma relação direta e clara entre estes atos e o abandono e ausências à formação, apesar de dois formandos referirem que as vítimas podem começar a faltar e podem até abandonar a formação e mudar de escola. A psicóloga entrevistada e a formanda que se assumiu que vítima referiram que as ocorrências foram “noutra escola” o que nos ajuda a equacionar a possibilidade da mudança ter sido influenciada por estes atos, mas nenhum entrevistado o afirmou de forma inequívoca.

Os formandos e formadores entrevistados estabelecem uma relação direta entre estes casos e o sofrimento da vítima. Consideram que esta se sente de tal modo pressionada pelo agressor que tende a “fugir” e “desistir”, havendo dois formandos que conotam essa desistência com o aproveitamento académico e com o absentismo e abandono da

formação, da mesma forma que um outro considera que essa desistência de si próprio pode conduzir ao suicídio.

A jovem vítima de *bullying* refere que a forma que teve para evitar que as agressões aumentassem para um nível físico foi fugindo e mudando de escola.

No que se refere aos técnicos de educação e dirigente, as respostas também não foram conclusivas, pois, ao negarem expressão ao fenómeno na Entidade fecharam a possibilidade de explorar esta questão. Há, porém, de fazer a ressalva à Psicóloga que afirmou que os casos de *bullying* podem implicar abandono da formação, dando o exemplo de casos de formandos que haviam sido vítimas noutras escolas e que estão presentemente a frequentar a Entidade.

No que diz respeito ao objetivo 3 - **Estabelecer estratégias de identificação, acompanhamento e empoderamento das potenciais vítimas**, são relevantes as considerações dos jovens participantes, referindo-se à importância dos professores e diretores deverem ter uma comunicação permanente com os formandos, de modo a que nem só os casos graves cheguem ao conhecimento da Direção. Alertam também para a necessidade de se apostar na inter-relação da comunidade educativa, com a articulação dos pais, formandos, formadores, técnicos e dirigentes.

No que se refere às medidas tomadas pela Entidade para controlar os casos de *bullying*, os formandos consideram que as mesmas não surtem efeitos a nível da prevenção uma vez que a Direção apenas tem conhecimento dos casos mais graves.

É relevante o facto da vítima de *bullying* referir que tendo recorrido à ajuda de colegas para travar os agressores e como este apoio se mostrou incapaz de surtir efeitos, sentindo-se impotente para resolver o problema, teve de pedir apoio e intervenção à mãe. Verifica-se neste depoimento uma falta de proximidade entre professores, direcção e formandos, uma vez que não se aperceberam do caso e a própria vítima não sentiu à vontade para expor o problema com os profissionais da escola, optando por sair desse estabelecimento de ensino.

Esta ideia é, de certo modo, corroborada pela psicóloga ao afirmar que as medidas não são tomadas no imediato, ou seja, só quando o jovem que está a ser vítima do *bullying* expuser o caso, é que são acionados os meios de apoio e que passam por chamar a família, intervir com o agressor, intervir com a vítima, podendo assumir medidas mais punitivas que chegam à expulsão do agressor, de acordo com as palavras do Diretor.

De acordo com o relato da formadora A, o empoderamento da vítima passa pelo acompanhamento próximo de toda a comunidade escolar, gerando uma rede de apoio não só à vítima como ao próprio *bully*, levando-o a concluir que a sua atitude está errada.

No que diz respeito ao objetivo 4 - **Propor procedimentos de boas práticas a nível de toda a equipa formativa**, consideramos inestimáveis as propostas de formandos e formadores. Ficou claro que todos os intervenientes consideram necessário dar visibilidade à temática, de modo a que as vítimas se sintam confiantes, apoiadas e percam a vergonha de fala.

A nosso ver, a abordagem da intervenção focada nos agressores é deveras importante. Nas palavras da formanda que já foi vítima, qualquer controlo e prevenção tem de incluir os agressores para que se sintam integrados, para que sejam também eles ouvidos e compreendam que os seus atos são condenáveis. Se a comunicação os incluir não lhes resta espaço nem contexto para se imporem pela força.

Assim, quanto maior for o grau de conhecimento, a transparência e a visibilidade do fenómeno, maior capacidade de defesa tem a vítima. Este conhecimento pode ser obtido através de formação formal e informal (palestras, workshops baseados em casos reais, trabalhos práticos que impliquem diretamente os formandos), dinâmicas de grupo sobre agressividade, sobre autoestima, sobre assertividade, sobre cuidados a ter com a utilização das redes sociais.

Finalmente e considerando **o objetivo principal** deste trabalho compreender em que medida uma coordenação de proximidade pode contribuir para controlar, prevenir e minimizar os casos de *bullying*, socorremo-nos das intervenções dos participantes para concluir que só uma coordenação de proximidade poderá controlar, minimizar e prevenir casos de *bullying*.

Este trabalho veio ilustrar uma máxima que defendo e concluo que se aplica no presente estudo. Os coordenadores e diretores devem fomentar a proximidade entre a decisão e a ação, pois só assim poderá ocorrer uma intervenção precoce, sem que os casos tenham de ser de tal modo graves que só restem medidas punitivas.

Os coordenadores têm de incentivar a comunicação entre formandos e formadores, para que os formandos se sintam apoiados e os formadores valorizados. São os formadores quem está diariamente com os formandos. Porém, têm de se sentir preparados para identificar casos de *bullying* e lidar com vítimas e agressores. Assim, devem poder contar com formação nesta matéria e com o apoio da coordenação.

Cabe ao coordenador, estimular a participação dos pais na vida formativa e, sobretudo, estar disponível para ouvir as sugestões dos formandos e formadores, de modo a criar uma rede de apoio informal onde os casos de *bullying* dificilmente possam progredir.

Fazendo justiça à proximidade, deverá optar por um estilo de liderança democrático e dar voz aos intervenientes, o que, neste caso em concreto, implicaria aceitar e levar a efeito algumas das sugestões apresentadas, nomeadamente: formação informal dirigida aos agressores, porque *“antes da vítima ser vítima, os agressores devem de ser acompanhados para se manter estável e para que não haja vítimas. (A3); utilização dos “media e das redes sociais para ajudar a controlar o bullying (A6).*

No seguimento a curto prazo deste estudo, gostaria de propor a elaboração de um manual de boas práticas para formandos, formadores e restante pessoal de apoio à formação. Este tipo de manual só surtirá efeito se contar com os contributos dos intervenientes que são quem o irá por directamente em prática. O objetivo é que seja um manual simples, intuitivo, com a sugestão de dinâmicas integradoras de quebra-gelo, gestão das emoções e reconhecimento comportamental. Esta prática deverá ser apoiada, supervisionada e aberta a reformulação numa simbiose entre os atores e os dirigentes.

## **5.2.Limitações do estudo**

Em relação às limitações ao estudo realizado, consideramos que não é possível extrapolar os resultados obtidos para uma visão mais geral do contexto de formação, uma vez que se tratou de um estudo de caso, limitado a um universo de 19 jovens formandos do Sistema de Aprendizagem, numa entidade específica.

Fica também registada a preocupação quanto ao número de formadores participantes envolvidos, ponderando se tivéssemos envolvido mais formadores os resultados seriam ou não os mesmos no que se refere à concetualização do fenómeno e ao perfil das vítimas.

Ainda relativamente aos formadores e profissionais entrevistados, e tendo sido tomados todos os cuidados de confiabilidade, o facto de o entrevistador ser alguém ligado ao universo formativo também pode ser considerado uma limitação do estudo, uma vez que as respostas obtidas podem ser condicionadas pelos papéis exercidos por cada interlocutor. Fica sempre a preocupação se as dinâmicas geradas não seriam outras, caso o moderador das entrevistas fosse alguém completamente alheio ao universo da formação profissional.

Por fim, outra limitação a este estudo prende-se com o facto das respostas obtidas nos focus group dos formandos poderem estar condicionadas não só pelas relações existentes entre eles (preocupação já expressa nesta dissertação e trabalhada de modo a poder ser colmatada com a participação de formandos que não se conheciam, no 2º focus group) mas também pelo facto das entrevistas serem efetuadas em ambiente institucional, sendo o entrevistador apresentado aos formandos pelo Diretor. Esta conotação do pesquisador à Direção pode ter condicionado algumas respostas.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A. & Del Barrio (2002). A vitimização entre companheiros em contexto escolar. In Machado, C. & Gonçalves, R. (org.s), *Violência e Vítimas de crimes – Crianças* (pp.171-197). Coimbra: Quarteto Editora.
- Almeida, A. (2000). *As relações entre pares em idade escolar*. Braga: Centro de Estudos da Criança – UM.
- Bardin,L. (2002) *Análise de conteúdo*. Lisboa. Edições 70
- Beane, A. (2006). *A sala de aula sem bullying*. Porto: Porto Editora.
- Bentley, Karen M.; LI, Anita K. F. Bully and victim problems in elementary schools and students' beliefs about aggression. *Canadian Journal of School Psychology*, v. 11, n. 2, p. 153-165, 1996.
- Brazelton, T. (2002). *A Criança e o seu Mundo – Requisitos Essenciais para o crescimento e aprendizagem*. Barcarena: Editorial Presença.
- Carvalhosa, S., Lima, L., & Matos, M. (2001). Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 4, 523-537.
- Chalita, G. (2008). *Pedagogia da Amizade: Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores*. São Paulo: Gente.
- Coutinho, M.C. (2013). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*. Coimbra:Almedina.
- Costa, M. (1995). *A agressividade entre jovens na escola – “Bullying”*. Braga: CEFOPE – UM
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3ª Edição. Porto Alegre: Artemis.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Editora Verus.
- Ferreira, A. (2002). In-Disciplina: Estratégias de Intervenção. *Psicologia Educação e Cultura*, 1, 101-113.

Fonseca, A., Simões, A., Rebelo, J., Ferreira, J., & Cardoso, F. (1995). Comportamentos anti-sociais referidos pelos próprios alunos – novos dados para a população portuguesa do ensino básico. *Psychologica*, 14, 39-57.

Fonte, C. (2005). Investigar narrativas e significados: a Grounded Analysis como metodologia de referência. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa*, 2, 290-297.

Groue, M. & Walsh, D. (2003). *Investigação etnográfica com crianças – Teorias, Métodos e Ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Machado, C. & Gonçalves, R. (2002). *Violência e Vítimas de Crimes – Vol.2 – Crianças*; Quarteto Editora.

(Matos, 2010) Matos, M.G., Simões, C., Canha, L., Carvalhosa, S.F., Neto, F.C. & Reis, C. (2000). Intervenção com adolescentes no âmbito da execução de medidas tutelares não institucionais. In M.G. Matos; C. Simões & S.F. Carvalho (Ed.). *Desenvolvimento de Competências de Vida na Prevenção do Desajustamento Social. Aventura Social & Risco*, (pp.121-148). Faculdade de Motricidade Humana/Instituto de Reinserção Social - Ministério da Justiça.

Marques, R. (2002). *O diretor de turma e a relação educativa*. Barcarena: Editorial Presença.

Morgan, D. L. (1996). Focus Groups. *Annual Review of Sociology*, Vol. 22, 129-152. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2083427>. Consultado em outubro de 2018.

Olweus, D. (1989). *Bullying at school*. Cambridge: Blackwell Publishers.

Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.

Pellegrini, A. & Smith, P. (1993). School recess: implications for education and development. *Review of Educational Research*, 1, 51-67.

Pereira, B. (2001). *A violência na escola – formas de prevenção*. In Pereira, B. & Pinto, A. (coords.), *A escola e a criança em risco – intervir para prevenir* (pp.17-47). Porto: Edições Asa.

Pereira, B. (2002). *Para uma escola sem violência – estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Pereira, B. (2006). Prevenção da violência em contexto escolar: Diagnóstico e programa de intervenção. In João Clemente de Souza Neto e Maria Letícia B. P. Nascimento. *Infância: Violência, Instituições e Políticas Públicas* (pp. 43-51). São Paulo: Expressão e Arte Editora.

Pereira, B., Almeida, A. Valente, L., & Mendonça, D. (1996). O “bullying” nas escolas portuguesas: análise das variáveis fundamentais para a identificação do problema. In Almeida, L., Silvério, J. & Araújo, S. (org.s), *Actas do 2º congresso Galaico – Português de Psicopedagogia* (pp. 71-81). Braga: Universidade do Minho.

Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L. & Smith, P. K. (2004) Bullying in Portuguese schools. *School Psychology International*, 25 (2) 207-222. <http://hdl.handle.net/1822/6094>.

Pires, M. (2001). *Práticas de agressividade/Violência/Vitimação no contexto escolar*. In Pereira, B. & Pinto, A. (coords.), *A escola e a criança em risco – intervir para prevenir* (pp. 203-223). Porto: Edições Asa.

Quivy, R. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ramirez, F. (2001). *Condutas agressivas na idade escolar*. Amadora: Editora McGraw-Hill.

Relvas, A. (2003). *Por detrás do espelho – da teoria à terapia com a família*. Coimbra: Quarteto Editora.

Relvas, A.P & Alarcão, M. (2002). *Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto Editora.

Rigby, K. & Slee, (1991). Bullying among Australian school children: reported behavior and attitudes toward victims. *Journal of Social Psychology*, v. 131, n. 5, p. 615-627,. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1798296>>. Consultado em Outubro de 2018

Rodríguez, N. (2004). *Bullying, Guerra na Escola*. Lisboa: Sinais de Fogo.

Sani, I. (2002). *As crianças e a violência: Narrativas de Crianças Vítimas e testemunhas de crimes*. Coimbra: Quarteto Editora.

Sani, I., Gonçalves, R., & Keating, J. (s/d). *As realidades experienciais de crianças vítimas e testemunhas de violência – relatório de investigação*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia – UM.

Schaffer, H. (1996). *Desenvolvimento Social da Criança*. Lisboa: Instituto Piaget.

Schwartz, D., Dodge, K., Petit, G. & Bates, J. (1997). The early socialization of aggressive victims of bullying. *Child Development*, 4, 665-675.

Sebastião, J., Alves, M. & Campos, J. (2003). *Violência na escola: das Políticas aos quotidianos*. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 41, 37-62.

Silva, C. (1995). *Bullying – A agressividade no 3º ciclo do ensino básico no meio urbano e rural*. Braga: CEFOPE – UM.

SILVA, A.B.(2010). *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Simões, M. C. Taborda et al. Abandono escolar precoce: Dados de uma investigação empírica. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, [S.l.], p. p. 135-151, jan. 2008. Disponível em: <<http://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/view/1231>>. Acesso em: 18/04/2018

Smith, P. & Brain, P. F. (2000). Bullying in schools: lessons from two decades of research. *Aggressive Behavior*, 26: 1-9.

Smith, P. & Sharp, S. (1994). *School bullying: insights and perspectives*. London: New York: Routledge.

Strecht, P. (2003). *À Margem do Amor: Notas sobre delinquência Juvenil*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Szelbracikowski, A. & Dessen, M. (2005). *Compreendendo a agressão na perspectiva do desenvolvimento humano*. In Dessen, M. & Júnior, A. (Org.), *A ciência do desenvolvimento Humano – Tendências actuais e perspectivas futuras* (pp. 231-247). Porto Alegre: Artmed.

Szelbracikowski, A. & Dessen, M. (2005). *Compreendendo a agressão na perspectiva do desenvolvimento humano*. In Dessen, M. & Júnior, A. (Org.), *A ciência do desenvolvimento Humano – Tendências actuais e perspectivas futuras* (pp. 231-247). Porto Alegre: Artmed.

Tattum, D. & Lane, D. (1989). *Bullying in schools*. London: Tentham Books.

Tattum, D. & Lane, D. (1989). *Bullying in schools*. London: Tentham Books.

Yin, R. (2015). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. 5ª Ed. Porto Alegre. Bookman

## **6.1.Legislação**

Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE). <http://www.fenprof.pt>. Decretos-lei nºs 401/91 e 405/91.

## 7. ANEXOS

### 7.1. Pedido de participação e consentimento

#### CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO

O Bullying na formação Profissional - Um estudo de caso no Sistema de Aprendizagem

***Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe é feita e pretende colaborar livremente neste estudo, queira assinar este documento.***

**Enquadramento:** Este estudo é elaborado no âmbito do mestrado em Estudos Profissionais Especializados em Educação: Especialização em Administração das Organizações Educativas.

A sua participação neste estudo é muito importante pois pretende-se estudar o *bullying* na formação profissional, mais concretamente nos cursos de aprendizagem, dando voz aos atores que participam diariamente no ambiente formativo (formandos, formadores, técnicos de apoio sociopedagógico, coordenadores).

Assim, será feita um focus group (grupo de discussão) dirigido a formandos e uma entrevista aos restantes intervenientes. Ambas as técnicas serão semi-diretivas, deixando espaço aos conhecimentos e pareceres dos entrevistados. O focus group demorará aproximadamente 60 minutos e as entrevistas 20 minutos. Terão lugar nas instalações de Entidade.

Estes procedimentos metodológicos serão alvo de gravação áudio, para efeito de registo e tratamento da informação. Todas as gravações serão destruídas mal se concretize a entrega da dissertação.

Todas as informações e dados recolhidos são de uso exclusivo deste trabalho e obedecem ao princípio da confidencialidade e anonimato.

**Responsável pela recolha e tratamento de dados:** Guilherme Fernando Soares Moreira

.....  
*Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pelo responsável do estudo. Foi-me claramente explicadas as razões desta recolha de dados. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, uma vez que são respeitadas as garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo investigador.*

Nome: .....

Assinatura: ..... Data: ..... /..... /.....

## 7.2. Guião das entrevistas

### GUIÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevistas semiabertas, dirigidas a formadores, se possível de componentes diferentes (formação sociocultural, formação tecnológica e formação científica), a coordenador(es), a um(a) responsável do serviço social e um(a) formando(a) que tenha sido vítima.

<b>DESIGNAÇÃO DOS BLOCOS TEMÁTICOS</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>FORMULÁRIO DAS QUESTÕES</b>
<b>A</b> <b>LEGITIMAÇÃO DA ENTREVISTA</b>	Legitimar a entrevista e motivar o(a) entrevistado(a).  Garantir a confidencialidade	Dar a informação sobre o trabalho de investigação, os seus objetivos e sua metodologia explicitando o que se pretende inferir.  Pedir a colaboração do(a) entrevistado(a) e justificar o valor da sua contribuição para o presente estudo.  Assegurar o carácter confidencial das informações.
<b>B</b> <b>CARATERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS</b>	Traçar o perfil do (a) entrevistado(a), de modo a fundamentar o seu contributo como entrevistado-tipo;	Recolher dados do perfil sociodemográfico e profissional do(a) entrevistado(a) - Género; Idade; Funções; Tempo de prática profissional;  (no caso dos formadores, caracterizar a área de formação) ...
<b>B</b> <b>O BULLYING – CONCEITO E PRECONCEITO</b>	Recolher dados de opinião sobre o que é o bullying na perspectiva do (a) entrevistado(a).	Na sua perspetiva, o que é o Bullying?  Quem são os perpetradores do bullying?

DESIGNAÇÃO DOS BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DAS QUESTÕES
<p align="center"><b>B</b></p> <p align="center"><b>O BULLYING – CONCEITO E PRECONCEITO</b></p>		<p>Quais as causas, motivações do bullying?</p> <p>Porque é que as vítimas se submetem? ...</p>
<p align="center"><b>C</b></p> <p align="center"><b>O BULLYING NA FORMAÇÃO</b></p>	<p>Percecionar a opinião do (a) entrevistado(a) quanto à existência ou não de bullying no Centro de Formação Profissional, nomeadamente nos cursos do Sistema de Aprendizagem;</p> <p>Recolher a opinião sobre a tipologia e as tendências do fenómeno;</p>	<p>Conhece casos de bullying na Formação Profissional?</p> <p>Qual a modalidade formativa onde acha que ocorrem mais casos?</p> <p>Que tipo de comportamentos assumem os “agressores”?</p> <p>Em que situações? Em que espaços/momentos?</p> <p>Como se comporta o bullying na formação profissional comparativamente às escolas?</p>
<p align="center"><b>D</b></p> <p align="center"><b>CONTROLO E PREVENÇÃO DO BULLYING</b></p>	<p>Recolher elementos de opinião que fundamentem medidas de atuação, gestão e coordenação para o controlo e prevenção do fenómeno.</p>	<p>Nos casos existentes e seus conhecidos, que medidas foram tomadas?</p> <p>Acha que foram eficazes?</p> <p>O que poderia/deveria ser feito para evitar o bullying e os comportamentos agressivos em geral, no ambiente formativo?</p>

<b>DESIGNAÇÃO DOS BLOCOS TEMÁTICOS</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>FORMULÁRIO DAS QUESTÕES</b>
<b>E</b> <b>FINALIZAÇÃO</b>	Finalizar a entrevista agradecendo e valorizando a colaboração do (a) entrevistado(o) para a realização deste trabalho.	

### 7.3. Guião dos focus group

#### GUIÃO DO FOCUS GROUP

O objetivo deste grupo focal é explorar abertamente as necessidades e perceções de formandos em relação ao clima da formação profissional, causas e impacto do bullying, fontes de estratégias de ajuda e de formas de minimizar o problema.

Crítérios subjacentes à escolha dos participantes: 6-8 formandos, de um curso do Sistema de Aprendizagem que, independentemente do papel desempenhado, estiveram envolvidos em episódios de bullying.

Recorre-se, tal como nas entrevistas, a um modelo semiestruturado de questões, de modo a permitir a recolha de informação espontânea dos entrevistados.

O(a) formador(a) do curso será convidado(a) a participar, assumindo o papel de comoderador(a).

<b>DESIGNAÇÃO DOS BLOCOS TEMÁTICOS</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>FORMULÁRIO DAS QUESTÕES</b>
<b>A</b> <b>LEGITIMAÇÃO DA ENTREVISTA</b>	Legitimar a entrevista e motivar o(a) entrevistado(a).	Dar a informação sobre o trabalho de investigação, os seus objetivos e sua metodologia explicitando o que se pretende inferir.

DESIGNAÇÃO DOS BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DAS QUESTÕES
<p style="text-align: center;"><b>A</b></p> <p style="text-align: center;"><b>LEGITIMAÇÃO DA ENTREVISTA</b></p>	<p>Garantir a confidencialidade</p>	<p>Pedir a colaboração dos formandos (por escrito) e justificar o valor da sua contribuição para o presente estudo.</p> <p>Assegurar o carácter confidencial das informações.</p>
<p style="text-align: center;"><b>B</b></p> <p style="text-align: center;"><b>CARATERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS</b></p>	<p>Traçar o perfil dos participantes, de modo a compreender o seu interesse na temática e o seu papel no fenómeno.</p>	<p>Formandos que demonstrem interesse em participar nos grupos de discussão e devolveram o formulário de consentimento.</p> <p>Formandos que estiveram envolvidos em episódios de bullying, com diferentes papéis.</p>
<p style="text-align: center;"><b>B</b></p> <p style="text-align: center;"><b>O BULLYING – CONCEITOS E PRECONCEITOS</b></p>	<p>Recolher dados de opinião sobre o que é o bullying (tipologias e padrões de atuação) na perspetiva dos formandos.</p>	<p>Qual significado para os formandos de: bullying / provocação / cyberbullying?</p> <p>Qual o perfil dos “bullies”?</p> <p>Porque é que a(s) vítima (s) se submete(m)?</p>

DESIGNAÇÃO DOS BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DAS QUESTÕES
<p style="text-align: center;"><b>C</b></p> <p style="text-align: center;"><b>O BULLYING NA FORMAÇÃO</b></p>	<p>Percecionar a opinião do (a) entrevistado(a) quanto à existência ou não de bullying no Centro de Formação Profissional, nomeadamente nos cursos do Sistema de Aprendizagem;</p> <p>Recolher a opinião sobre a tipologia e as tendências do fenómeno;</p>	<p>Conhece casos de bullying na Formação Profissional?</p> <p>Que tipo de comportamentos assumem os “agressores”?</p> <p>Em que situações? Em que espaços/momentos?</p> <p>Qual ou quais as razões para alguns formandos (agressor) escolherem os outros (vítimas)?</p> <p>Quais são sentimentos /emoções nas situações de bullying? (Descrever)</p>
<p style="text-align: center;"><b>D</b></p> <p style="text-align: center;"><b>FONTES DE AJUDA E SUA EFICÁCIA</b></p>	<p>Recolher elementos de opinião sobre os apoios existentes nas estruturas formativas relativas à atuação, gestão, controlo e prevenção do fenómeno.</p>	<p>Em situações problemáticas, recorrem a alguém do Centro de Formação? A quem?</p> <p>Que tipo de ajuda /apoio procuram?</p>

<b>DESIGNAÇÃO DOS BLOCOS TEMÁTICOS</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>FORMULÁRIO DAS QUESTÕES</b>
<b>D</b> <b>FONTES DE AJUDA E SUA EFICÁCIA</b>		Quem é que deveria apoiar os formandos nestas questões (independentemente destes pedirem ou não ajuda)?
<b>E</b> <b>ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO UTILIZADAS E SUA EFICÁCIA PERCEBIDA</b>	Recolher elementos de opinião que fundamentem medidas de atuação, gestão e coordenação para o controlo e prevenção do fenómeno.	O que é que pode e deve ser feito para controlar/minorar e prevenir os casos de bullying? Quem deve assumir essas responsabilidades?  Sugestões de formas práticas e eficazes de controlo do fenómeno, na perspetiva dos formandos.
<b>E</b> <b>FINALIZAÇÃO</b>	Finalizar a entrevista agradecendo e valorizando a colaboração do (a) entrevistado(o) para a realização deste trabalho.	Qualquer outra questão / preocupação pertinente que eles gostariam de discutir;

#### 7.4. Síntese das Entrevistas – Concetualização do Bullying (Objetivo 1)

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)		
	Focus Group 1	Focus Group 2	PROFISSIONAIS
Conceptualização do fenómeno	<p>“São situações em que uma pessoa ou várias gozam com outra pessoa; discriminam devido à cor, devido à raça, devido a várias coisas... Para mim, o bullying é isso...” (F1)</p> <p>“É aquilo que eu faço...” (risos) (F2)</p> <p>“É gozar com os outros... Intimidar” (F2)</p> <p>“Para mim é, tipo, uma ou várias pessoas intimidarem outros.” (F3)</p> <p>“É alguém que tenta rebaixar a pessoa... mutilar psicologicamente a pessoa</p>	<p>O bullying é gozar, agredir, maltratar pessoas, fisicamente e psicologicamente. (A3)</p> <p>Concordo com o que disse o colega. É agredir física e psicologicamente outra pessoa. (A4)</p> <p>É provocação física e psicologicamente constante. (A6)</p> <p>O Cyberbullying é a mesma coisa... provocação, atrás de provocação nas redes sociais. (A7)</p> <p>Cyberbullying é através da internet e é provocações, insultos... (A1)</p> <p>Cyberbullying é gozar com pessoas que se conhece ou mesmo que não se conhece, através das redes sociais... (A2)</p>	<p>O bullying é efetivamente a agressão daqueles que se julgam os dominadores comuns de todas as situações sobre os jovens indefesos. Jovens estes que sendo mais bem formados não alinham neste tipo de situações (...)</p> <p>Quanto mais jovens e menos escolaridade, mais graves são os casos. (...)</p> <p>A maior percentagem é mesmo daqueles miúdos com insucesso escolar. Esses são os casos mais complexos. (Diretor)</p> <p>O bullying ocorre quando alguém é tratado mal, sob o ponto de vista físico ou psicológico e também de forma a que a pessoa se sinta humilhada, inferiorizada, em relação aos outros, o que leva muitas vezes ao, isolamento dessa pessoa, que se torna uma vítima neste caso, que se isola do resto da comunidade onde está inserido. (Formadora A</p>

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)		
	Focus Group 1	Focus Group 2	PROFISSIONAIS
Conceptualização do fenómeno			<p><i>O bullying é um tipo de violência, a que, poderá ser violência física ou psicológica em que temos intervenientes,..</i></p> <p><i>Quem faz o bullying e quem sofre do bullying.</i> (Formadora B)</p>
Perfil dos “bullies”	<p><i>“Uma pessoa que faz bullying é alguém que gosta de intimidar os outros e que sabe escolher alguém que não tem uma personalidade assim tão forte e se deixa intimidar...(F5)</i></p>	<p><i>Eu acho que se sente inferior consigo mesmo e por isso tem de deitar as outras pessoas abaixo para se sentir superior. (A8)</i></p> <p><i>Não... eu acho que eles têm poder neles próprios. (A9)</i></p> <p><i>Eu acho que eles têm problemas em casa ou pessoalmente ou assim e depois descarregam nas outras pessoas. (A2)</i></p> <p><i>Eu concordo com o que os colegas disseram... são pessoas que têm a mania da superioridade. (A3)</i></p>	<p><i>Eu chamá-los-ia agressores e os agressores são efetivamente jovens vindo de famílias disfuncionais, sem bases educacionais (...) são efetivamente jovens de famílias disfuncionais que não tem qualquer tipo de acompanhamento que não tem qualquer tipo princípio de educação formação e ética e que origina este tipo de situações. (Diretor)</i></p> <p><i>São os colegas, os pares. Miúdos mais crescidos, mas da mesma idade com quem convivem todos dias, no espaço escolar, seja no ensino regular ou na formação profissional</i></p>

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)		
	Focus Group 1	Focus Group 2	PROFISSIONAIS
Perfil dos “bullies”		<p><i>Tipo, o agressor quer ter a atenção toda só para ele. (A4)</i></p> <p><i>Acha-se melhor que os outros, mas no fundo não é... também é frágil. (A7)</i></p>	<p><i>(...) o agressor pode já ter sofrido bullying e portanto fazer aos outros aquilo..., por aquilo que já passou também. (Formadora A)</i></p> <p><i>Adolescentes mais velhos que tem maior poder sobre os outros, os líderes dos grupos, normalmente são esses os agressores.</i></p> <p><i>Gostam de dominar e mostrar que são melhores e mais fortes do que os outros. (Formadora B)</i></p>
Perfil das vítimas	<p><i>“Porque são frágeis; porque se sentem intimidados porque já passaram muito na vida e essas pessoas que praticam bullying devem saber algo ou então inventam... pronto, são pessoas frágeis” (F3)</i></p> <p><i>“Têm medo de sofrer ainda mais, não sofrerem só por palavras mas também por atos” (F4)</i></p> <p><i>“São pessoas que têm receio, fragilidade e vergonha” (F2)</i></p> <p><i>“As vítimas são frágeis, com vergonha...” (F4)</i></p>	<p><i>Essencialmente porque têm medo. (A1)</i></p> <p><i>Têm medo e vergonha de serem tratados assim. (A7)</i></p> <p><i>Têm medo do que vai acontecer a seguir se eles não fizerem o que o agressor manda. (A4)</i></p> <p><i>Pois, não sabem o que pode acontecer a seguir. (A2)</i></p> <p><i>Sentem-se dominados pelas ameaças dos agressores. (A3)</i></p>	<p><i>Submetem-se por receio, por humildade, por uma questão de fragilidade, por medo (Diretor),</i></p> <p><i>As vítimas submetem-se ao bullying porque têm medo; em primeiro lugar penso que têm medo, têm medo de mais sofrimento, de mais represálias. (Formadora A)</i></p> <p><i>Têm medo, têm receio e ficam intimidados com o agressor. acabam também por ser mais frágeis... e às vezes um bocadinho mais diferentes. (Formadora B)</i></p>

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)		
	Focus Group 1	Focus Group 2	PROFISSIONAIS
Perfil das vítimas		<p><i>Praticamente são dominados pelo medo, se não se submetiam; enfrentavam o agressor. (A6)</i></p> <p><i>Tudo começa só com 'boquinhas', mas a pessoa vai ficando afetada psicologicamente e acaba por ficar triste, começa-se a sentir a mais; começa a sentir-se inferior. (A5)</i></p> <p><i>As vítimas sentem medo, infelizes, porque são pessoas frágeis. (A8)</i></p>	

#### 7.5. Síntese de Respostas dos formandos – Efeitos do Bullying na Formação Profissional

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)	
	Focus Group 1	Focus Group 2
Verificação de ocorrências	<p><i>"Como eu já disse, posso dizer que sou um praticante de bullying porque gosto de picar as pessoas" (F2)</i></p> <p><i>"Eu também sou um bocado" (F8)</i></p> <p><i>"Eu não conheço..." (F4)</i></p>	<p><i>Aqui? Não (A1)</i></p> <p><i>Conheço. Em Coimbra, na outra escola onde andei. (A2)</i></p> <p><i>Não. Mal conhecemos a escola. (A4)</i></p>

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)	
	Focus Group 1	Focus Group 2
Verificação de ocorrências	<p>“Eu conheço, porque eu vi... aquela amiga que falei há pouco... das redes sociais” (F3)</p> <p>“ Sim... vários.”(F6)</p> <p>“Sim, praticamente toda a gente já praticou bullying... pode ser por coisas mínimas, mas já praticaram...” (F5)</p> <p>“ Eu estou de acordo com a minha colega, nem que seja no mínimo, todos já praticaram bullying, mas na FP não conheço casos” (F7)</p> <p>“Sim, só o facto de a pessoa brincar, não gostam e já acham que é bullying” (F2)</p> <p>“ E o facto de nos picarmos uns com os outros, pode ser considerado bullying, mas para nós não é” (F6)</p> <p>“Praticamente, já todas as pessoas já praticaram ações de bullying na formação” (F5)</p> <p>“ Eu conheço casos, porque eu vejo vários... aqui e lá fora.” (F1)</p> <p>“Eu acho que não... pelo menos, neste centro de formação, não há...” (F4)</p>	<p>Conheço. Tive uma amiga que foi vítima de cyberbullying. (A7)</p> <p>Eu conheço... o meu. (A5)</p> <p>Não quero falar muito sobre isso, só dizer que para a vítima é horrível... Perseguição psicológica (A6)</p> <p>Eu conheci um caso mesmo físico. Eram dois contra um... era difícil escapar. (A2)</p>
Padrões de atuação dos “bullies”	<p>“O comportamento do agressor baseia-se basicamente em escolher uma vítima, achar-se superior e intimidá-la; tentar ser sempre superior às pessoas” (F2)</p>	<p>Os agressores são agressivos. (A8)</p> <p>São violentos e controladores. (A3)</p>

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)	
	Focus Group 1	Focus Group 2
Padrões de atuação dos “bullies”	<p>“Pois, para ser bullying tem de ser continuado e com gravidade... é tipo escolher uma vítima e massacrá-la constantemente” (F3)</p> <p>“Eles podem intimidar psicologicamente ou até fisicamente, depende da situação” (F7)</p> <p>“Qualquer comportamento que os faça sentir que têm poder...” (F8)</p> <p>“ Muitas vezes usam o que sabem da vítima para a expor...” (F6)</p>	<p>Podem mesmo tornar-se psicopatas... porque começam a não ver outra coisa se não perseguir aquela pessoa. (A2)</p> <p>Sinto que eles são violentos, mal-educados, malformados... muitos coisa. E a vítima, com medo, sente-se dominada e sente-se inferior (A5)</p>
Causas e motivações	<p>“Resume-se a que o agressor acha-se superior à vítima e tenta intimidá-la para mostrar que é superior” (F3)</p> <p>“ É gostar de ver as outras pessoas picadas connosco próprios” (F6)</p> <p>“É acharem-se os maiores... que os outros, é isso... não sei mais” (F9)</p> <p>“ É querer ter poder sobre os outros e sentirem-se realizados por ver os outros mal” (F4)</p> <p>“Eu acho que eles querem sentir o poder e se iludem que mandam nas pessoas, como ao longo do tempo vão ganhando mais poder acham que os outros não os conseguem alcançar...” (F5)</p> <p>“Aparentemente fazem-se amigos, mas aproveitam-se dos problemas dos colegas.” (F8)</p>	<p>Pode ser por querer ser igual à vítima ou por elas serem emocionalmente frágeis. (A1)</p> <p>Eu acho que é pela fragilidade física e psicológica da vítima... mas também pela inveja da vítima (A3)</p> <p>Eu acho que a vítima se sente fragilizada tanto física como psicológica. (A4)</p> <p>As vítimas são fáceis de manipular, são frágeis ou podem estar num momento frágil e ainda assim geram a inveja dos agressores. (A5)</p> <p>“ Eu acho que talvez por a vítima ser diferente, não se integrar em grupos e isso faz com que eles a discriminem. “ (A2)</p>

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)	
	Focus Group 1	Focus Group 2
Causas e motivações		<p><i>Pode ser pela cor, peso, orientação sexual... qualquer coisa diferente pode tornar a pessoa um alvo mais fácil. (A2)</i></p> <p><i>No meu caso, não sei... não demonstrava ser fraca... eu era alegre, dava-me bem com toda a gente. Foi de repente... Acho que foi pelas notas... Talvez inveja. (A5)</i></p>
Consequências/efeitos	<p><i>“ Da parte do agressor sente poder. A vítima sente-se fragilizada por não igualar esse poder ou anular isso” (F5)</i></p> <p><i>“O agressor sente superioridade, sente... pronto, inferioridade, enquanto a vítima sente-se inferior.” (F6)</i></p> <p><i>“ A vítima sente raiva, angústia, tristeza e o agressor sente-se superior à vítima” (F4)</i></p> <p><i>“ O agressor sente orgulho nele próprio, que é o maior, sente-se contente pelo que faz, porque se o faz é porque gosta...” (F3)</i></p> <p><i>Enquanto o agressor se julga o maior, o que sofre de bullying, sente raiva, sente frustração, mede e cada vez mais frustrado (F1)</i></p>	<p><i>Se vir que consegue que a vítima tenha medo, sente-se o maior. (A7)</i></p> <p><i>A vítima tem sentimentos de medo, tristeza e também revolta. (A1)</i></p> <p><i>A vítima pode ter tanta tristeza que pode mesmo querer-se matar. (A3)</i></p> <p><i>Eu acho que o agressor pode mostrar orgulho e mostrar-se o maior, mas só tem medo, porque ele atua assim por alguma razão. E a vítima sente frustração, medo, revolta (A2)</i></p>

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)	
	Focus Group 1	Focus Group 2
Consequências/efeitos	<p>“ A vítima sente medo de passar pelo agressor e por isso foge dele. Isso faz com que o agressor se sinta o maior... sente-se superior.” (F2)</p> <p>“ A vítima sente medo, sente-se cada vez pior e o agressor fica feliz por conseguir isso.” ( F8)</p> <p>“ A vitima começa a isolar-se, falta à escola e acaba por desistir... Basicamente prejudica-se a ela própria.” (F5)</p> <p>“Gostaria de acrescentar que a vítima, por vezes, também se sente muito sozinha” (F9)</p>	<p>O agressor sente necessidade de ser dominador, por isso mostra-se controlador, agressivo e a vítima sente medo e sobretudo aflição. (A4)</p> <p>As notas podem baixar... a vítima fica desmotivada. (A2)</p> <p>A pessoa desiste... fica refém da perseguição e não tem vontade para nada. (A3)</p> <p>Começa a faltar, muda as rotinas, isola-se e acaba por mudar de escola e o agressor fica-se a rir e arranja outras vítimas. A4)</p>

#### 7.6. Síntese das Entrevistas - Estratégias de identificação, acompanhamento e empoderamento dos formandos

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)	
	Focus Group 1	Focus Group 2
Apoios significantes existentes e identificados	<p>“Muitas das vítimas que passam por isso têm medo de recorrer a superiores porque também já houve histórias de professores a fazerem bullying aos alunos e por isso eles sentem-se incapacitados de pedir ajuda e guardam para eles mesmos... preferem ficar</p>	<p>Na escola, a primeira pessoa a ajudar deveria ser o diretor. Agora, fora da escola tem de ser a vítima ou pessoas ligadas a ela: amigos ou os pais. (A5)</p>

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)	
	Focus Group 1	Focus Group 2
<b>Apoios significantes existentes e identificados</b>	<p><i>assim do que contarem a alguém. Na minha opinião, os superiores só chegam a saber quando é algo mesmo grave.” (F1)</i></p> <p><i>“ Em situações problemáticas se a vítima conseguir ser forte, pode dirigir-se à psicóloga ou ao diretor. “ (F2)</i></p> <p><i>“ Eu acho que eles guardam para si, mas, por vezes, se não aguentarem a pressão, eles, se calhar, preferem contar a um amigo próximo.” (F4)</i></p> <p><i>“ Quando isso acontece, as vítimas podem recorrer aos diretores de turma, diretor da escola.” (F5)</i></p> <p><i>“Podem recorrer aos pais, diretor e funcionários ou até mesmo à própria polícia” (F7)</i></p> <p><i>“ Eles deviam recorrer aos pais, professores, diretores, mas a maior parte... poucos fazem isso” (F6)</i></p>	<p>Então, podia ser os professores e o Diretor (A3)</p> <p><i>E a psicóloga... Também devia de se impor (A4)</i></p> <p><i>O Diretor da escola, professores e funcionários deviam de se impor e os pais também. (A1)</i></p> <p><i>Acho que até os próprios colegas de turma deveriam de apoiar e os professores também e se fosse no intervalo, deveriam ser os colegas que assistem e o Diretor e os funcionários, por exemplo o porteiro (A2)</i></p> <p><i>Nas salas, deveriam ser os professores a defenderem-nos. No recreio, os nossos amigos, digo eu... se forem nossos amigos. Por vezes, não o fazem porque têm medo de passarem a ser eles o alvo. (A1)</i></p>
<b>Expetativas de Apoio</b>	<p>“ <i>Basicamente, eles querem alguém que anule o agressor.” (F5)</i></p> <p><i>“ Eles querem apoio psicológico... muitas vezes, nem precisa de ser um superior; pode ser um amigo, mas haver um psicólogo, na escola ou assim, isso ajuda muito.” (F3)</i></p>	<p><i>“Acho que era muito importante ter alguém para poder desabafar. Ter alguém que ouvisse. (A1)</i></p>

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)	
	Focus Group 1	Focus Group 2
Expetativas de Apoio	<p><i>“Procuram sobretudo apoio psicológico porque o bullying pode causar-lhes transtornos e o apoio psicológico vai ajudar a ultrapassar” (F4)</i></p> <p><i>“Procuram quem consiga parar com isso...” (F6)</i></p> <p><i>“Procuram ajuda para acabar com isso, mas nem isso ajuda...” (F7)</i></p>	<p><i>Acho que é importante a vítima recorrer a alguém. Por exemplo um psicólogo, já o agressor precisa de uma psiquiatra. (A2)</i></p> <p><i>A vítima devia ter apoio... psicológico principalmente (A7)</i></p> <p><i>Falar com os agressores ou, por exemplo, é uma ideia um bocado estúpida, não sei se daria alguma coisa, fazer assim umas palestras a explicar o que isso causa nas vítimas. Explicar que isso não é correta... coisas desse género. (A5)</i></p> <p><i>A vítima devia ter alguém para desabafar... acha que era importante, sei lá... (A8)</i></p> <p><i>Ajudar a vítima a mostrar que não tem medo. Assim, talvez faria com que o agressor deixasse de se meter com a vítima (A3)</i></p>
Intervenção da gestão e coordenação	<p><i>“ Na Entidade, não...” (F3)</i></p> <p><i>“Os amigos devem ajudar não só às vítimas como aos agressores, porque se o agressor está a fazer algo é porque se passa algo com ele, de certa forma ele é parecido com a vítima, também se deve sentir mais em baixo.”(F2)</i></p>	

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)	
	Focus Group 1	Focus Group 2
<b>Intervenção da gestão e coordenação</b>	<p><i>“Qualquer um com um nível de superioridade aqui dentro (da Entidade) podia ajudar quem sofre de bullying porque ao ter um nível de superioridade [...] (F5)</i></p> <p><i>“Sim...a nível hierárquico, porque tem poder para pôr as coisas em ordem.” (F5)</i></p> <p><i>“Eu também chego á conclusão que tem de ser alguém a nível superior... diretor ou psicólogo ou até mesmo funcionários aqui da Escola, mas também os nossos pais.” (F4)</i></p> <p><i>“Eu concordo com o que a minha colega disse... o diretor, funcionários, professores... os pais. Toda a gente superior a nós...” (F6)</i></p>	

### 7.7. Síntese das Entrevistas a Formandos - Procedimentos de boas práticas

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)	
	Focus Group 1	Focus Group 2
<b>Medidas preventivas</b>	<p><i>“Falar com o agressor e a vítima e tentar que ele veja a vida de outra maneira...” (F3)</i></p> <p><i>“Acho que deve haver muito apoio em casa para ajudar os jovens a saber o que é certo e errado...” (F2)</i></p>	<p><i>Falar com os agressores ou, por exemplo, é uma ideia um bocado estúpida, não sei se daria alguma coisa, fazer assim umas palestras a explicar o que isso causa nas vítimas. Explicar que isso não é correto... coisas desse género. (A5)</i></p>

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)	
	Focus Group 1	Focus Group 2
Medidas preventivas	<p><i>“ Deve haver mais educação para os valores e não exporem tantas coisas nas redes sociais o que acontece muito na geração de hoje em dia” (F5)</i></p> <p><i>“ Nos centros de formação, devia haver mais aulas teóricas e práticas sobre o bullying assim como outros assuntos e alertar, tal como o meu colega disse, que não se deve expor tantas coisas nas redes sociais.” (F1)</i></p> <p><i>“ Lá está, as redes sociais têm muito a ver, mas também ter sempre um pé atrás para não nos lixarmos... não criar muitas expectativas. “ (F7)</i></p> <p><i>“ Ter cuidado nas redes sociais... não dar confiança a quem não devemos.” (F6)</i></p> <p><i>“ Também concordo que devemos ter cuidado com o que expomos nas redes sociais sobre nós. “ (F8)</i></p>	
Sugestões de melhoria contínua	<p><i>“ Acho que o bullying é muito grave e devia haver uma lei... uma sentença. Algo desse género, para castigar os agressores” (F1)</i></p> <p><i>“ Eu acho que devia haver um acompanhamento dos formandos para ajudá-los a parar com isso...” (F7)</i></p> <p><i>“ Os diretores deviam impor mais regras dentro da escola...” (F6)</i></p>	<p><i>Tomava medidas para apoiar as vítimas. (A1)</i></p> <p><i>Então, fazia o que já disse: palestras, sessões de esclarecimento sobre este tema... (A5)</i></p> <p><i>Antes de a vítima ser vítima, os agressores devem de ser acompanhados para se manter estável e para que não haja vítimas. (A3)</i></p>

CATEGORIA	EVIDÊNCIAS (unidades de registo)	
	Focus Group 1	Focus Group 2
Sugestões de melhoria contínua	<p><i>“ Eu acho que é praticamente impossível parar com o bullying porque mesmo que não o possam fazer dentro da sala, fazem-no nos intervalos ou à saída.” (F5)</i></p> <p><i>“ Mais acompanhamento e vigilância pode minimizar isso.” (F4)</i></p> <p><i>“ Devia haver mais comunicação entre formandos e alunos para que os possam ajudar e eles também possam procurar ajuda.” (F3)</i></p> <p><i>“ Fazer algo, tipo uma Caixa Anónima, onde tanto vítimas como agressores, porque eles muitas vezes também têm problemas, colocar lá... e depois o diretor da escola juntamente com os professores, funcionários e assim saber resolver...saber por onde pegar para acabar com isso” (F3)</i></p> <p><i>“ Eu acho que cartazes distribuídos pelas instalações também ajudava.” (F8)</i></p> <p><i>“ Eu acho que os professores que identificam ou sabem de casos deviam ter conversas com os amigos da vítima para não o deixarem sozinho e o apoiarem” (F2)</i></p>	<p><i>Promover debates (A8)</i></p> <p><i>Promover workshops (A2)</i></p> <p><i>Fazer campanhas de sensibilização (A4)</i></p> <p><i>Usar os media e as redes sociais para ajudar a controlar o bullying (A6)</i></p> <p><i>Criar no facebook grupos de discussão (A7)</i></p>

## 7.8. Transcrições integrais das entrevistas

### Transcrições integrais das Entrevistas

<b>1.º focus group</b>		
<b>Data:</b> 16/10/2018	<b>Duração:</b> 1h18m	<b>Participantes:</b> 9 formandos do curso de TQI

*Como já vos disse quando vos convidei a participar neste encontro e vos pedi o vosso consentimento, o Bullying na Formação Profissional é o tema da minha dissertação de mestrado e espero com isto vir a aprender mais e, dentro do meu trabalho, dar um pequeno contributo para todos juntos melhorarmos o ambiente na formação... Mais uma vez, agradeço a vossa participação e relembro que os vossos contributos, apesar de serem essenciais para este trabalho, são totalmente anónimos, por isso, podem estar completamente à vontade nas vossas respostas... Iremos, então, começar por vos perguntar qual é o significado para vocês, enquanto formandos, do bullying?*

*“São situações em que uma pessoa ou várias gozam com outra pessoa; discriminam devido à cor, devido à raça, devido a várias coisas... Para mim, o bullying é isso...” (F1)*

*“É aquilo que eu faço...” (risos) (F2)*

*“Você pratica bullying? Então, o que é para si o “bullying”?”*

*“É gozar com os outros... Intimidar” (F2)*

*“Para mim é, tipo, uma ou várias pessoas intimidarem outros.” (F3)*

*(SILÊNCIO)*

*“Mais alguém quer acrescentar mais alguma coisa? Não? Posso, então, passar para a pergunta seguinte? Então, qual é o perfil do “bullie”, do provocador? Há a vítima e o provocador... qual será o seu perfil?”*

*“Para mim, é alguém que não sabe o significado das coisas, é alguém que se está a desleixar para as coisas tanto em personalidade como fisicamente, sem interesse por si pelos outros...” (F1)*

*“Eu acho que, de vez em quando, é uma pessoa que antes de praticar bullying também o sofreu.”(F3)*

*“É alguém que gosta de brincar com os outros, gosta de os picar.” (F2)*

*“Para mim, é alguém que também já sofreu... ou por causa de problemas que tem em casa ou é vítima de outro tipo de problemas.” (F6)*

*Isso não justifica... alguém que tem prazer em massacrar uma pessoa é alguém que não sabe o que é vida, mas que também já passou por coisas, de certeza... (F4)*

*Conheço casos assim; praticam, porque já foram vítimas, mas isso não é desculpa. (F7)*

*Mais alguém quer acrescentar alguma coisa? Para este estudo, quanto mais á vontade falarmos do tema melhor. Digam o que vos vai na alma, sem medos. Falem, sem stress... vocês estão a ajudar-me, por isso, falem à vontade, porque a vossa opinião conta.*

*“É alguém que tenta rebaixar a pessoa... mutilar psicologicamente a pessoa...” (F5)*

*“Uma pessoa que faz bullying é alguém que gosta de intimidar os outros e que sabe escolher alguém que não tem uma personalidade assim tão forte e se deixa intimidar.” (F5)*

*“Quem pratica o bullying é alguém que tem graves problemas pessoais e intimida a pessoa não por ela mesma mas por aquilo que já se passou na vida dela e quem é provocado cala-se, porque também não quer que os outros saibam dos seus problemas.” (F8)*

*“É uma pessoa que tem em casa problemas pessoais e descarrega nos outros” (F9)*

*“Uma grande amiga minha já teve problemas. As colegas meteram um vídeo nas redes sociais e a rapariga teve problemas... o objetivo era destruir a personalidade dela, mesmo...” (F3)*

*E as vítimas? porque é que se submetem? O que é que vocês acham?*

*“Porque são frágeis; porque se sentem intimidados porque já passaram muito na vida e essas pessoas que praticam bullying devem saber algo ou então inventam... pronto, são pessoas frágeis” (F3)*

*“Têm medo de sofrer ainda mais, não sofrerem só por palavras mas também por atos” (F4)*

*“São pessoas que têm receio, fragilidade e vergonha” (F2)*

*“ As vítimas são frágeis, com vergonha... ” (F4)*

*“...e não querem demonstrar porque o agressor se calhar faz ainda pior.” (F1)*

*“São pessoas que têm receio que algo de mal aconteça...” (F9)*

*“São pessoas que têm medo que o agressor, ou whatever, abusem ainda mais deles a partir desse medo.” (F6)*

*(Silêncio)*

*Ninguém tem mais nada a acrescentar?*

*“São pessoas fracas que se deixam intimidar por pessoas aparentemente superiores a elas e por isso têm medo de se mostrar porque têm vergonha e são tímidas.” (F2)*

*E casos de Bullying na Formação Profissional, vocês conhecem?*

*“ Como eu já disse, posso dizer que sou um praticante de bullying porque gosto de picar as pessoas” (F2)*

*“ Eu também sou um bocado” (F8)*

*“ Eu não conheço...” (F4)*

*“Eu conheço, porque eu vi... aquela amiga que falei há pouco... das redes sociais” (F3)*

*“ Sim... vários.”(F6)*

*“Sim, praticamente toda a gente já praticou bullying... pode ser por coisas mínimas, mas já praticaram...” (F5)*

*“ Eu estou de acordo com a minha colega, nem que seja no mínimo, todos já praticaram bullying, mas na FP não conheço casos” (F7)*

*Querem desenvolver um pouco mais esta ideia?*

*“Sim, só o facto de a pessoa brincar, não gostam e já acham que é bullying” (F2)*

*“ E o facto de nos picarmos uns com os outros, pode ser considerado bullying, mas para nós não é” (F6)*

*“Praticamente, já todas as pessoas já praticaram ações de bullying na formação” (F5)*

*“ Eu conheço casos, porque eu vejo vários... aqui e lá fora.” (F1)*

*“Eu acho que não... pelo menos, neste centro de formação, não há...” (F4)*

*(SILÊNCIO)*

*Então e em que é que se baseia o comportamento dos agressores? Ou seja, há, com certeza, uma diferença entre o que é umas brincadeiras entre jovens e situações de bullying...*

*“O comportamento do agressor baseia-se basicamente em escolher uma vítima, achar-se superior e intimidá-la; tentar ser sempre superior às pessoas” (F2)*

*“Pois, para ser bullying tem de ser continuado e com gravidade... é tipo escolher uma vítima e massacrá-la constantemente” (F3)*

*O que é que motiva os agressores a agirem de forma tão insistente, ou seja, para vocês, quais são as motivações dos agressores?*

*“Resume-se a que o agressor acha-se superior à vítima e tenta intimidá-la para mostrar que é superior” (F3)*

*“ É gostar de ver as outras pessoas picadas connosco próprios” (F6)*

*“É acharem-se os maiores... que os outros, é isso... não sei mais” (F9)*

*“ É querer ter poder sobre os outros e sentirem-se realizados por ver os outros mal” (F4)*

*“Eu acho que eles querem sentir o poder e se iludem que mandam nas pessoas, como ao longo do tempo vão ganhando mais poder acham que os outros não os conseguem alcançar...” (F5)*

*“Aparentemente fazem-se amigos, mas aproveitam-se dos problemas dos colegas.” (F8)*

*E que tipo de comportamentos têm os agressores? Intimidam? São agressivos fisicamente? Qual é o comportamento deles?*

*“Eles podem intimidar psicologicamente ou até fisicamente, depende da situação” (F7)*

*“Qualquer comportamento que os faça sentir que têm poder...” (F8)*

*“ Muitas vezes usam o que sabem da vítima para a expor...” (F6)*

*E onde é que vocês acham que ocorrem mais casos de bullying? Em que momentos do dia e onde?*

*“Eu acho que ocorre em qualquer sítio.” (F2)*

*“É sempre na hora do intervalo, quando mais turmas estão reunidas” (F5)*

*“ Não acho... acho que não há momentos nem local certos... é quando se proporciona e não há quem controle. Tanto pode ser cá dentro como no exterior” (F3)*

*“Eu também acho que não há momento nem sítio para isso, porque se no recinto não há quem veja isso e a pessoa sabe que o pode fazer, lá fora também o pode fazer. Portanto, para mim não há sítio específico para o praticar...” (F1)*

*“É sempre que não há quem controle” (F6)*

*“Eu acho que é mesmo em qualquer sítio... basta uma simples palavra que já é bullying” (F7)*

*E quais serão as razões que levam os agressores a escolherem uma vítima? Que vos parece?*

*“Depende... Se não gostar da pessoa... se nós ou se ele não for com a cara da pessoa ou se a pessoa já lhe fez alguma coisa...” (F2)*

*Mas a que coisa se está a referir? Pode concretizar?*

*“ Qualquer coisa que dê para pegar...” (F6)*

*“ Eu acho que a vítima tem de ter personalidade fraca” (F5)*

*“ Eu acho que a vítima não tem culpa nenhuma. Escolhem a vítima, porque não têm nada que fazer na vida, por assim dizer e gostam de se intrometer na vida das pessoas” (F4)*

*“ É... a vitima é frágil e não tem assim tanta personalidade como isso para agir contra o agressor e pronto, é isso” (F2)*

*“Para mim a pessoa que pratica bullying, quando pratica, escolhe uma pessoa muito frágil, sem capacidades de se defender... e quando faz isto sente-se poderosa e tem ainda mais vontade de o fazer, porque, normalmente, são pessoas que escolhem facos.” (F1)*

*“É... também acho que escolhem pessoas mais fracas...assim com problemas” (F3)*

*“ A vítima não tem capacidade de se defender... as pessoas que praticam o bullying escolhem os fracas... no fundo, são covardes.” (F7)*

*“ Também acho... escolhem alguém que emocionalmente não é forte. Porque se o que sofre de bullying lhe faz frente, eles começam a sentir-se ameaçados.” (F1)*

*E vocês (dirigindo-se aos formandos F8 e F9)? Não querem acrescentar nada?*

*“ Não... não tenho opinião” (F9)*

*“ Acho que é por as vítimas serem fracas, também...” (F8)*

*Que sentimentos acham que o bullying causa nos agressores e vítimas?*

*“ Da parte do agressor sente poder. A vítima sente-se fragilizada por não igualar esse poder ou anular isso” (F5)*

*“O agressor sente superioridade, sente... pronto, inferioridade, enquanto a vítima sente-se inferior.” (F6)*

*“ A vítima sente raiva, angústia, tristeza e o agressor sente-se superior à vítima” (F4)*

*“ O agressor sente orgulho nele próprio, que é o maior, sente-se contente pelo que faz, porque se o faz é porque gosta...” (F3)*

*“A vítima sente medo, sente raiva, sente tristeza” (F7)*

*“ O agressor sente-se superior, sente-se vencedor, e a vítima sente-se frustrado e sente raiva...” (F9)*

*“ Enquanto o agressor se julga o maior, o que sofre de bullying, sente raiva, sente frustração, medo e cada vez mais frustrado” (F1)*

*“ A vítima sente medo de passar pelo agressor e por isso foge dele. Isso faz com que o agressor se sinta o maior... sente-se superior.” (F2)*

*“ A vítima sente medo, sente-se cada vez pior e o agressor fica feliz por conseguir isso.” (F8)*

*“ A vitima começa a isolar-se, falta à escola e acaba por desistir... Basicamente prejudica-se a ela própria.” (F5)*

*Ninguém quer acrescentar mais nada sobre esta questão dos sentimentos gerados pelo bullying, nas vítimas e nos agressores?*

*“Gostaria de acrescentar que a vítima, por vezes, também se sente muito sozinha” (F9)*

*E quando estas situações ocorrem a quem é que as vítimas podem pedir apoio?*

*“Muitas das vítimas que passam por isso têm medo de recorrer a superiores porque também já houve histórias de professores a fazerem bullying aos alunos e por isso eles sentem-se incapacitados de pedir ajuda e guardam para eles mesmos... preferem ficar assim do que contarem a alguém. Na minha opinião, os superiores só chegam a saber quando é algo mesmo grave.” (F1)*

*“ Em situações problemáticas se a vítima conseguir ser forte, pode dirigir-se à psicóloga ou ao diretor. “ (F2)*

*“ Eu acho que eles guardam para si, mas, por vezes, se não aguentarem a pressão, eles, se calhar, preferem contar a um amigo próximo.” (F4)*

*“ Quando isso acontece, as vítimas podem recorrer aos diretores de turma, diretor da escola.” (F5)*

*“Podem recorrer aos pais, diretor e funcionários ou até mesmo à própria polícia” (F7)*

*“ Eles deviam recorrer aos pais, professores, diretores, mas a maior parte... poucos fazem isso” (F6)*

*E aqueles que têm coragem de procurar ajuda, que tipo de apoio acham que as vítimas procuram, quando vão falar com os professores, psicóloga ou com o diretor?*

*“ Basicamente, eles querem alguém que anule o agressor.” (F5)*

*“ Eles querem apoio psicológico... muitas vezes, nem precisa de ser um superior; pode ser um amigo, mas haver um psicólogo, na escola ou assim, isso ajuda muito.” (F3)*

*“ Procuram sobretudo apoio psicológico porque o bullying pode causar-lhes transtornos e o apoio psicológico vai ajudar a ultrapassar” (F4)*

*“ Procuram quem consiga parar com isso...” (F6)*

*“ Procuram ajuda para acabar com isso, mas nem isso ajuda...” (F7)*

*E quem é que vocês acham que tem o dever ou obrigação de ajudar as vítimas, independentemente delas serem capazes ou não de pedir ajuda?*

*“Eu acho que os amigos deviam ajudar e principalmente os pais...” (F3)*

*E na Entidade?*

*“ Na Entidade, não...” (F3)*

*“Os amigos devem ajudar não só às vítimas como aos agressores, porque se o agressor está a fazer algo é porque se passa algo com ele, de certa forma ele é parecido com a vítima, também se deve sentir mais em baixo.”(F2)*

*“ Qualquer um com um nível de superioridade aqui dentro (da Entidade) podia ajudar quem sofre de bullying porque ao ter um nível de superioridade [...] (F5)*

*Está a referir-se a um nível hierárquico?*

*“Sim...a nível hierárquico, porque tem poder para pôr as coisas em ordem.” (F5)*

*“ Eu também chego á conclusão que tem de ser alguém a nível superior... diretor ou psicólogo ou até mesmo funcionários aqui da Escola, mas também os nossos pais.” (F4)*

*“ Eu concordo com o que a minha colega disse... o diretor, funcionários, professores... os pais. Toda a gente superior a nós...” (F6)*

*Pelo que diz, depreendo que se esteja a referir a adultos...*

*“ Sim, basicamente é isso...” (F6)*

*E o que é que vocês acham que se poderia e deveria fazer para minimizar e evitar os casos de bullying?*

*“ Falar com o agressor e a vítima e tentar que ele veja a vida de outra maneira...” (F3)*

*“ Acho que deve haver muito apoio em casa para ajudar os jovens a saber o que é certo e errado...” (F2)*

*“ Deve haver mais educação para os valores e não exporem tantas coisas nas redes sociais o que acontece muito na geração de hoje em dia” (F5)*

*“ Nos centros de formação, devia haver mais aulas teóricas e práticas sobre o bullying assim como outros assuntos e alertar, tal como o meu colega disse, que não se deve expor tantas coisas nas redes sociais.” (F1)*

*“ Lá está, as redes sociais têm muito a ver, mas também ter sempre um pé atrás para não nos lixarmos... não criar muitas expectativas. “ (F7)*

*“ Ter cuidado nas redes sociais... não dar confiança a quem não devemos.” (F6)*

*“ Também concordo que devemos ter cuidado com o que expomos nas redes sociais sobre nós. “ (F8)*

*Então que sugestões vocês têm para, deste lado, podermos melhorar e contribuir para não haver bullying?*

*“O que eu vou falar agora não é bem sugestão, porque eu acho que se o bullying acontece não há nada que se possa fazer a não ser tirar a vítima e o agressor do mesmo espaço. Acho que é isso.” (F2)*

*“ Acho que o bullying é muito grave e devia haver uma lei... uma sentença. Algo desse género, para castigar os agressores” (F1)*

*“ Eu acho que devia haver um acompanhamento dos formandos para ajudá-los a parar com isso...” (F7)*

*“ Os diretores deviam impor mais regras dentro da escola...” (F6)*

*“ Eu acho que é praticamente impossível parar com o bullying porque mesmo que não o possam fazer dentro da sala, fazem-no nos intervalos ou à saída.” (F5)*

*“ Mais acompanhamento e vigilância pode minimizar isso.” (F4)*

*“ Devia haver mais comunicação entre formandos e alunos para que os possam ajudar e eles também possam procurar ajuda.” (F3)*

*“ Fazer algo, tipo uma Caixa Anónima, onde tanto vítimas como agressores, porque eles muitas vezes também têm problemas, colocar lá... e depois o diretor da escola juntamente com os professores, funcionários e assim saber resolver...saber por onde pegar para acabar com isso” (F3)*

*“ Eu acho que cartazes distribuídos pelas instalações também ajudava.” (F8)*

*“ Eu acho que os professores que identificam ou sabem de casos deviam ter conversas com os amigos da vítima para não o deixarem sozinho e o apoiarem” (F2)*

*Muito bem... boas sugestões. Gostariam de colocar alguma questão ou acrescentarem algo?*

*“ Não... acho que já falamos tudo. O assunto foi bem colocado e deu para falar...” (F3)*

*Mais ninguém quer acrescentar nada?*

*Nesse caso, agradeço mais uma vez por terem participado neste estudo e estou ao dispor para quaisquer dúvidas que tenham ou algo que queiram esclarecer.*

<b>2.º focus group</b>		
<b>Data: 22/10/2018</b>	<b>Duração: 1h23m</b>	<b>Participantes: 9 formandos de vários cursos do SA</b>

*Como vos disse quando vos convidei a participar neste encontro e vos pedi o vosso consentimento, o Bullying na Formação Profissional é o tema da minha dissertação de mestrado e espero com isto vir a aprender mais e, dentro do meu trabalho, dar um pequeno contributo para todos juntos melhorarmos o ambiente na formação... Mais uma vez, agradeço a vossa participação e relembro que os vossos contributos, apesar de serem essenciais para este trabalho, são totalmente anónimos, por isso, podem estar completamente à vontade nas vossas respostas... Iremos, então, começar por vos perguntar qual é o significado para vocês, enquanto formandos, do bullying e/ou cyberbullying?*

*Cyberbullying é através da internet e é provocações, insultos... (A1)*

*Cyberbulling é gozar com pessoas que se conhece ou mesmo que não se conhece, através das redes sociais... (A2)*

*O bullying é gozar, agredir, maltratar pessoas, fisicamente e psicologicamente. (A3)*

*Concordo com o que disse o colega. É agredir física e psicologicamente outra pessoa. (A4)*

*É provocação física e psicologicamente constante. (A6)*

*O Cyberbulling é a mesma coisa... provocação, atrás de provocação nas redes sociais. (A7)*

*Alguém quer acrescentar mais alguma coisa?*

*Posso, então, passar para a pergunta seguinte? Qual é o perfil do "bullie", do agressor?*

*Eu acho que se sente inferior consigo mesmo e por isso tem de deitar as outras pessoas abaixo para se sentir superior. (A8)*

*Não... eu acho que eles têm poder neles próprios. (A9)*

*Eu acho que eles têm problemas em casa ou pessoalmente ou assim e depois descarregam nas outras pessoas. (A2)*

*Eu concordo com o que os colegas disseram... são pessoas que têm a mania da superioridade. (A3)*

*Tipo, o agressor quer ter a atenção toda só para ele. (A4)*

*Acha-se melhor que os outros, mas no fundo não é... também é frágil. (A7)*

*E porque é que vocês acham que as vítimas se submetem?*

*Essencialmente porque têm medo. (A1)*

*Têm medo e vergonha de serem tratados assim. (A7)*

*Têm medo do que vai acontecer a seguir se eles não fizerem o que o agressor manda. (A4)*

*Pois, não sabem o que pode acontecer a seguir. (A2)*

*Sentem-se dominados pelas ameaças dos agressores. (A3)*

*Praticamente são dominados pelo medo, se não se submetiam; enfrentavam o agressor. (A6)*

*Tudo começa só com 'boquinhas' mas a pessoa vai ficando afetada psicologicamente e acaba por ficar triste, começa-se a sentir a mais; começa a sentir-se inferior. (A5)*

*As vítimas sentem medo, infelizes, porque são pessoas frágeis. (A8)*

*E casos de Bullying na Formação Profissional, vocês conhecem?*

*Aqui? Não (A1)*

*Conheço. Em Coimbra, na outra escola onde andei. (A2)*

*Não. Mal conhecemos a escola. (A4)*

*Conheço. Tive uma amiga que foi vítima de cyberbullying. (A7)*

*Eu conheço... o meu. (A5)*

*Quer falar sobre isso?*

*Sim... Gozavam muito comigo. Chamavam-me tudo e mais alguma coisa. Ameaçavam-me... Perseguiam-me. Pronto. Era isso. (A5)*

*Era uma provocação física ou psicológica?*

*Era psicológica e não chegou a física porque eu não deixei... Fugi. (A5)*

*Mas não foi aqui. Foi noutra escola. (A5)*

*E a senhora (A6) quer acrescentar alguma coisa?*

*Não quero falar muito sobre isso, só dizer que para a vítima é horrível.*

*Já foi vítima de bullying?*

*Não. Foi uma amiga.*

*Físico ou psicológico?*

*Psicológico.*

*Eu conheci um caso mesmo físico. Eram dois contra um... era difícil escapar. (A2)*

*E que tipo de sentimentos acham que o bullying causa nos agressores e nas vítimas?*

*Os agressores são agressivos. (A8)*

*São violentos e controladores. (A3)*

*Podem mesmo tornar-se psicopatas... porque começam a não ver outra coisa se não perseguir aquela pessoa. (A2)*

*Sinto que eles são violentos, mal-educados, malformados... muita coisa. E a vítima, com medo, sente-se dominada e sente-se inferior (A5)*

*Em que situações vocês acham que ocorrem mais casos de bullying? Em que momentos do dia e onde?*

*Em todo o lado... na escola, na rua, em casa de amigos (A1)*

*Não há um local específico... onde sentirem uma oportunidade, atacam (A3)*

*Em qualquer sítio... no intervalo, na sala, em contexto de trabalho... na saída, através de mensagem, por exemplo. (A5)*

*Nos intervalos, na entrada, na saída... acho que não há lugares a salvo para a vítima. Às vezes, até mesmo no autocarro. (A2)*

*É mais frequente dentro das instalações das escolas. (A7)*

*Acho que é antes de entrar para as salas e nos intervalos. (A6)*

*Eu acho que pode ser em qualquer lado e em qualquer lugar. (A4)*

*Pode acontecer em qualquer lado... basta que pode ser nas redes sociais. (A8)*

*Pode ocorrer em todos os sítios... nos cafés, à entrada da escola...à saída. (A9)*

*No meu caso, era dentro da escola e fora da escola... Era nos intervalos. Nas aulas, também acontecia, mas não era tão frequente. (A5)*

*E quais serão as razões que levam os agressores a escolherem uma determinada vítima? Que vos parece?*

*Pode ser por querer ser igual à vítima ou por elas serem emocionalmente frágeis. (A1)*

*Eu acho que é pela fragilidade física e psicológica da vítima... mas também pela inveja da vítima (A3)*

*Eu acho que a vítima se sente fragilizada tanto física como psicológica. (A4)*

*As vítimas são fáceis de manipular, são frágeis ou podem estar num momento frágil e ainda assim geram a inveja dos agressores. (A5)*

*“ Eu acho que talvez por a vítima ser diferente, não se integrar em grupos e isso faz com que eles a discriminem. “ (A2)*

*E como se fazem sentir essas diferenças? Ou seja, que tipo de diferenças?*

*Pode ser cor, peso, orientação sexual... qualquer coisa diferente pode tornar a pessoa um alvo mais fácil. (A2)*

*No seu caso, o que é que acha que a tornou um alvo? (dirigido à A5)*

*No meu caso, não sei... não demonstrava ser fraca... eu era alegre, dava-me bem com toda a gente. Foi de repente... Acho que foi pelas notas... Talvez inveja. (A5)*

*E que sentimentos e emoções provoca o bullying quer nas vítimas quer nos agressores?*

*O agressor gosta de dominar, de controlar e quando isso acontece fica eufórico. (A6)*

*Se vir que consegue que a vítima tenha medo, sente-se o maior. (A7)*

*A vítima tem sentimentos de medo, tristeza e também revolta. (A1)*

*A vítima pode ter tanta tristeza que pode mesmo querer-se matar. (A3)*

*Eu acho que o agressor pode mostrar orgulho e mostrar-se o maior, mas só tem medo, porque ele atua assim por alguma razão. E a vítima sente frustração, medo, revolta (A2)*

*O agressor sente necessidade de ser dominador, por isso mostra-se controlador, agressivo e a vítima sente medo e sobretudo aflição. (A4)*

*E no seu caso? Quer falar sobre isso? Se não quiser, esteja à vontade? (dirigido a A5)*

*No meu caso, sentia raiva, sentia medo... Ficava triste. Eu não acho que o agressor se sinta o maior. Pelo contrário, acho que se sente inferior e por isso faz bullying para se sentir o maior. Como sente precisamente o oposto, faz essa pressão psicológica para se sentir melhor consigo próprio. Acho que é isso que o agressor sente. (A5)*

*E consequências ao nível da formação? As notas da vítima, por exemplo?*

*As notas podem baixar... a vítima fica desmotivada. (A2)*

*A pessoa desiste... fica refém da perseguição e não tem vontade para nada. (A3)*

*Começa a faltar, muda as rotinas, isola-se e acaba por mudar de escola e o agressor fica-se a rir e arranja outras vítimas. A4)*

*Quando ocorrem situações problemáticas a quem é que vocês recorrem? No caso do bullying, a quem é que vocês acham que as vítimas pedem ajuda?*

*Aos professores e aos pais. (A1)*

*Só a mim mesma, porque eu sei-me defender. (A7)*

*Eu acho que deve ser ao Diretor, mas também aos professores e funcionários. Em casos mais graves, deve-se recorrer à polícia. (A2)*

*Nos casos extremos, deve ser à polícia, mas também aos pais, amigos, professores. (A4)*

*Aos pais dos agressores, fora da escola. Dentro da escola, aos professores.*

*Eu tentei recorrer aos meus amigos, mas eles não podiam fazer mais do que o que já faziam. Por isso, tive de recorrer à minha mãe. (A5)*

*Quem é que vocês acham que tem o dever de vos apoiar, mesmo nos casos em que não podem ajudar?*

*Na escola, a primeira pessoa a ajudar deveria ser o diretor. Agora, fora da escola tem de ser a vítima ou pessoas ligadas a ela: amigos ou os pais. (A5)*

*Então, podia ser os professores e o Diretor (A3)*

*E a psicóloga... Também devia de se impor (A4)*

*O Diretor da escola, professores e funcionários deviam de se impor e os pais também. (A1)*

*Acho que até os próprios colegas de turma deveriam de apoiar e os professores também e se fosse no intervalo, deveriam ser os colegas que assistem e o Diretor e os funcionários, por exemplo o porteiro (A2)*

*Nas salas, deveriam ser os professores a defenderem-nos. No recreio, os nossos amigos, digo eu... se forem nossos amigos. Por vezes, não o fazem porque têm medo de passarem a ser eles o alvo. (A1)*

*O que é que vocês acham que se deve fazer para prevenir casos de Bullying? Gostava muito de ouvir as vossas opiniões e sugestões.*

*“Acho que era muito importante ter alguém para poder desabafar. Ter alguém que ouvisse. (A1)*

*Acho que é importante a vítima recorrer a alguém. Por exemplo um psicólogo, já o agressor precisa de uma psiquiatra. (A2)*

*A vítima devia ter apoio... psicológico principalmente (A7)*

*Falar com os agressores ou, por exemplo, é uma ideia um bocado estúpida, não sei se daria alguma coisa, fazer assim umas palestra a explicar o que isso causa nas vítimas. Explicar que isso não é corretas... coisas desse género. (A5)*

*A vítima devia ter alguém para desabafar... acha que era importante, sei lá... (A8)*

*Ajudar a vítima a mostrar que não tem medo. Assim, talvez faria com que o agressor deixasse de se meter com a vítima (A3)*

*Imaginem que vocês eram responsáveis por uma entidade formadora (uma escola como esta), o que é vocês fariam para evitar e controlar o bullying?*

*Tomava medidas para apoiar as vítimas. (A1)*

*Então, fazia o que já disse: palestras, sessões de esclarecimento sobre este tema... (A5)*

*Antes de a vítima ser vítima, os agressores devem de ser acompanhados para se manter estável e para que não haja vítimas. (A3)*

*Promover debates (A8)*

*Promover workshops (A2)*

*Fazer campanhas de sensibilização (A4)*

*Usar os media e as redes sociais para ajudar a controlar o bullying (A6)*

*Criar no facebook grupos de discussão (A7)*

*Mais alguma coisa que queiram ver esclarecida ou que tenham a acrescentar?*

*Sendo assim, só me resta agradecer-vos a vossa participação para este estudo.*

Excerto da formanda que se assumiu como vítima

*Porque é que vocês acham que a vítima se submete?*

*“Tudo começa só com ‘boquinhas’ mas a pessoa vai ficando afetada psicologicamente e acaba por ficar triste, começa-se a sentir a mais; começa a sentir-se inferior.” (A5)*

*Conhecem algum caso de bullying?*

*Eu conheço... o meu. (A5)*

*Quer falar sobre isso?*

*Sim... Gozavam muito comigo. Chamavam-me tudo e mais alguma coisa. Ameaçavam-me... Perseguiam-me. Pronto. Era isso. (A5)*

*Era uma provocação física ou psicológica?*

*Era psicológica e não chegou a física porque eu não deixei... Fugi. (A5)*

*Mas não foi aqui. Foi noutra escola. (A5)*

*Que tipo de sentimentos acham que o bullying causa nos agressores e nas vítimas?*

*Sinto que eles são violentos, mal-educados, malformados... muita coisa. E a vítima, com medo, sente-se dominada e sente-se inferior (A5)*

*Em que momentos e locais ocorrem mais situações de bullying?*

*Em qualquer sítio... no intervalo, na sala, em contexto de trabalho... na saída, através de mensagem, por exemplo. (A5)*

*No meu caso, era dentro da escola e fora da escola... Era nos intervalos. Nas aulas, também acontecia, mas não era tão frequente. (A5)*

*E quais serão as razões que levam os agressores a escolherem uma determinada vítima? Que vos parece?*

*As vítimas são fáceis de manipular, são frágeis ou podem estar num momento frágil e ainda assim geram a inveja dos agressores. (A5)*

*No seu caso, o que é que acha que a tornou um alvo? (dirigido à A5)*

*No meu caso, não sei... não demonstrava ser fraca... eu era alegre, dava-me bem com toda a gente. Foi de repente... Acho que foi pelas notas... Talvez inveja. (A5)*

*E no seu caso? Quer falar sobre isso? Se não quiser, esteja à vontade... (dirigido a A5)*

*No meu caso, sentia raiva, sentia medo... Ficava triste. Eu não acho que o agressor se sinta o maior. Pelo contrário, acho que se sente inferior e por isso faz bullying para se sentir o maior. Como sente precisamente o oposto, faz essa pressão psicológica para se sentir melhor consigo próprio. Acho que é isso que o agressor sente. (A5)*

*Quando ocorrem situações problemáticas a quem é que vocês recorrem? No caso do bullying, a quem é que vocês acham que as vítimas pedem ajuda?*

*Eu tentei recorrer aos meus amigos, mas eles não podiam fazer mais do que o que já faziam. Por isso, tive de recorrer à minha mãe.*

*Quem é que vocês acham que tem o dever de vos apoiar, mesmo nos casos em que não pedem ajudam?*

*Na escola, a primeira pessoa a ajudar deveria ser o diretor. Agora, fora da escola tem de ser a vítima ou pessoas ligadas a ela: amigos ou os pais. (A5)*

*O que é que vocês acham que se deve fazer para prevenir casos de Bullying? Gostava muito de ouvir as vossas opiniões e sugestões.*

*Falar com os agressores ou, por exemplo, é uma ideia um bocado estúpida, não sei se daria alguma coisa, fazer assim umas palestras a explicar o que isso causa nas vítimas. Explicar que isso não é correto... coisas desse género. (A5)*

*Imaginem que vocês eram responsáveis por uma entidade formadora (uma escola como esta), o que é que vocês fariam para evitar e controlar o bullying?*

*Então, fazia o que já disse: palestras, sessões de esclarecimento sobre este tema. Falar no assunto para que não haja vergonha nem medo (A5)*

<b>Entrevista ao Diretor da Entidade</b>	
<b>Data: 16/10/2018</b>	<b>Duração: 58m</b>

*Esclarecidos todos os objetivos desta entrevista, sendo o senhor Diretor desta Entidade, desde já agradeço a sua autorização para efetuar este trabalho, no âmbito da minha dissertação sobre o Bullying na Formação Profissional, bem como a sua disponibilidade para participar neste estudo. Basicamente, eu gostaria de falar consigo então, fazer algumas questões sobre o bullying.*

*Com certeza.*

*Na sua perspetiva o que é o bullying?*

*O bullying é efetivamente a agressão daqueles que se julgam os dominadores comuns de todas as situações sobre os jovens indefesos, não é? Jovens estes que sendo mais bem formados não alinham neste tipo de situações.*

*Quem são perpetradores do bullying ou quem são os agressores?*

*Eu chamá-los-ia agressores e os agressores são efetivamente jovens vindo de famílias disfuncionais, sem bases educacionais.*

*Quais as causas e motivações do bullying?*

*As causas do bullying são efetivamente jovens de famílias disfuncionais que não tem qualquer tipo de acompanhamento que não tem qualquer tipo princípio de educação formação e ética e que origina este tipo de situações.*

*E porque é que as vítimas se submetem?*

*Por uma questão de receio, de humildade, por uma questão de fragilidade, por medo.*

*Conhece casos de bullying?*

*Sim, sim. Trabalho há 30 anos com este tipo de situação.*

*E são muitos ou poucos?*

*Não são assim muitos, mas já aconteceram alguns casos.*

*Das modalidades que conhece da formação profissional, onde é que acha ocorre mais e em que tipologia?*

*Eu penso que ocorre mais é efetivamente na tipologia dos cursos educação formação, pese embora o facto já ter alguns ocorrido nos cursos de aprendizagem, mas a maior percentagem é mesmo daqueles miúdos com insucesso escolar. Esses são os casos mais complexos.*

*E no caso do Sistema de Aprendizagem?*

*Também ocorre, mas quanto mais jovens e menos escolaridade, mais graves são os casos.*

*E concretizam-se como esses casos? Quero dizer, que tipo de comportamentos assumem esses agressores?*

*É nomeadamente ao nível de intimidação, do palavrão, da agressividade a de modo que no conceito deles dominem a vítima.*

*Ok, em que situações ou momentos do dia podem ocorrer estas situações?*

*Estas situações nomeadamente quando ocorrem, ocorrem sempre antes da formação da parte da manhã, podem ocorrer durante a hora do almoço como podem ocorrer no final da formação final do dia da sessão, ou seja é no chamado tempo livre.*

*Comparativamente como se comporta o bullying na formação profissional e nas escolas? Qual é a sua opinião?*

*Eu penso que na formação profissional não terá o enfase, vou falar-lhe o enfase. Não terá o enfase que se verifica nas escolas e porquê? Porque ....desde que estes jovens tenham acompanhamento e haja efetivamente possibilidade de recursos humanos dos técnicos afetos as estruturas para fazer acompanhamentos aos formandos há uma menor possibilidade destes predadores atacarem as vítimas e nas escolas como se ouve a falar não há tanto esta oportunidade é claro que aqui os predadores sentem mais a vontade e mais à solta.*

*Nos casos existentes e seus conhecidos que medidas foram tomadas?*

*Quando surgem estas situações é chamado agressor; é chamada a vitima em separado, é posteriormente chamado os pais, os encarregados de educação de..*

*... vítima e agressor*

*Sim, sim... e tomaram-se diversas atuações, nomeadamente algumas medidas disciplinares. Quando a situação se consegue resolver e quando não é um assunto muito grave poderá passar por uma repreensão. Se eventualmente a medida for mais gravosa passa por medidas disciplinares que culminam, se efetivamente for muito grave, na expulsão do agressor.*

*Acha que foram eficazes?*

*Sim, sim, sem dúvida até nunca mais se voltaram a repetir.*

*O que poderia e deveria ser feito para evitar o bullying, este fenómeno que tanto preocupa pais e professores, e os comportamentos agressivos em geral no ambiente formativo?*

*Sim, acho que é essencial efetivamente o apoio e acompanhamento que é prestado aos formandos em formação, para eles, nomeadamente estes predadores, sentirem uma aproximação dos técnicos de formação aos formandos. Se assim for, eles sentem que não têm muito campo de manobra para poder desenvolver este triste fenómeno.*

*Gostaria de dizer mais alguma coisa, realçar alguma coisa que não foi referida?*

*Desejar efetivamente felicidades para o seu trabalho.*

*Desde já gostaria de agradecer a sua colaboração e muito obrigado.*

*Ora essa, muito obrigado.*

<b>Entrevista Formadora A - Componente Sociocultural</b>	
<b>Data: 22/10/2018</b>	<b>Duração: 58m</b>

*Conforme já referi, no momento em que encetei o convite de participação, este estudo insere-se na dissertação que estou a trabalhar no âmbito do mestrado de Educação, Especialização em Administração de Organizações Educativas, cujo tema é o bullying em contexto de formação profissional.*

*Renovo o meu agradecimento pela disponibilidade para participar e começaria por lhe perguntar, doutora, na sua perspetiva o que é o bullying?*

*O bullying ocorre quando alguém é tratado mal, não é? Tratam mal alguém sob o ponto de vista físico ou psicológico e também de forma a que a pessoa se sinta humilhada, inferiorizada, não é, em relação aos outros, o que leva muitas vezes ao isolamento, isolamento dessa pessoa, que se torna uma vítima neste caso, não é, que se isola do resto da comunidade onde está inserido.*

*Ok, Quem é são perpetradores do bullying?*

*Normalmente são os colegas, os pares não é?*

*Miúdos mais crescidos, mas da mesma idade que convivem todos os dias, com quem convivem todos dias, no espaço escolar, seja no ensino regular ou na formação profissional.*

*E, para si quais são as causas e motivações do bullying?*

*Eu nunca percebi muito bem, porque é que...normalmente o agressor pretende dominar aquele que, sobre o qual, sobre a vítima, sobre o qual faz bullying. Muitas vezes para chamar atenção, não sei, para se mostrar que é mais poderoso no meio onde está inserido, quer mostrar que é líder muitas vezes, para que os outros também o sigam, se calhar às vezes pode ser uma chamada de atenção, se calhar foi o seu passado, não sei.....*

*O que quer dizer com isso? Acha que os agressores podem também ter sido vítimas, é isso?*

*Sim, muitas vezes o passado do agressor pode ter tido esses contornos, o agressor já ter sofrido bullying e portanto fazer aos outros aquilo..., por aquilo que já passou também.*

*E porque é que as vítimas se submetem?*

*As vítimas muitas submetem-se ao bullying porque têm medo; em primeiro lugar penso que têm medo, têm medo de mais sofrimento, não é, de mais represálias. Muitas vezes é uma forma de pensarem assim, sofreu agora, mais depois ele deixa-me em paz um tempo, ou passa algum tempo, esquecem de mim começam com outro. Mas na realidade isso não acontece, normalmente quem é vítima de bullying é durante muito tempo, até que consiga contar o que se passa ou alguém se aperceba e seja ajudado.*

*Doutora, conhece casos concretos de bullying na formação profissional?*

*Olhe, eu na formação profissional pessoalmente nunca dei conta de nenhum caso desses. Às vezes, apercebi-me de uma ou outra situação que pensei que poderia haver bullying, mas depois analisando um bocadinho mais de perto achei que não seriam casos de bullying.*

*Em conversas com outras colegas, tenho conhecimento de um miúdo, portanto uma vítima de bullying, da idade do meu filho, mas já foi alguns anos atrás, sendo ele ainda aluno da primária. Portanto, no meio profissional é, em formação profissional, aqui por exemplo neste centro, nunca me apercebi assim de nada.*

*E fora da formação profissional? Noutro sítio, sem ser o caso desse pequeno que referiu?*

*Não me apercebi, já trabalhei noutra centro, e nunca apercebi, também porque, não sei, não estava com uma faixa etária tão jovem. Embora não seja a faixa etária mais jovem. Há os CEF que ainda são mais jovens, mas não sei de nenhum caso que possa sofrer de bullying; No outro centro estava com adultos e se calhar havia uma distancia maior, eu formadora e eles, acho que quando é com miúdos há mais a proximidade das turmas e o meio é mais pequeno, pelo que se houvesse casos graves, apercebia-me.*

*Muito bem, e em qual modalidade formativa acha que podem ocorrer mais casos?*

*Pois em relação ao que disse anteriormente, na resposta que dei anteriormente, penso que talvez seja mais na Aprendizagem, porque na formação profissional para adultos não tenho tanta essa percepção.*

*E que tipos de comportamentos assumem os agressores?*

*Que tipos de comportamentos assumem os agressores? Normalmente, dizem nomes, chamam nomes às vítimas, não é? Podem chamar nomes de acordo com algumas características físicas que as vítimas têm, por exemplo quando são miúdos mais gordinhos não é? Chamam-lhe gordos e algumas palavras, alguns adjetivos, quando são de cor também, principalmente, penso eu que é principalmente na raça, não é, na cor e no*

*tamanho, na aparência física, acabam por humilhá-los muitas vezes relativamente a alguma característica deles na aparência física, começa muitas vezes por aí, acho que é um bullying mais virado primeiramente se calhar para aparência física, que vai pois claro interferir com a. para poder dominar sobre vítima, não é, Interferir com a maneira de ser, comportamento e atitudes da vítima*

*Em que situações, em que espaços ou momentos do dia acha que ocorrem mais casos?*

*Normalmente é nos intervalos, antes de entrar na sala de aula ou fora, ou seja no bocadinho de tempo em que podem estar mais retirados no espaço, fora de aulas, enfim no tempo livre.*

*E nas imediações do centro?*

*Ou nas imediações do centro, exatamente, as vezes é fora dos corredores, é lá fora, na rua, mas ali perto do centro, perto donde fazem a sua formação.*

*Qual é a sua opinião quanto ao comportamento do bullying na formação profissional comparativamente às escolas?*

*É mais ou menos a mesma coisa, porque o agressor têm mais ou menos os mesmos objetivos quando pratica o bullying, seja no contexto formação profissional seja em contexto escolar regular, penso que seja mais ou menos os mesmos objetivos.*

*Nos casos existentes e seus conhecidos, que medidas foram tomadas?*

*No caso específico de um que eu acompanhei mais de perto envolveu-se depois os pais e também algumas pessoas da comunidade escolar terem prosseguido o problema houve ali uma envolvência maior e um dialogo também entre os pais do agressor o próprio agressor não é ? e a comunidade escolar, sendo a comunidade escolar neste caso o aluno, a vítima, pais da vítima, os professores e até mesmo os funcionários, toda a comunidade escolar numa tentativa de ajudar a vítima mas também ajudar o agressor, fazê-lo entender que a sua atitude não estava correta e muda-lo.*

*OK, acha que foram eficazes?*

*Neste caso foi, neste caso foi eficaz houve ali uma envolvência grande e uma ajuda muito grande da parte de todos, foi mesmo da parte de todos.*

*O que poderia e deveria ser feito para evitar o bullying e os comportamentos agressivos em geral no ambiente formativo?*

*É sempre um bocado difícil ter assim uma varinha mágica, não é, ou adivinhar que estratégias ou escolher as estratégias mais adequadas para isso acontecer para que o bullying nem sequer existisse, não é? É sempre um bocado difícil porque nós não conseguimos controlar a mente dos outros e muitas vezes as aparências também nos enganam. Às vezes, os agressores são aqueles de quem nós não esperaríamos que fizesse esse tipo de... tivesse esse tipo de comportamentos, percebe? Nem sempre, e só a conviver dia a dia olhando para eles, trocando uma ou outra palavra, nos conseguimos perceber quem são realmente... o importante é que se transmita o seguinte, quem é vítima que alguma maneira se faça ouvir, que dê conhecimento do que se passa consigo... Penso que é o maior passo que a vítima esteja alertada sempre, que haja, claro, conversa com eles sobre este assunto... que os alertemos.*

*Refere-se a quê, concretamente?*

*Sensibilização, exatamente que os alertemos para este tipo de problema para que quem é agressor não o seja, ou seja, não chegue a sê-lo, não é... Mas principalmente a vítima poder logo à primeira experiência denunciar, não é... Denunciar o comportamento do agressor.*

*Muito bem, doutora, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa?*

*Não, não tenho assim mais nada para acrescentar.*

*Então vamos finalizar a entrevista e, mais uma vez, agradeço a sua colaboração, muito obrigado.*

<i>Entrevista Formadora B - Componente tecnológica</i>	
<i>Data: 22/10/2018</i>	<i>Duração: 45m</i>

*Conforme já referi, no momento em que foi feito o convite de participação, este estudo insere-se na dissertação que estou a trabalhar no âmbito do mestrado de Educação, Especialização em Administração de Organizações Educativas, cujo tema é o bullying em contexto de formação profissional.*

*Renovo o meu agradecimento pela sua disponibilidade em participar neste estudo e começaria por lhe perguntar, na sua perspetiva o que é o bullying?*

*Ora, o bullying é um tipo de violência, a que, poderá ser violência física ou psicológica em que temos intervenientes, não é? .Quem faz o bullying e quem sofre do bullying.*

*E quem são os perpetradores do bullying?*

*Ou seja os responsáveis por... não é?*

*Exatamente...*

*Neste caso, costumam a ser os adolescentes mais velhos, os que tem maior poder sobre os outros, os líderes dos grupos, normalmente são esses os agressores.*

*E quais serão as causas e motivações desses jovens?*

*Gostam de dominar, tem por exemplo um grupo e gostam de dominar e mostrar que são melhores e mais fortes do que os outros.*

*Porque é que as vítimas se submetem?*

*Têm medo, têm receio e ficam intimidados com o agressor. Ah... e acabam também por ser mais frágeis, claro que o agressor vai fazer bullying com essas pessoas mais frágeis e às vezes um bocadinho mais diferentes, não é?*

*E casos de bullying na formação profissional, conhece?*

*É assim, evidentes não, que eu tenha conhecimento e evidentes não... mas há sempre suspeitas...*

*Mas a haver casos esses casos suspeitos, em que modalidade formativa acha que ocorrem mais casos?*

*No sistema da aprendizagem... porquê? Porque são jovens... e alguns deles, já desistiram de muita coisa... já passaram também por muita coisa... é isso*

*Que tipos de comportamentos assumem os agressores?*

*Agressões físicas e verbais... São agressivos, podem mesmo retirar até objetos aos outros, intimidam-nos não é? Intimidando-os fisicamente ou psicologicamente, é algo repetido, não é, e que se prolonga, não é um ato isolado.*

*E em que situações, em que espaços ou momentos, ocorrerão esses casos?*

*Por exemplo, quando se inicia um novo curso os mais velhos acabam sempre por...*

*E será antes depois ou durante a formação, dentro da formação?*

*Mais no início, no início da formação do início dos novos cursos, talvez ... E também nos intervalos, não é?*

*Se pensarmos no comportamento do bullying nas escolas públicas e na formação profissional, acha que são equiparados ou há diferenças, comparativamente à escola?*

*Eu penso que não haverá assim muita diferença, penso que será o equivalente... ou seja, os miúdos têm os mesmos tipos de problemas e reações.*

*E nos casos existentes e seus conhecidos, que ouviu falar, que medidas foram tomadas?*

*Não nos casos existentes aqui, não é, mas no geral, as medidas normalmente fala-se quer com o agressor quer aquele que sofreu de bullying para realmente apurar o que se passa e tentar que o agressor não continue a fazer o mesmo e também para motivar e maior autoestima para quem sofre bullying ... tem de ser acompanhado.*

*A vítima?*

*A vítima, sim.*

*Acha que essas medidas foram eficazes?*

*Na maioria, sim*

*Ok, e o que é que poderia e deveria ser feito para evitar o bullying e os comportamentos agressivos em geral em ambiente formativo?*

*Eu acho que falar sobre o assunto, dar alguma informação e formação aos jovens, penso que passa por aí, fazer campanhas, fazer trabalhos, dar exemplos reais, penso que passa por aí, tentar.*

*Campanhas de sensibilização?*

*Sim, campanhas de sensibilização, exatamente.*

*Não sei se gostaria de acrescentar mais alguma coisa, que ache pertinente?*

*Penso que que as perguntas acabaram por abranger tudo.*

***Então muito obrigado pela sua colaboração.***

*Obrigada eu.*

<b>Entrevista – Profissional de Ajuda - Psicóloga</b>	
<b>Data: 16/10/2018</b>	<b>Duração: 40m</b>

*Conforme já lhe referi, este estudo insere-se na dissertação que estou a trabalhar no âmbito do mestrado de Educação, Especialização em Administração de Organizações Educativas, cujo tema é o bullying em contexto de formação profissional.*

*Renovo o meu agradecimento pela sua disponibilidade em participar neste estudo e começaria por lhe perguntar, na sua opinião, neste caso, na sua perspetiva o que é o bullying?*

*O bullying é um conjunto de atos, comportamentos de ordem física, de ordem emocional, algo que são dirigidos a uma outra pessoa*

*E quem considera que são os perpetradores do bullying?*

*Portanto, normalmente quem pratica o bullying... o bullying normalmente não é uma só pessoa que pratica o bullying, portanto, normalmente, o bullying está muito associado a um grupo.*

*Há estudos que efetivamente demonstram que, quem pratica bullying são crianças ou jovens que vêm também de contextos socio familiares baixos ou que evidenciam de certa forma violência em casa e portanto é uma forma de transmitir, muitos comportamentos para contexto escolar.*

*Com base no que disse, quais são as causas e as motivações de bullying, na sua ótica?*

*Pois, indo de encontro áquilo que disse anteriormente, tem a ver muito também com o meio socio familiar com que estão inseridos, normalmente também é uma forma de se afirmarem na escola...*

*Normalmente procuram os grupos de pertença; é uma forma de manter a sua assertividade e de querer dominar o meio escolar e a pessoa a quem a quem praticam o bullying.*

*E porque será que as vítimas se submetem?*

*Porque é que as vítimas se submetem? Boa pergunta...Muitas vezes por uma questão de receio, medo, não é? Penso que é por aí, e também porque os agressores sabem escolher muito bem as suas vítimas. Porque normalmente já escolhem aqueles jovens que são potencialmente mais vulneráveis.*

*Conhece alguns casos de bullying na formação profissional?*

*Cá na Feira..., não... Que tenha conhecimento, não, portanto tenho conhecimento de casos de jovens que sofreram bullying antes de virem para cá... Mas, de momento, que eu tenha conhecimento aqui não...*

*Mas pode ter acontecido no passado aqui? Antes da sua vinda para cá...*

*Sim... é possível. Eu também não estou cá, assim há tanto tempo quanto isso.*

*E qual é a modalidade formativa onde acha que podem ocorrer mais casos?*

*Na aprendizagem, sem dúvida.*

*Porquê?*

*São jovens... estão numa fase de se afirmarem... o grupo para eles é sobrevalorizado e depois acontecem esses exibicionismos e... pronto.*

*Que tipos de comportamentos podem assumir os agressores?*

*Portanto em termos de tipo de comportamentos, pode a ser então a tal violência física, a violência psicológica, depois há também comportamentos que estão muito relacionados também com cyberbullying que agora se começa mais falar... também pode estar presente, que é, o bullying através das redes sociais, há também o bullying racial portanto em que os jovens são discriminados, portanto por causa da sua raça... Nós cá temos, temos casos de jovens de raças e etnias diferentes... e há bullying sexual que não é tão falado mas também existe.*

*E em que situações, em que espaços ou momentos acha que podem ocorrer?*

*É assim, no contexto escolar, penso que é mais no recreio*

*E aqui nesta entidade que estou a estudar, pode acontecer aqui?*

*Pode...*

*Onde? Nas aulas, nos recreios, nos momentos que eles estão a descansar...?*

*Embora esteja sempre alguém responsável que está que está com eles, mas sim pode acontecer em qualquer um desses espaços, sobretudo nas pausas...*

*Ok, e como se comporta o bullying na formação profissional comparativamente às escolas?*

*Eu penso que não há diferença, mas... não estou a perceber muito bem a pergunta...*

*Acha que existe alguma diferença entre o bullying escolar e o bullying da formação profissional? Se há mais ou menos casos... se os comportamentos de agressores e vítimas são similares...*

*Não, não... É tudo similar, não é...*

*E que efeitos, consequências, pode ter na vítima, designadamente ao nível da formação?*

*Mudança de rotinas... uma vida com medo para um ou uma jovem é terrível; pode conduzi-los a desistência de viver... ao nível da escola, lá está, tem influência no aproveitamento e muitas vezes leva ao abandono... por medo.*

*Nos casos existentes e seus conhecidos que medidas foram tomadas? .... naqueles casos que conheceu houve medidas tomadas?*

*Houve, houve medidas tomadas, mas normalmente medidas que não são tomadas no imediato, que seja, só passado algum tempo do jovem estar a ser vítima do bullying é que conseguiu expor o caso, então, depois aí é que foram acionados os meios, ...chamar a família, intervir com o agressor, intervir com a vítima.*

*Muito bem, acha que essas medidas foram eficazes?*

*Eu penso que sim, até porque tenho acompanhado de perto esses casos de bullying e a atitude do..., portanto das vítimas do bullying está completamente mudada, portanto são jovens com mais autoestima, com mais capacidade e assertividade.*

*Então conheces casos de bullying na formação? Por poucos que sejam, há?*

*Sim, há.*

*Ok, Porque já houve procedimentos a tratar aqui alguns casos, chamar a família, chamar a vítima, chamar o agressor, essencialmente, então há?*

*Houve anteriormente, comigo aqui, não...*

*Ainda não houve?*

*Ainda não houve...*

*E esperemos que não haja... O que poderia e deveria ser feito para evitar o bullying, e dos comportamentos agressivos em geral no ambiente formativo?*

*Isso pode passar também muito pelas as chamadas ações de formação quer dirigidas aos próprios jovens em contexto de sala de aula, portanto dinâmicas, dinâmicas de grupo sobre agressividade, sobre autoestima, sobre assertividade e mesmo palestras sobre sensibilização de que é isto, que isto do bullying , para além disto também as sessões individuais que são feitas no serviço de psicologia para acompanhar os jovens e dar espaço para que eles possam falar sobre isso...*

*Muito bem, tem alguma coisa que gostaria de acrescentar?*

*Não, penso que não.*

*Então, vou finalizar a entrevista, agradecendo e valorizando a sua colaboração, ok?*

*Obrigada.*

*Muito obrigado....*

